

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

PÂMELA LAURENTINA SAMPAIO REIS

**ENTRE REDES
Mulheres, afetos e desejos**

**TERESINA
2015**

PÂMELA LAURENTINA SAMPAIO REIS

ENTRE REDES
Mulheres, afetos e desejos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como exigência à obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Orientador: Prof.^a Dr. Fabiano de Souza Gontijo

Linha de Pesquisa: Marcadores Identitários na Contemporaneidade.

TERESINA – PI
2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

R375e Reis, Pâmela Laurentina Sampaio.
Entre redes : mulheres, afetos e desejos / Pâmela Laurentina
Sampaio Reis. – 2015.
130 f.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade
Federal do Piauí, 2015.
“Orientador: Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo”.

1. Homossexualidade Feminina. 2. Mulheres. 3. Afetos.
4. Desejos. I. Título.

CDD 306.766 3

PÂMELA LAURENTINA SAMPAIO REIS

ENTRE REDES
Mulheres, afetos e desejos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt), da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como exigência à obtenção do título de Mestra em Antropologia.

Teresina, 11 de setembro de 2015

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fabiano de Souza Gontijo
Orientador (UFPA/ PPGA/IFCH)

Prof.^a Dr.^a Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa
Examinadora Interna (UFPI/PPGAnt)

Prof.^a Dr.^a Elisângela Barbosa Cardoso
Examinadora Externa (UFPI,)

Prof.^a Dr.^a Shara Jane Costa Adad
Examinadora – Suplente (UFPI/DMTE)

AGRADECIMENTOS

Os meus afetos em movimento estão encarnados em múltiplos corpos. Assim, ao concluir este trabalho agradeço:

À CAPES, por ter financiado a pesquisa que resultou neste trabalho.

As pessoas que se dispuseram em colaborar com essa pesquisa ao longo desses anos com muita generosidade, confiança e satisfação. Agradeço especialmente a quem chamo de Dara nesse trabalho.

Ao meu orientador Dr. Fabiano Gontijo por toda a sua dedicação oferecida a Universidade Federal do Piauí, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia no qual deixou bons frutos e o caminho aberto. Gostaria ainda de agradecer-lo por sua forma particular de acreditar na potência dxs seus alunxs, no desenvolvimento das pesquisas científicas e nas múltiplas formas dos afetos e dos desejos. Tenho uma profunda admiração, respeito e afeto. Obrigada!!!

À minha mãe Adalgisa Sampaio por todo o seu estoque de amor e ternura compartilhado. Por acreditar no investimento educacional e na formação acadêmica como via possível de trilhar. A minha avó Adalgisa, pelo seu olhar afetuoso, sempre de incentivo. As minhas irmãs Tâmara e Taianara por todo o zelo, carinho, escuta atenciosa, broncas oportunas e por todo o cuidado dedicado a minha pessoa nesse processo. Ao meu pai Itamar Reis, por deixar faíscas afetivas em meu caminho. Ao meu cunhado e amigo Otávio Nogueira por todo o incentivo, afeto e amizade sincera.

Às professoras e professores do Programa de Pós Graduação em Antropologia que contribuíram de várias maneiras nesse processo de formação. A professora Dra. Francisca Verônica com quem tive a oportunidade de compartilhar além de importantes disciplinas, momentos de cuidado, atenção e incentivo. Ao Dr. professor Alejandro Labale, pelas sugestões e provocações frutíferas compartilhadas. A professora Dra. Andrea Sacbello por sua força enquanto coordenadora do Programa. Aos professores Dr. Robson Cruz e Dr. João Miguel.

Sou particularmente grata à professora Dra. Lídia Noronha, que participando do exame de qualificação, leu de maneira atenciosa o trabalho, sugerindo novas perspectivas e reflexões imprescindíveis. A minha eterna gratidão por participar também da defesa deste trabalho.

À professora Dra. Elisângela Barbosa Cardoso do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí, por quem, tenho uma eterna gratidão por sua competência, generosidade e incentivo. Certamente, tê-la como professora nesse processo foi de fundamental importância.

Ao feliz encontro com as professoras Drs. Suely Messeder , Dra. Fátima Lima e Dra. Laura Moutinho. Por nossas breves e significativas conversas.

Aos amigos da quinta turma do Programa de Pós-Graduação em Antropologia: Cayo César por sua alegria e maestria; Kelb Leite por sua simpatia; Cinthya Kós por todas as suas brilhantes

performances; Maria de Fátima pelo exemplo de força e competência; Ary pela seriedade oportuna; Cidianna pela calma; Polina Maton por sua vontade e dedicação.

À grande amiga Jayna Feijão, com quem tive a oportunidade de compartilhar a minha trajetória intelectual e uma amizade sincera.

Ao grupo de estudo Sexgen e aos frutíferos debates e produções. Especialmente, a Dai Caroline, Ana Fortes, Clarissa Carvalho e Jainara Oliveira.

À Kelma Gallas por nossa amizade, parceira e amor. Obrigada por toda a compreensão.

À minha parceira Manu, que nos momentos finais do trabalho contribuiu de forma significativa para a compreensão do campo etnográfico.

Sou imensamente grata à Nayra Sousa por ter vivenciado ao meu lado cada etapa desse trabalho. Apesar de morarmos em bairros completamente opostos você atendia as minhas incansáveis solicitações de presença. A sua dedicação e preocupação foram imprescindíveis para a realização desse trabalho. Obrigada, por suas leituras, observações e revisões. Tenho estima e amor por nossa amizade.

À Tâmara Coimbra, por toda a paciência, tranquilidade e sinceridade.

À Célia Costa, grande amiga!!!

À Joseane Costa e Ana Bueno, por toda a ajuda, carinho e amor.

Ao grande amigo Aílton Carvalho, pelo carinho e incentivo em todos os momentos da minha trajetória.

À Fatima Peixoto, por nossos afetos!!!

Aos funcionários da UFPI, especialmente as pessoas que trabalham na cantina do CCHL, lugar que tanto frequentei para boas doses de café e para boas trocas de afetos.

Ao Natanael Oliveira, secretário do PPGAn por todo o suporte.

Por fim, não poderia deixar de agradecer à Odete Cajueiro por seu apoio afetivo, sem o qual seria extremamente difícil concluir a etapa final dessa pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa teve o objetivo de analisar a conformação e os movimentos de redes de relações envolvendo mulheres na faixa de 28 a 46 anos que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres, pertencentes às camadas médias e residentes na cidade de Teresina. Trata-se, especificamente, de pensar o lugar dos afetos e dos desejos nas dinâmicas de interação e nas trajetórias de vida, incidindo o foco na produção e na negociação de moralidades como meios de acesso à micropolítica particular, a partir da qual essas mulheres apresentam uma imagem de si, que é criada, construída e reformulada em situações específicas. Para potencializar essa análise situacional, foram observados como os marcadores sociais da diferença, como gênero, sexualidade, geração e classe, definem espaços de agência e campos de possibilidades.

Palavras-chave: Homo(sexualidades). Mulheres. Afetos. Desejos.

ABSTRACT

This research aims to analyze the conformation and the movements of relationship networks involving women in the age range 28-46 years old who relate emotionally and sexually with other women, belonging to the middle layers and resident in the city of Teresina. It is specifically about thinking the site of affections and desires in the dynamics of interaction and in life trajectories, focusing on production and negotiation of morals as means of access to the particular micropolitics, from which these women present an image of themselves, which is designed, constructed and reformulated in specific situations. In order to enhance this situational analysis, we observed how the social markers of difference, such as gender, sexuality, race, age and class, define spaces of agency and fields of possibilities.

Keywords: Homo (sexualidades). Women. Affection-Desire

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - CAMPOS, TRAJETOS E ESCOLHAS	20
1.1 Uma tarde quente e uma conversa despreziosa	20
1.2 Movimentos Etnográficos	26
CAPÍTULO 2 - VINTE ANOS DEPOIS: CONTEXTOS, ESPAÇOS E SENTIDOS	32
2.1 Teresina: uma breve contextualização	32
2.2 Vinte anos depois: “Teresina mostra tua cara”!	37
2.3 Atualizando referências: do “gueto” ao mercado GLS.....	44
CAPÍTULO 3 - ETNOBIOGRAFIAS: Relações de gênero, família e sexualidade	49
3.1 Dara: Ascensão profissional e respeito	49
3.1.1 Contexto	49
3.1.2 Eliene: “um bar vagabundo”	50
3.1.3 Outros deslocamentos: Experiência Catalã	53
3.1.4 “Não nasci para ser razoável, nasci para ser boa”	56
3.2 Amora: Expectativas e (des)encaixes	58
3.2.1 Contexto	62
3.2.2 A criação de uma imagem (des)encaixada	63
3.2.3 “Porque eu gosto de muito mais verbos com mulher”	66
3.3 ANA: Rupturas e ressentimentos	67
3.3.1 Encontro	67
3.3.2 “A ilusão da independência econômica”	69
3.3.3 “Somos diversas e por isso eu não gosto de me classificar...”	71
3.4 Intercruzando Narrativas	74
CAPÍTULO 4 - ENLAÇANDO AFETIVIDADES E DESEJOS	81
4.1 Amizade e Confiança: relações <i>entre</i> o envolver-se e o reservar-se	86
4.2 Envolvendo-se...	88
4.3 Mensageiros velozes.....	93
4.4 Os Afetos Girando	100
4.5 Entre portões.....	101
4.6 Brigadeiros com boas doses de café	105
4.7 Parcerias, casamento e amor	109
4.8 Sobre relações	109
4.9 Amor, sexo e traição	113
4.10 “Nós gostamos de sapatinhos de cristal”	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
REFERÊNCIAS	123

INTRODUÇÃO

Em 2010, ainda estudante de graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Piauí, ingressei em um projeto de pesquisa, mais amplo, intitulado, Homoparentalidades, Homoconjugalidades e Cidadania: pais, mães e famílias homossexuais no meio-norte brasileiro na era dos direitos humanos¹. O projeto se encontrava em sua quarta fase, partindo de perfis, biografias, trajetórias, memórias e histórias de vida de homens, mulheres teresinenses e ludovicenses que estivessem em relações afetivo-amorosas com pessoas do mesmo sexo, com a duração de pelo menos um ano, envolvendo filhos nesse arranjo relacional.

A intenção era delinear os processos de construção social e cultural das conjugalidades e das parentalidades a partir de uma investigação de cunho qualitativa. Para tal, entre 2010 e 2012, foram entrevistados mais de 30 pessoas nos interiores do Piauí, na cidade de Parnaíba e, mais detidamente em Teresina, e em São Luís, além de conversas informais e de observações. Nesse contexto, foi produzido um amplo material de pesquisa, trabalho de campo, análises etnográficas, possibilitando, assim, acessar diferentes universos simbólicos, dentre eles, o das famílias compostas entre mulheres que se relacionavam afetivo-sexualmente.

Nos fluxos dos trabalhos de campo tive uma ampla oportunidade de inserção no universo das famílias compostas por mulheres enquanto casal afetivo-sexual em contraste com a dos homens. Devido à aproximação estabelecida, estas famílias tornaram-se o meu foco de análise no projeto de pesquisa permitindo-me apreender os movimentos relacionais referentes ao contexto familiar que diziam por um lado sobre os sentidos e significados de parentalidade, conjugalidade e por outro sobre as gramáticas sociais da amizade, dos desejos, dos namoros, das traições, separações e trabalho.

Os resultados da análise do campo etnográfico proporcionaram duas reflexões: a hipótese inicial de estudo sobre grupos sociais foi reformulada dando relevo para a compreensão de redes sociais articuladas. As experiências e vivências com os casais de mulheres proporcionaram naquele momento uma investigação sobre o quadro de produções científicas sobre a (homo) sexualidade de mulheres. Constatei através do banco de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) uma menor produção de pesquisas acadêmicas, desenvolvidas na pós-graduação, sobre

¹ Pesquisa coordenada pelo professor Fabiano Gontijo e com financiamento do CNPQ (Processo 300890/2009-5). Esses poderiam ser frutos de relacionamentos heterossexuais anteriores, ou adotados durante o relacionamento homossexual vigente ou anterior.

(homo)sexualidade de mulheres, se comparados às produções sobre (homo)sexualidade de homens. Soma-se a isso, a persistência de lacunas no que diz respeito às vivências da (homo)sexualidade de mulheres em contextos “periféricos”, ou seja, nas regiões Norte e Nordeste, nas áreas rurais ou menos urbanizadas (GONTIJO; REIS, 2014). As referentes constatações tornaram-se o ponto de partida para a construção do pressuposto analítico norteador desta dissertação, isto é, o estudo das redes relacionais entre mulheres que se envolvem afetivo-sexualmente na cidade de Teresina, Piauí.

Para tal, ampliei o campo etnográfico vivendo-o a partir do meu constante deslocamento entre as redes, privilegiando os percursos, trajetórias, devires da experiência cotidiana. Assim, eu estive inserida em um universo mais amplo de pelo menos 40 mulheres, no entanto, para fins de um delineamento da pesquisa incidi o foco nas dinâmicas de aproximadamente 20 mulheres, com mesmo nível socioeconômico, brancas em sua maioria, com curso superior completo, pós-graduação em distintos níveis desde especializações, mestrado, doutorado, pós-doutorado, residentes nas áreas consideradas “nobres” da cidade. A partir desses lugares situados acompanharemos os sentidos dados à experiência *entre* as redes sociais.

Rede social (*network*) é um conceito utilizado ao longo da tradição antropológica desde Radcliffe-Brown (1952), Mitchell (1969), Epstein (1969), Barnes (1969), Both (1976) para citar alguns. Esse conceito é utilizado aqui como um recurso da metodologia etnográfica desenvolvida pela Escola de Manchester². Por meio dele, busco, assim como Facchini (2008), enfatizar as relações interpessoais em contextos sociais particulares³.

A intenção é compreender essas relações situacionalmente no interior de um dado sistema social. Mitchell⁴ (1969), ao indicar a utilização do conceito de rede para o estudo de

² A Escola de Manchester surgiu em meados da década de 1950, tendo Max Gluckman como expoente; desenvolveu uma série de estudos que indicava a emergência de uma orientação processual, baseada na teoria da ação, um modelo teórico que propunha, simultaneamente, a observação do comportamento concreto dos indivíduos e a análise das representações sociais ancoradas em questionamentos verbais, reconstruindo, também, certa visão de mundo dos atores envolvidos. Entendia, assim, que tal separação metodológica entre observação do comportamento e análise das representações era artificial. A teoria da ação propiciou a elaboração de um conjunto de instrumentais de pesquisa que contribuíram em última instância, para a apreensão de processos, ações e sequências de desenvolvimento que reunisse pessoa, tempo e lugar (FELDMAN-BIANCO, 1987). Para um aprofundamento da Antropologia Social da Escola Britânica, ver Adam Kuper (2004). A respeito da Escola de Manchester e sua influência no Brasil, ver Peter Fry (2011).

³ Lomnitz (2002), assim define o conceito de rede social: [...] são construções abstratas definidas pelos pesquisadores como determinado que lhe interessa; ou seja, essas relações são determinadas por algum critério subjacente, o que lhe permite identificar as estruturas sociais que geralmente não são formalmente definidas pela sociedade e que de outra forma não seria identificável. O que interessa ao cientista social é como os relacionamentos são ordenados, como o comportamento das pessoas depende da sua localização no sistema e como elas influenciam próprios sistemas jurídicos dos indivíduos.

⁴ Mitchell (1969) e Epstein (1969) são representantes dos estudos africanos em contexto de urbanização, destacando-se no aperfeiçoamento do conceito de social *network* (KUPER, 2004).

sociedades complexas e urbanas, lembra-nos sobre a sua utilização no sentido metafórico e analítico. O primeiro sentido estaria mobilizando uma imagem de interconexões de relações sociais, deixando de detalhar as especificidades e as propriedades dessa ligação, tais como: conectividade, intensidade, papel. O sentido analítico estaria pautado na investigação da qualidade das conexões contidas na rede, possibilitando observar e analisar refinadamente os arranjos de relações, as lógicas classificatórias das relações, das posições e dos padrões de interação, ainda que possam parecer contraditórios e ambíguos. Nesse sentido, intencionamos articular o sentido metafórico e analítico com o propósito de descrever e analisar os arranjos relacionais que conformam microredes não como pontos estanques e nem como unidades.

Se, tais mulheres estão inseridas na cidade logo não podemos desconsiderar o contexto urbano como fluxos que compõem as redes e as microredes como multiplicidades em dinâmica de tensão contínua. Pensemos o micro como o lugar onde se processa a interiorização da reprodução das relações sociais, mas também pode funcionar como um lugar de resistência à ordem social dominante, onde se desenvolvem fenômenos irreduzíveis ao nível macro (PERLONHER, 1987). Portanto, a nossa análise se baseia nos movimentos entre redes, nos deslocamentos, nas multiplicidades que potencializam as conexões.

O aporte teórico que me permitiu desenvolver uma reflexão a respeito dessa temática partiu por um lado, dos estudos sobre a sexualidade no Brasil surgidos nos fins da década de 1970 e início da década de 1980. Esses estudos destacaram a sexualidade como um tema geral a partir do qual foi possível agregar um conjunto de tensões entre o amor e a paixão, afetividade e sexo, sexualidade e reprodução que envolvia ora o binômio prazer-obrigação ora aqueles da hierarquia-complementaridade, autonomia –dependência, igualdade- desigualdade; ou ainda aqueles como individualidade-coletividade, efemeridade-continuidade, liberdade-comprometimento (LOYOLA, 2000).

A discussão da sexualidade a partir dos temas referidos proporcionou um debate mais amplo relacionado ao esforço acadêmico científico de compreensão de diferentes estilos de vida e visões de mundo em uma sociedade complexa, na qual, surgia uma dimensão política de defesa, construção da cidadania e dos direitos humanos⁵. Autores dessa fase como Peter Fry (1982, 1983), Luiz Mott (1987, 1989 e 1996), Richard Parker (1986 e 1987), Nestor Perlongher (1987), Carmem Dora Guimarães (1977), para citar alguns, apostaram no projeto político-cultural que alargava a ideia de uma democracia pluralista, e assim, produziram

⁵ (FRY, 2004)

importantes trabalhos articulando o tema da sexualidade ao da homossexualidade nos contextos urbanos brasileiros.

Reservo uma atenção especial para Guimarães (2004) na sua pesquisa intitulada “O homossexual visto por entendidos”, especialmente por utilizar o conceito de *effective network*, como meio de estabelecer um ponto de partida para a abordagem do seu problema de pesquisa. A partir desse aporte, a antropóloga afirma introduzir a ideia de relacionamento do ego e do *alter* ou *altere*, em que o ego é tomado como ponto de referência para a construção do *effective network*. Com efeito, essas características assumem uma relevância no trabalho da autora:

Em primeiro lugar, porque Miguel, assim como Chanda⁶, foi o intermediário inicial entre eu e os demais indivíduos de sua rede de relações homossexuais, além de ser o principal colaborador durante toda a pesquisa; em segundo lugar, porque a análise dos dados revelou ser ele, Miguel, o ponto de referência chave dessa network. (GUIMARÃES, 2004, p. 23).

Guimarães (2004) se propõe a realizar uma etnografia sobre indivíduos que compõem uma rede de relações de natureza particular, com a finalidade de descobrir os critérios de atribuição de *status* e de prestígio pertencentes ao sistema simbólico de classificação e de hierarquização dessa mesma rede. Ao verificar como essa atribuição é manipulada nas relações internas de poder e na demarcação de fronteiras relacionais dinâmicas com outros indivíduos homossexuais e heterossexuais, destaca o significado que os indivíduos atribuem ao seu relacionamento. Concluiu que para os membros da *effective network*, o significado dos relacionamentos é determinado por vínculos de amizade, gerados na descoberta de identidades sociossexuais semelhantes.

O conceito de rede ou social *network* tornou-se intensamente utilizado na literatura sobre camadas médias com a intenção de compreender um núcleo de relações que se cruzam no interior de um dado sistema social, como dito. No contexto das sociedades contemporâneas, nas quais existem a especificidade da vida metropolitana, com sua heterogeneidade e variedade de experiências e costumes, contribuindo para uma maior fragmentação dos papéis sociais (VELHO, 1999), a constituição das redes sociais se baseia no critério da escolha de afinidades, transcendendo a armadura da localidade e do parentesco (HEILBORN, 2004). Portanto, é a partir dessa localização teórica que utilizo o conceito de rede articulado ao de sexualidade.

⁶ Intermediário escolhido por Epstein (1961) na sua pesquisa.

Destaco ainda, o trabalho de Fry (1982) sobre a construção histórica da homossexualidade no Brasil, no qual ele reflete sobre três modelos taxionômicos. No primeiro, existe um sistema ordenado e hierarquizado de gênero a partir do par de oposições: (homem) masculinidade/ativo sexual e (bicha) feminilidade/passivo sexual, coexistindo em toda a sociedade brasileira. Apesar de competir com outros sistemas, parecia ao autor haver uma preponderância em certas áreas do Norte e do Nordeste, entre as populações pobres das grandes cidades e do interior. Aqui, a relação entre “homens” e “bichas” é análoga à que se estabelece entre “homens e mulheres”, e, no mesmo contexto social, em que os papéis de gênero masculino e feminino são segredados e hierarquizados.

O segundo modelo de classificação é marcado por influência médico psicologizante, caracterizando a heteronorma, ou seja, os normais e os anormais. Ele está relacionado às transformações das classes médias altas das grandes metrópoles do país, em que encontramos um modelo igualitário, no qual, existe a categoria entendido que não pressupõe um cumprimento com a “passividade” ou “atividade” e possibilita, nas palavras do autor, um “troca-troca da igualdade”. Logo, enquanto no primeiro sistema, o ato sexual dramatizaria a diferença e a hierarquia; nesse segundo, ele dramatiza a simetria e a igualdade; o terceiro, com influências do segundo, marca a dicotomia homossexual e heterossexual.

Carrara e Simões (2007) ressaltam a importância dos diálogos e das discussões travadas no ambiente acadêmico do Brasil nas décadas de 1970 e 1980, chamando atenção para as reflexões de Fry, uma vez que, a partir delas, tornava-se possível verificar o início de algumas problematizações e conceituações-chave dos atuais estudos sobre “[...] sexualidade que, influenciados pelas vertentes pós-estruturalistas e pelos estudos *queer*, enfatizam a instabilidade/fluidez das identidades sexuais e a imbricação da sexualidade em relações de poder e hierarquias sociais dinâmicas e contextuais” (CARRARA; SIMÕES, 2007, p. 69). Dessa forma, esse referencial inspira a minha reflexão sobre a articulação entre sexualidade e outras hierarquias (sexo, gênero, cor, geração) que possibilitam apreender sistemas de classificação que orientam as sociabilidades, os afetos e os desejos das mulheres desta pesquisa.

Por outro lado, as discussões e análises desta pesquisa se dão através dos estudos de gênero. O conceito de gênero como categoria de análise nas ciências sociais é tributário da crítica feminista ao determinismo cultural no campo da sexualidade (ROSALDO, 1995; MACHADO, 1998; ALMEIDA, 2003, 2004; WEEKS, 2000; BOZON, 2008). Assim, gênero como uma categoria analítica, no sentido usado por Joan Scott (1989), é um elemento

constitutivo das relações sociais baseados nas diferenças percebidas entre os sexos; uma forma de significar as relações de poder.

No entanto, dialogamos, por outro lado, com os estudos pós-estruturalistas que tratam de discutir sobre os sistemas de significados dicotômicos e essencialistas reunidos em torno de pares de oposição, por exemplo: natureza/cultura, natural/humano, mulheres/homens. Dessa forma, as críticas pós-estruturalistas questionam esses sistemas binários de oposições, nos quais “[...] problematizam as alegações de utilização universal de conceitos relacionados a sexo e gênero” (HARAWAY, 2004, p. 210), ou seja, as críticas incidem sobre as ideias de gênero como inscrição cultural de significado sobre um sexo naturalmente dado, com coerência e continuidade de uma ordem compulsória do sexo, do gênero e do desejo, situando de forma complementar mulher e homem, feminino e masculino, ou seja, a heterossexualização do desejo (BUTLER, 2003). Portanto, é oportuno o que diz Butler (2003, p. 24):

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício, com a consequência de que homem e mulher podem, com igual facilidade significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino como um corpo masculino como um feminino.

A autora estabelece a perspectiva de gênero como construção social do sexo, retomando a discussão feita pelo construtivismo radical, negando a existência de uma natureza passiva, inerte frente à ação da cultura, contendo relações de poder que produzem efeitos de um sexo pré-discursivo. Com base nisso, o gênero é a estilização “[...] repetida do corpo, um conjunto de atos repetitivos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância” (BUTLER, 2003, p. 59). Dessa forma, o gênero é performativo, um efeito discursivo repetido dos atos e dos gestos.

É preciso dizer ainda, que, neste trabalho, o gênero é tratado a partir de uma abordagem sócio-histórica que vem sendo recentemente pensada e conceituada no Brasil contemporâneo como estudos dos marcadores sociais da diferença, alinhada aos estudos da interseccionalidade das categorias de raça, de gênero e de classe.

Adriana Piscitelli (2008) apresenta, em artigo intitulado “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”, uma discussão sobre o surgimento de categorias que aludem à multiplicidade de diferenciações que, articulando-se a gênero e permeiam o social. As categorias de articulação e as interseccionalidades são

tributárias do debate internacional que marca o final da década de 1990, difundindo-se amplamente nos anos 2000. Contudo, foi no final da década de 1980 que surgiu a emergência dessas categorias dentro dos debates feministas, produzindo deslocamentos nos paradigmas disciplinares. Era o momento de sérias contestações aos modelos universalizantes.

Algumas autoras, como Joan Scott, Judith Butler e Donna Haraway, aproximaram-se das abordagens desconstrutivistas, trabalhando com a ideia de dissolução do sujeito universal, existia, então, “[...] uma valorização da linguagem e do discurso como práticas relacionais, que produzem e constituem as instituições e os próprios sujeitos como sujeitos históricos e culturais” (PISCITELLI, 2008, p. 265).

Dentro do movimento feminista, intensificaram-se as reivindicações referentes à diferença, incitadas, sobretudo, por correntes teóricas feministas pós-coloniais que pensaram a partir de um saber situado sobre as relações entre classe, raça-etnicidade, gênero, nacionalidade e orientação sexual, esboçando críticas sobre identidades essencialistas, como o feminismo branco ocidental. É esse o solo teórico que marca as produções dos anos de 1990, alinhando “[...] propostas alternativas que oferecessem ferramentas analíticas para apreender a articulação de múltiplas diferenças e desigualdades” (PISCITELLI, 2008, p. 266). A acepção atribuída à diferença é, em um sentido mais amplo, que contempla a interações entre as múltiplas diferenças produzidas em contextos específicos.

Para Kimberlé Crenshaw (2002), interseccionalidade é uma conceituação que tem a intenção de capturar os modos e as consequências da interação entre eixos da subordinação, como o racismo, o patriarcalismo, por exemplo, operando por meio da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. Logo, o gênero não é considerado como o fator único de discriminação, ele estaria operando em conjunto com outros fatores.

Nesse sentido, algumas críticas recaíram sobre essa perspectiva, por destacar uma centralidade no sistema ou na estrutura sobre a formação de identidade (PISCITELLI, 2008). Assim, gênero, raça e classe formariam sistemas de dominação, de opressão e de dominação que determinariam identidades. Outra crítica subjacente a esse conceito recai sobre o sentido conferido ao poder, que não é visto de forma relacional, ou seja, no interior dessas relações, ao passo em que ele suprime, também produz sujeitos.

Para Anne McClintock (2003, 2010) raça, gênero e classe não são peças que podem ser simplesmente montadas em conjunto como se fossem um lego. Essas categorias existem em, e por meio das relações entre elas, ou seja, são categorias articuladas, pois não são campos distintos da experiência. Assim, as categorias de diferenciação existem a partir das

relações íntimas, recíprocas e contraditórias. Percebe-se que essa autora faz uma análise articulada na qual deixam entrever os espaços de agência.

Avatar Brah (2006) é outra autora que, ao revisar os debates feministas, sugere que os feminismos, negro ou branco, não devem ser vistos como categorias essencialmente fixas e em oposição, mas, antes, como campos historicamente contingentes de contestação dentre práticas discursivas e materiais. Ela propõe uma macroanálise que estude as inter-relações das várias formas de diferenciação social, empírica e historicamente, mas sem necessariamente derivar todas elas de uma instância determinante, considerando simultaneamente subjetividade e identidade para a dinâmica de poder da diferenciação social. A diferença é tomada como uma categoria analítica que designa o “outro” e pode ser evidenciada nas constituições discursivas, nas práticas, nas relações sociais, nas posições dos sujeitos e nas subjetividades que articulam experiência, relação social, subjetividade e identidade.

Se, por um lado, eu concordo com as discussões acima, com as críticas referentes às universalizações e às essencializações em relação à categoria mulheres e gênero, por outro, também concordo que essas categorias não são excludentes e dicotômicas. Assim, a categoria mulher pode ser utilizada de forma cautelosa, atentando para sua utilização relacional e para os referentes histórico-discursivos nos quais foram elaborados (PACHECO, 2013).

Nesse sentido, por exemplo, a teoria dos saberes situados, descrita acima, oferece pistas interpretativas para pensarmos em uma “[...] abordagem que reavalie uma perspectiva teórica e prática das feministas, sem deixar de lado a abordagem relacional da categoria gênero e da categoria ‘mulheres’” (PACHECO, 2013, p. 31-32). Em “Categorias analítica e empírica: Gênero e Mulher: Disjunções, conjunções e mediações”, Suely Kofes (1993, p. 10) chama atenção para essa questão:

Não seria um tanto óbvio, quando se fala em gênero, considerar que mulher é uma categoria, entre outras, que a distinção de gênero formula? Quando se fala em gênero há um alargamento do campo categórico e de sentidos. As categorias “mulher” ou “homem” recobrem, no meu entender, um campo de referências mais restrito que as categorias masculino e feminino, e as primeiras poderiam ser consideradas como partes das segundas. Desta forma, não haveria oposição, exclusão ou substituição (mulher e/ou gênero, gênero por mulher), mas gênero seria um instrumento que mapeia um campo específico de distinções, aquele cujos referentes falam da distinção sexual. Quer onde estão sujeitos concretos, substantivos, homens e mulheres, quer onde nem mesmo encontramos estes sujeitos. Mas, claro, esta relação ainda instiga, do meu ponto de vista, interrogações e pesquisas.

A autora, nesse sentido, ressalta a importância de levarmos em consideração os estudos antropológicos sobre as categorias de gênero e sobre as experiências concretas dos

sujeitos mulheres e homens como contribuições epistemológicas referentes à relação entre universalidade e particularidade, entre descrição e explicação, entre categorias êmicas e éticas, entre significação, normas e ação social, e a importância estrutural da diferença. É a partir dessas reflexões que as mulheres em estudo estão situadas, longe de uma perspectiva essencializadora ou de caráter naturalizante, distanciando-se das identidades fixas, preexistentes e preestabelecidas às mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com outras mulheres.

Portanto a proposta deste estudo foi compreender a conformação das redes relacionais entre mulheres com faixa etária de 28 a 46 anos, pertencentes à mesma camada socioeconômica, residentes na cidade de Teresina que se envolvem afetivo-sexualmente. Tratou-se especificamente das tramas que dizem sobre os movimentos que dão lugar aos afetos e desejos através da produção e negociação de moralidades como meios de acesso à micropolítica particular, a partir da qual essas mulheres apresentam imagens de si, que são criadas, construídas e reformuladas em situações específicas. Para potencializar essa análise situacional, foram observados como os marcadores sociais da diferença, como gênero, sexualidade, geração e classe, definem espaços de agência e campos de possibilidades.

No capítulo1, **Campo, Trajetos e Escolhas**, apresento o motivo pelo qual construí este trabalho etnográfico baseado na noção de rede social. Descrevo como a minha trajetória pessoal se articulou a acadêmica proporcionando a minha inserção nas redes em estudo. Apresento as minhas incursões em campo a partir das quais foi possível acompanhar e experienciar os movimentos das redes de relações atentando para os códigos, estilo de vida, escolhas dos espaços de sociabilidade, das festas, as escolhas amorosas, preferência pelo outro desejado, rompimentos das relações afetivas e sexuais, reestabelecimentos de vínculos, relações de amizade e familiar. Por fim, pontuo as escolhas metodológicas para produzir as análises e os seus desdobramentos.

Já no capítulo 2, **Vinte Anos Depois: contextos, espaços e sentidos**, a cidade de Teresina é apresentada por meio da comparação do contexto de sociabilidade atual, vinte anos após a defesa do primeiro trabalho científico sobre “a realidade homossexual Teresinense” que teve como foco analítico os espaços de sociabilidade considerados naquela época como os “guetos gays”. Tendo em vista que as nossas interlocutoras vivenciaram estes espaços na década de oitenta e noventa procuramos responder no capítulo as seguintes perguntas: quais são os sentidos dados aos atuais espaços de sociabilidade frequentados por nossas interlocutoras? Quais são os códigos e valores acionados na escolha dos espaços e das festas? Como é a vivência da (homo) sexualidade na cidade de Teresina?

No capítulo 3, **Etnobiografias: relações de gênero, família e sexualidade** as interlocutoras são apresentadas a partir das suas etnobiografia. Nesse sentido, com a intenção de evidenciar algumas características gerais, procuro demonstrar as especificidades dos vínculos estabelecidos entre as mulheres envolvidas nas redes (MITCHELL, 1969). Algumas modalidades foram desenvolvidas para dar conta das conexões existentes: primeiramente, busquei ressaltar o início da configuração da rede a partir dos contatos estabelecidos; as formas por meio das quais elas se conheceram ao longo de suas trajetórias, as relações de amizade com a intenção de entender se essas eram frouxas ou estreitas, no sentido utilizado por Both⁷ (1976). Para compreendermos esse percurso, apresento as trajetórias das três personagens em torno das quais acompanharemos a articulação entre as relações de gênero, família e trabalho que serviram como espaço de agência de campos de possibilidades.

Se as redes podem ser analisadas por propriedades como densidade, abrangência, frequência e intensidade das relações sociais, é importante destacar as fronteiras e as negociações na dinâmica das redes que conformam, por sua vez, identidades e subjetividades, que são organicamente importantes na difusão de informações. Posto isso, acompanharemos no quarto capítulo, **Enlaçando afetividades e desejos**, como a fofoca, os rumores⁸ e os códigos relacionais de honra operam na ordenação, ou na desordenação das relações. Acompanharemos, pois, os movimentos dos afetos e dos desejos.

⁷ No trabalho intitulado, Família e rede social, Elizabeth Both (1976) ao estudar sobre a variação nos papéis conjugais no contexto familiar constata que as relações sociais externas assumiam a forma de uma rede muito mais do que a forma de um grupo, na qual, existiam dois tipos de conexão, a primeira é a malha estreita onde há muitas relações entre os membros dessa rede enquanto que, a segunda é malha frouxa na qual existem poucos relacionamentos deste tipo.

⁸ Baseio-me na obra de Max Gluckman (1963), intitulada *Gossip and Scandal*.

CAPÍTULO 1 - CAMPOS, TRAJETOS E ESCOLHAS

1.1 Uma tarde quente e uma conversa despretensiosa

Era uma tarde quente de novembro do ano de 2011. Eu seguia para mais um dia de aula na UFPI⁹, na companhia de Eliza, uma amiga que conheci logo quando iniciei o curso de Ciências Sociais, em 2009. Ela havia trancado o curso em 2008. Foi quando me disse que andava desestimulada, que daria um tempo da universidade para se concentrar nos concursos públicos, com vistas a obter recursos financeiros, a fim de comprar um imóvel. Seus pais residiam em uma cidade do Maranhão e, em Teresina, ela morava na casa da sua avó paterna. Nesse lugar, Eliza alegava sentir falta de privacidade para os encontros amorosos com sua namorada, da época, e o desconforto pela constante vigilância do pai, materializada por meio dos olhos da avó.

Foi nesse momento de desconforto e de insegurança quanto ao futuro que nos encontramos em 2009. Eliza tinha adiado provisoriamente a vida de “concurseira”, refletindo que seria prudente concluir primeiro o ensino superior. Víamo-nos com frequência nessa época, mas não tínhamos intimidade. Mas na ocasião de um trabalho em grupo, fomos apresentadas por uma amiga em comum e desde então, passamos a conviver para além das atividades acadêmicas. Nascia, ali, uma amizade sincera, que se estabeleceu, talvez, pelos múltiplos contrastes que perpassavam nossas subjetividades. Tínhamos intensos debates, que variavam desde teorias da conspiração, quadrinhos, filmes, livros, séries, festas GLS, a temas como relacionamentos e família.

Por uma singularidade do acaso, morávamos em bairros próximos, e, eventualmente, pegávamos a mesma condução, pois tínhamos apenas uma opção de linha de ônibus para chegarmos à Universidade. A parada de ônibus perto da minha casa me permitia entrar no transporte antes de Eliza, que embarcava na terceira parada depois da minha, de forma que, sentadas ou em pé, erámos companhia uma da outra no percurso estimado em uma hora até nosso destino acadêmico.

Naquela tarde calorosa de 2011, por sorte, o ônibus estava vago, permitindo que seguíssemos o trajeto sentadas. Como de costume, eu cedia minha cadeira ao lado janela, porque Eliza, vez por outra, sentia vertigens, aproveitando-se assim daquela abertura de ar. Levantei, dando espaço para sua passagem. Foi quando percebi uma euforia diferente naquela

⁹ Universidade Federal do Piauí, campus Ininga, Teresina.

cena. Ela carregava em seus lábios um sorriso irônico e examinara meu rosto meticulosamente, desferindo piadas contra meus olhos curiosos e com as habituais olheiras intensificadas pela noite anterior, quando fui ao meu campo de pesquisa. Em um instante seguinte, Eliza afirma que, de fato, eu me parecia com a Shane. Trafeguei rapidamente pelos registros da minha memória e não identifiquei o nome.

Eliza sorriu, sem responder à minha curiosidade que aumentava a cada silêncio. Eu concedia total liberdade a Eliza para dizer tudo o que queria. Ela repetiu diversas vezes “a dita semelhança” e percebeu que eu não fazia a menor ideia sobre quem essa tal Shane poderia ser. Ao perceber minha insatisfação diante dos seus sorrisos incontidos, ela contraiu os lábios e me revelou que passara a noite assistindo a um seriado lésbico chamado *The L Word*¹⁰. Eliza disse que era impossível não se lembrar da minha pessoa ao assistir à referida série, por dois motivos: primeiro, porque eu estava desenvolvendo iniciação científica sobre homossexualidade feminina; e, segundo, por considerar a Shane, uma das personagens da série, muito parecida comigo. “Parecida como?”. Shane era caracterizada na série como uma jovem conquistadora, que não se envolvia em nenhum relacionamento sério.

Realmente, naquela época, eu não estava envolvida amorosamente com nenhuma mulher. Cheguei a comentar com as pessoas próximas que não pretendia namorar e que não estava no clima de relações mais sérias, o que contrastava, circunstancialmente, com as minhas amigas que estavam namorando. Eis o motivo da associação feita por Eliza. Ao final daquele dia, que foi permeado por diversos comentários sobre *The L Word* e as “belas” lésbicas que compunham essa trama, não me saiu da cabeça a frase de Eliza: “toda sapa que se preze tem que assistir a esse seriado e, no seu caso, pode ser importante por causa da sua pesquisa”.

Dessa forma, procurei assistir ao seriado. *The L Word*¹¹ é a primeira série na história da televisão cuja narrativa central se concentra nas vidas de mulheres lésbicas e bissexuais que vivem na cidade de Los Angeles, Califórnia (SARMET, 2012). A maior parte das personagens segue o padrão de beleza tradicionalmente agenciado pela indústria cultural,

¹⁰ The L Word foi uma série dramático sobre a vida de um grupo de amigas lésbicas e bissexuais que vivem na cidade de Los Angeles, Califórnia. Criada Ilene Chaiken, a série teve seis temporadas, exibidas de 2004 a 2009.

¹¹ Érica Sarment, em seu trabalho “Promessas de Amor e Sexo: as matrizes do excesso e o agenciamento do público no primeiro episódio de The L Word” (2011), analisa criteriosamente a trama e descreve o núcleo principal das mulheres que compõem a narrativa: Bette Potter (Jennifer Beals) e Tina (Laurel) são as primeiras lésbicas apresentadas no seriado, formam um casal que deseja ter um filho. Kit (Pam Grier), única personagem heterossexual do núcleo principal. Dana (Erin Daniels) uma tenista que não assume sua homossexualidade. Jenny Schecter (Mia Kishner) namora Tim (Eric Mabius), no entanto, vai “descobrir” a sexualidade ao se relacionar com Marina (Karina Lombard), Shane McCutcheon (Katherine Moening), uma jovem estilosa que conquista muitas mulheres; e Alice Pieszcecki (Leisha Haily), uma jornalista fofqueira e bissexual.

sendo, portanto, consideradas bonitas. Além disso, o figurino da série investe em acessórios e roupas caras e historicamente associados à feminilidade, como vestidos, pulseiras e saltos. Criada por Ilene Chaiken, a série teve seis temporadas, que foram exibidas de 2004 a 2009 pelo canal a cabo *Showtime*. No Brasil e na América Latina, a série foi ao ar de 2005 a 2010 pelo canal a cabo *Warner Chanel*.

Embora esse capítulo não tenha como objetivo analisar a série *The L Word*, nem as relações entre as personagens, no entanto, os comentários gerais sobre essa obra ficcional são importantes para a compreensão do percurso que me permitiu pensar sobre a ideia de uma rede formada entre mulheres que relacionam com outras mulheres, ainda que, inicialmente, de maneira despreziosa. Assisti a todas as temporadas repassadas por Amanda no intervalo de três dias, e algumas situações na trama chamaram minha atenção. Sim, não concordei com a comparação feita por Eliza entre mim e a personagem Shane. Analisando, entendi que Shane foi caracterizada como a “sedutora” da trama, “*status*” que não consigo associar ao meu comportamento, nem mesmo à época, quando não estava a fim ter relacionamentos fixos.

Entendi que, na série, os códigos agenciados ora reforçavam os padrões morais hegemônicos, ora se deslocavam dele para compor aquilo que seria considerada a “identidade lésbica”. Porém, essa identidade soava como um agenciamento artificial: as personagens, quase todas brancas, eram de camadas urbanas altas e médias, escolarizadas, autônomas e independentes¹². Porém, o que me chamou atenção no episódio piloto, foi um diálogo revelador entre as personagens Alice Pieszecki, uma jornalista bissexual, e sua melhor amiga, a tenista Dana, homossexual enrustida e auto-homofóbica.

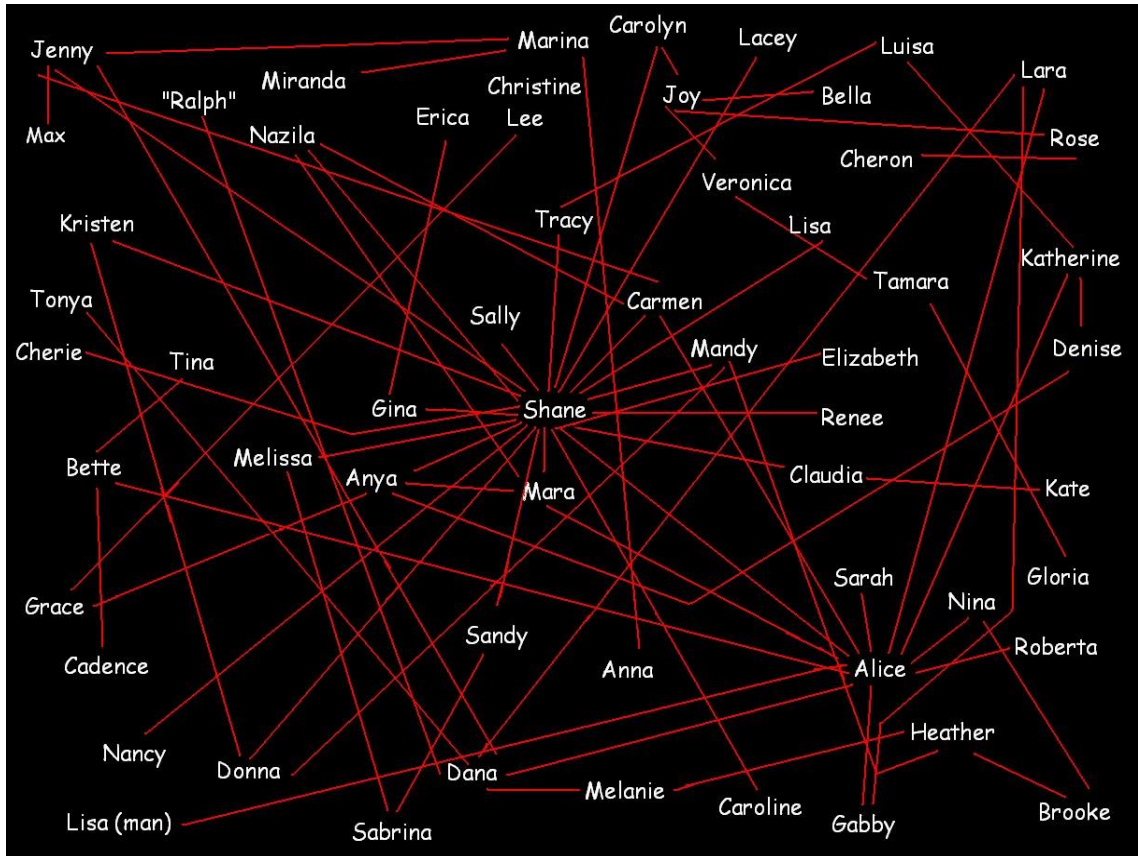
O diálogo entre as personagens dizia respeito às relações erótico-afetivas estabelecidas entre as mulheres, demonstradas por meio do “*Chart*” (Figura 1), criado pela personagem Alice. O *Chart* se constituía como um esquema de *network*: lá estavam os nós, os nomes das diversas mulheres que elas conheciam, conectadas aos nomes de outras mulheres com as quais elas teriam feito sexo. Segundo Sarmet (2011), o *Chart* chegou a existir, de fato, como rede social real, em 2007, como um *site* voltado para as lésbicas consumidoras da série.

Naquele momento do episódio, Alice, em tom jocoso, convida a amiga para uma demonstração do funcionamento do quadro, advertindo que seria até divertido, porque ela, Dana, ainda não estava inserida no famoso quadro. Dana segue a amiga até uma pequena mesa na qual Alice, de posse de papéis em branco, solicita os nomes das mulheres com quais

¹²As primeiras temporadas segundo Sarmet (2011) receberam severas críticas indicando que a série contemplava somente o padrão da mulher lésbica branca, classe média e feminina. Nas seguintes temporadas aparecem no roteiro personagens como o transgênero Max na terceira temporada e a lésbica negra capitã do exército americano.

Dana havia se envolvido (não sem, antes, garantir que a sua reputação ficaria a salvo). Em contrapartida, Dana considera aquilo tudo ridículo, tendo em vista, que ela, até então, só tinha se envolvido com duas mulheres em toda sua vida.

Figura 1 – Chart - Quadro de Alice Pieszcecki



Fonte: <http://lesblogteen.blogspot.com.br/2010/08/1-word-quadro-de-alice-pieszcecki.html>

Com insistência, Alice solicita outra vez os nomes a Dana e, ao escutá-los, pretende interligá-los até chegar ao nome da tenista. Dana crê que isso não seja possível, mas demonstra curiosidade para ver como os personagens Ralph e Melaine, apresentadas no quadro, ligar-se-iam à jornalista. Com uma fina habilidade, Alice começa a traçar o percurso por meio de Melaine, que havia dormido com Heart. Esta, por sua vez dormiu com Brooke, que teve uma noite com Nina, ex-namorada de Alice. Por meio de quatro nomes, Alice e Dana estariam conectas. Após observar atentamente a exposição do quadro, a jogadora de tênis afirma, então, que “o mundo é doido e pequeno”. Sorrindo pelos cantos da boca, a jornalista concorda que o mundo seja louco, mas que não é pequeno.

O argumento central da personagem Alice, ao demonstrar quem já ficou com quem dentro dos círculos de amizade lésbica, é de que existe um “compartilhamento de ex-

namoradas ou ex-ficantes” e, até mesmo, de algumas mulheres com as quais tiveram apenas uma noite de sexo. Essa rede não seria composta exclusivamente por essas mulheres, tendo em vista que outros personagens do universo *gay* masculino e heterossexual provavelmente poderiam ser inseridos.

Em “*Algumas garotas preferem garotas*”: *The L Word, sexualidade e as políticas de visibilidade lésbica*, a antropóloga Ana Paula Vencato (2005) chama a atenção para a interessante correspondência entre o quadro e o universo lésbico real, referindo-se tanto ao desenho em si quanto à prática do troca-troca. Tal prática não estaria isenta às críticas e aos conflitos:

Apesar de alguns discursos favoráveis, e embora amplamente difundidos no meio lésbico, a prática não se dá sem conflitos. É bastante comum que, em alguns momentos, essa troca de pares acabe resultando no término de relações longas de amizade, pois ficar com a ex de alguém pode indicar uma certa traição da amizade, especialmente quando ainda há sentimento pela pessoa com quem a amiga passou a ficar ou namorar. O rompimento desses laços de amizade pode ser “para sempre”, mas, comumente, tende a ser temporário e, mais tarde, todas as pessoas voltam a fazer parte de um mesmo grupo de sociabilidade (com grau de amizade mais ou menos intenso, dependendo do caso). O argumento contrário à prática mais extremista afirma que é este tipo de comportamento que dá base à idéia de promiscuidade no universo homossexual feminino e que, nesse contexto, a prática aumenta o preconceito contra as mulheres. (VENCATO, 2005, p. 55).

O quadro, a prática do troca-troca, os conflitos, as relações de amizade, as traições não eram assuntos distante do meu campo de pesquisa. Confesso que fiquei reflexiva e deixei-me arrastar pela curiosidade, pelo interesse de compreender como essas questões eram vivenciadas no contexto das interlocutoras com as quais eu já havia estabelecido contato. Lembrei-me de algumas situações etnográficas nas quais observei, nos espaços de sociabilidade, discussões entre casais de mulheres por ciúmes, quando a ex-namorada de uma delas chegava às festas ou no barzinho, protagonizando uma espécie de “guerra-fria”¹³, envolvendo a adesão das amigas em determinados espaços. Em outras situações, fui percebendo que a presença de determinadas mulheres assumia um caráter de prestígio em contraste, por exemplo, com a da “fofoqueira”, que tinha uma posição ambígua naquelas relações.

Inevitavelmente minha memória trazia à tona essas questões, em um duplo movimento: o das relações estabelecidas por aquelas mulheres protagonistas da série e a

¹³ Refere-se aqui aos momentos de conflitos marcados por uma tensão que não é verbalizada.

dinâmica das relações das interlocutoras no meu próprio campo de estudo. Diante disso, retomei meu diário de campo, revisei o material transcrito da minha primeira entrevista em profundidade, com a Dara¹⁴, no formato de história de vida. Ao cruzar esses dados, observei a formação de um eixo principal composto, por um lado, pelas ex-namoradas e, por outro, das amigas que mantinham um elo de afetividade há mais de dez anos com essa interlocutora.

Ao avançar na releitura desse material, recapitulava uma ordem de situações que diziam sobre os deslocamentos de “*status*” desse eixo diante das tensões e dos conflitos que as envolviam. Entre outras práticas, a tensão causada por aquela “dança das cadeiras”¹⁵, bem como as posições de prestígio atribuídas, principalmente, a três mulheres ou, ainda, a posição da “fofoqueira”, atribuída especificamente a uma mulher. Eu estava mergulhada em um manancial de informações aparentemente confuso.

Tratando de encontrar uma maneira para organizar essas informações, servi-me da inspiração da série *The L Word*: organizei, em uma folha de papel sulfite branca as relações mencionadas na trajetória de Dara. Essa foi posicionada ao centro, permitindo-me organizar, ao lado esquerdo, a sequência das suas relações afetivo-sexuais, partindo da sua primeira namorada até a sua atual companheira. As ex-namoradas, com exceção da primeira, após certo período, tornaram-se amigas, compondo o núcleo principal.

Seguindo a trajetória da nossa interlocutora, posicionei ao lado direito as amigas mencionadas como “de longas datas”¹⁶ e as interliguei a outras amigas por um lado e, por outro, as suas relações afetivo-sexuais, tanto as passadas como as atuais. Por exemplo: Amora é amiga de Dara e de Eduarda. Eduarda é amiga de Paula, ex-namorada de Amora, que namorou Gilda e, assim, sucessivamente. Ao final daquela imersão, aquelas folhas rabiscadas apresentaram uma rede de relações com diversas tramas relacionais.

A partir disso algumas indagações surgiram: como se constituem as relações e o que orienta as dinâmicas de interação e as formas de sociabilidade entre essas mulheres? Como são reguladas e ordenadas as vidas e as afetividades dessas mulheres? Quais são os sentidos atribuídos aos afetos e aos desejos? O que faz de uma mulher, nessa rede, uma pessoa prestigiosa e fofoqueira? Quais são os critérios de inclusão e de exclusão? Por meio dessas questões, tracei os objetivos da pesquisa. Para alcançá-los, seria necessário inclinar o olhar em direção às tramas relacionais a fim de observar para entender as relações a partir de um viés

¹⁴ Interlocutora considera principal da pesquisa.

¹⁵ Termo êmico para referirem-se as trocas de namoradas em um determinado grupo de forma que a ex-namorada de uma amiga é potencial parceira afetivo-sexual.

¹⁶ Termo êmico atribuído ao tempo de amizade.

situacional e, depois, explicar a organização e os significados dessa rede de mulheres, de afetos e de desejos.

Em 2011, eu nem sequer estava pensando sobre essas questões. No entanto, pela potência dos encontros, por meio de uma conversa despreocupada dentro de um ônibus, nas horas mais quentes da tarde, ali em que o desejo primeiro é o da chegada ao destino, surgiu o interesse em conhecer a série *The L Word*. Através desta inesperada circunstância formulei a concepção da problemática dessa pesquisa. Devo dizer que não tive intenção de fazer nenhum paralelo entre as personagens e as minhas interlocutoras, nem antes e nem agora. Logo, o que se verá, nesta pesquisa, não será um estudo comparativo entre essas duas esferas. Mas, sem dúvida, a série contribuiu como uma ferramenta reflexiva em relação à construção de meu próprio *Chart*, ou seja, sobre a noção de rede.

1.2 Movimentos Etnográficos

Em relação ao campo, é importante atentarmos para as relações estabelecidas com as interlocutoras. Passo, então, a explicar o momento a partir do qual as estratégias foram acionadas em campo com a finalidade de evidenciarmos as nuances de se trabalhar em campo com a sexualidade, os afetos e os desejos. Afinal, como se deu a interação da pesquisadora nesse contexto, enquanto devir-mulher, sujeito e objeto de desejo e por que não dizer que também tivera objetos de desejo? Para tal, dialogarei com referências de antropólogas brasileiras que trabalharam em seus campos de pesquisas com mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente.

Meinerz (2011), ao estudar a constituição das parceiras homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre e ao descrever sobre as suas experiências de campo e as estratégias adotadas, produz um tópico intitulado, “*Intenções etnográficas sob suspeita*”. A antropóloga informa que o processo de interação com o grupo estudado fora marcado por suspeitas acerca da sua sexualidade e das reais intenções que motivaram a pesquisa, isto é, a verdade sobre as reais intenções da pesquisadora foi colocada em jogo durante o trabalho de campo. Apesar das inúmeras explicações da pesquisadora sobre a pesquisa, do que tratava e dos acordos em relação à participação das mulheres, as suas interlocutoras insistiam em acreditar que a intenção de frequentar os bares, bem como as entrevistas, era de a pesquisadora poder se descobrir no meio homossexual. Em suas palavras:

Durante todo o trabalho de campo, a justificativa do interesse de pesquisa jamais foi considerada razão suficiente para minha presença nos espaços de

sociabilidade, de modo que minha qualificação como uma *pessoa que ainda não se descobriu* forneceu-me um lugar legítimo no ordenamento das interações sociais. (MEINERZ, 2011, p. 58).

A antropóloga então classificada de “enrustida”, argumenta que essas questões podem ser lidas como expectativas que são inerentes às condições de realização da pesquisa etnográfica, especialmente a disposição antropológica de participar do maior número possível de atividades junto ao grupo. Essas situações do campo etnográfico “[...] materializam dilemas morais e éticos da pesquisa etnográfica, especificamente aqueles relacionados à nossa incapacidade ou impossibilidade de corresponder às expectativas de nossos interlocutores” (MEINERZ, 2011, p. 59). A antropóloga tomou um caminho metodológico a partir da inspiração da reflexão de Geertz (2001) sobre os dilemas de atuação dos antropólogos e decidiu se posicionar a não marcar oposição ao discurso nativo, ou seja, aceitou a condição de parceira potencial como um meio indispensável para a sua interação com o grupo.

Facchini (2008) aponta algumas dificuldades em relação à abordagem direta dos sujeitos e a realização de entrevistas, tanto nos espaços de lazer como nos espaços do ativismo. A antropóloga conta que, por muitas vezes, a intenção da pesquisa fora confundida com finalidades de cunho afetivo-sexual, afastando o recrutamento efetivo de entrevistadas. E quando a pesquisadora buscou pessoas com certo nível de conhecimento, o que poderia afastar a ideia de uma cantada, essas, muitas vezes, não concordavam em ser entrevistadas e, quando o faziam não indicavam pessoas da sua rede. Apesar de utilizar diversas estratégias, as dificuldades persistiam. Vejamos:

Testei várias possibilidades de apresentação pessoal, procurando sempre me vestir de modo que me parecia ser mais ‘neutro’ e não ‘chamativo’, em relação ao lugar a que iria, além de ter tentado ir a campo, tanto sozinha, quanto acompanhada por outras pessoas (tanto amigos, quanto mulheres que, por serem ativistas ou pesquisadoras tinham alguma noção de como tentar me ajudar). Na maior parte das vezes, não fui levada a sério e, mesmo quando consegui deixar meu contato com alguma potencial colaboradora, o contato não se efetivou. É como se uma mulher que puxasse conversa com outra que não conhecesse, num ambiente de lazer, ou mesmo num grupo ativista, fosse sempre interpretada como uma parceira potencial, ou como alguém cuja finalidade última ‘com aquela história de pesquisa’ fosse paquera. (FACCHINI, 2008, p. 47).

Se, por um lado, a pesquisadora, ao tentar um contato com pessoas que não conhecia, era vista como uma parceira potencial, com as pessoas conhecidas outras dificuldades se mostraram, como o temor de ser invasiva no momento de entrevista, no caso de uma situação específica; em outro momento, ao tentar entrevistar um casal que lhe fora apresentado em um

grupo de ativistas recebera uma recusa, embora tenha conversado posteriormente em um “boteco” com esse casal sobre preferências eróticas e práticas sexuais. Em algumas ocasiões de entrevistas, as colaboradoras foram acompanhadas por suas respectivas namoradas e, quando não, o telefone a toda momento recebia ligações das namoradas. A pesquisadora argumenta acerca da hipótese “[...] de que a dificuldade de obter entrevistas de mulheres mesmo quando já me conheciam tinha relação com a situação de estar num espaço físico privado qualquer, sozinha com outra mulher, falando de sexo”. (FACCHINI, 2008, p. 49).

Por sua vez, as mulheres mais intelectualizadas eram aquelas que mais pediam informações sobre os procedimentos da pesquisa, como os objetivos e a metodologia. Ao conversar com minhas interlocutoras, tais questões foram evidenciadas, assim como no campo de Meinerz (2011). Situações consideradas como “embaraçosas” por Facchini (2008) deram-se a partir de entrevistas com duas mulheres de escolaridade mais baixa que estavam passando por um momento de “carência” na vida afetivo-sexual. No momento da entrevista, a pesquisadora foi “cantada” por uma e a outra não conseguiu falar sobre as afetividades ou práticas sexuais.

. Andrea Lacombe (2005), ao estudar sobre as masculinidades e a sociabilização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro, mencionou, por exemplo, algumas estratégias de interação, chamando atenção para uma sutil mudança de estratégia, ou seja, preocupada em relação à falta de comunicação com as mulheres que frequentavam o seu campo, decidiu mudar a garrafinha de água por uma “gelada cerveja”. A pesquisadora conclui, afirmando que a decisão fora acertada, tendo em vista a mudança das clientes, que antes se limitavam a observar, e depois da cerveja, mudaram a atitude. Para, além disso, segundo Lacombe (2009) o consumo de alguma bebida alcoólica era um diferenciador entre mundos dentro do seu campo de pesquisa.

As literaturas acima são referências importantes que fizeram parte do meu processo de conhecimento e de reflexão sobre os distintos manejos desenvolvidos nos campos de pesquisa, e as tomo como ponto de partida para refletir sobre as formas, a partir das quais fui me estabelecendo em campo.

Os movimentos de interações foram gradativamente ganhando densidade à medida que fui catando as pistas, por exemplo, as expressões enunciadas, como, “é novinha, mas é estudiosa”, “ah, sendo assim já um bom caminho pra estar no meio da gente”, fizeram-me perceber sobre a importância do capital cultural para aquelas mulheres. Articulei, então, a minha posição marcada por Dara como “estudante universitária” aos diálogos sobre música,

viagens, teatros. Essa forma dialógica me proporcionou aproximações que se afastavam da imagem, uma vez mencionada por uma das interlocutoras, de “uma menina nova vazia”.

Não ser considerada “uma menina vazia” estimulou nas interlocutoras um “senso de confiança” e, a partir disso, tornei-me uma pessoa “sensível à escuta” para os desabafos e as confidências, sobretudo, em momentos de desentendimento amorosos. No entanto, minha posição não era estática, pelo contrário, era constantemente negociada. As interlocutoras souberam desde o começo da minha intenção de pesquisa. Posso dizer que não fui questionada sobre essa questão e nem em relação a minha sexualidade, tendo em vista que não eram segredo as minhas relações afetivo-sexuais com mulheres.

Ao contrário de Meinerz (2011), as minhas intenções etnográficas não estavam sob suspeita e as minhas aproximações, diferentes daquelas estabelecidas inicialmente por Facchini (2008), não foram consideradas como paqueras ou flertes e vice-versa. Contudo, o meu *status* de solteira causava curiosidades do tipo “por que uma menina interessante com você está solteira?”. Estar solteira naquele contexto significou a tentativa de arranjos amorosos, ou seja, escutava, quando saíamos para alguma festa, frases do tipo: “vamos apresentar fulana pra você, acho que combina”; “hoje aquela pessoa estará na festa, então, por favor, se arruma”. Essa última frase é interessante, porque indica um contraste de estilos, se as minhas interlocutoras eram mulheres que costumavam se produzir com roupas e maquiagens das últimas tendências, eu era o oposto.

Portanto, o sentido estabelecido a respeito da parceira potencial em campo não se deu na relação direta com os sujeitos da pesquisa, aliás, essas eram mediadoras para possíveis romances. Em relação a essas questões, compartilho, por exemplo, com o posicionamento de Meinerz (2011) e de Jainara Oliveira (2014) que tão bem chamam a atenção para as “pistas e (armadilhas) metodológicas” na “micro (política) da etnografia”, atentando para a ética no trabalho de campo.

Os envolvimento, as interações e os posicionamentos tomados em campo ainda precisam de uma pouco mais de reflexão, pois é preciso considerar a intersubjetividade da relação entre pesquisadora e as das interlocutoras.

A relação intersubjetiva não é o encontro de indivíduos autônomos e autossuficientes. É uma comunicação simbólica que supõe e repõe processos básicos responsáveis pela criação de significados e de grupos. É neste encontro entre pessoas que estranham e que fazem um movimento de aproximação que pode desvendar sentidos ocultos e explicar relações desconhecidas. (Cardoso, 2004, p. 103).

As experiências partilhadas em campo foram permeadas por esses movimentos de aproximação, de afastamento, de estranhamentos e de tomadas de decisões. O campo, pensando a partir da ideia de movimento, permite vivenciá-lo de múltiplas maneiras. Percebi, então, os seguintes movimentos: à medida que fui sendo inserida nas redes de relações, as interlocutoras se disponibilizavam para conversarmos sobre os assuntos da pesquisa e inúmeras vezes tive essas oportunidades, no entanto, argumentavam que “diante de tudo que você sabe, não precisa de entrevista, né? Não vejo necessidade”. Essa foi a situação mais delicada e embaraçosa, pois eu precisava articular metodologicamente as observações e entrevistas.

Porém, essa questão, mais como efeito de provocação levou-me a pensar o seguinte: se a minha proposta era analisar a conformação e os movimentos da rede, atentando para o lugar dos afetos e dos desejos, ou seja, as micropolíticas das relações fazia-se necessário colocar-me também no centro do processo de produção. Como exposto por Lévi- Strauss (2003), em uma ciência em que o observador é da mesma natureza que seu objeto, o observador é ele próprio uma parte da sua observação. Quero dizer com isso, que investi, no passar do tempo, entendendo-o como uma relação, pois é apenas com o tempo, e com um tempo distante, não mensurável pelos os usais parâmetros quantitativos, que “[...] os etnógrafos podem ser *afetados* pelas complexas situações com que se deparam – o que envolve também, e claro, a própria percepção desses afetos ou desse processo” (GOLDMAN, 2005, p. 149). Optei por deixar-me afetar pelo campo.

Para Favret-Saada (2005), deixar-se afetar diz sobre uma relação estabelecida a partir de intensidades específicas, experimentadas que mobilizam e modificam:

Ora, eu estava justamente no lugar do nativo, agitada pelas “sensações, percepções e pelos pensamentos” de quem ocupa um lugar no sistema da feitiçaria. Se afirmo que é preciso aceitar ocupá-lo, em vez de imaginar-se lá, e pela simples razão de que o que ali se passa é literalmente inimaginável, sobretudo para um etnógrafo, habituado a trabalhar com representações: quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: e a única maneira de aproxima-los. (FAVRET SAADA, 2005, p. 159).

O afeto não tem o sentido de emoção, e sim de afetar algo ou o quê está além das representações, com o intuito de uma relação, ou melhor, uma relação que possibilite uma comunicação bem mais complexa que a simples troca verbal. A autora, nesse sentido,

argumenta sobre uma comunicação etnográfica que concede um estatuto epistemológico (às situações de comunicação que ela denomina como involuntária e não intencional).

Dessa maneira, eu fui compondo as minhas comunicações etnográficas por meio das intensidades que me mobilizaram e me modificaram, dentre elas, as comunicações involuntárias, entendidas aqui como os momentos de interação nos quais a fronteira entre pesquisadora e sujeito era borrada e, de forma não intencional, os diálogos foram estabelecidos. Por meio disso, valorizei a observação tanto quanto a experimentação em campo e, a partir disso, compreendi, por meios daqueles diálogos, horizontes narrativos que diziam, faziam circular e que repercutiam sobre os afetos e os desejos. Todavia, chamou-me a atenção nesse contexto a maneira como a noção de prestígio fora construída em torno de três personagens; a forma como a imagem da pessoa “fofoqueira” foi tensionada e a flexibilização e o redimensionamento das práticas e dos valores no contexto afetivo-erótico. Afetada¹⁷ por essa intensidade, solucionei o problema anterior e entrevistei as três personagens através do deslocamento do meu status de uma potencial parceira para uma potencial amiga das demais interlocutoras.

¹⁷ Um etnógrafo aceita ser afetado, isso não implica identificar-se com o ponto de vista nativo, nem aproveitar-se da experiência de campo para exercitar seu narcisismo. Aceitar ser afetado supõe, todavia, que se assumo o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer. Pois se o projeto de conhecimento for onipresente, não acontece nada. Mas se acontece alguma coisa e se o projeto de conhecimento não se perde em meio a uma aventura, então uma etnografia é possível. (FAVRET-SAADA 2005)

CAPÍTULO 2 - VINTE ANOS DEPOIS: CONTEXTOS, ESPAÇOS E SENTIDOS

“Hoje, iremos ao Clube da Esquina, localizado na Avenida Dom Severino (Zona Leste da Cidade). Ainda não o conheço, apesar de ter frequentado o seu antigo formato que funcionava na mesma Avenida, porém em outro prédio e com outro nome. Lá, as atrações variavam entre a proposta da MPB, bossa nova e samba. Em noites especiais, aconteciam tributos a Clara Nunes. Nesse sábado, a atração no novo endereço é samba! Fabrícia entrou em contato por volta das 16h. Fez o convite informando que a “turma” estaria lá. Aceitei. Indaguei sobre outros eventos que aconteceriam naquela noite e ela disse que não sabia, mas que sairia para lugares na zona leste. Essa conversa me fez lembrar de outras, com Ana e Lorena, por exemplo, que diziam preferir essa zona a outras da cidade. Percebi essa preferência, apesar de frequentarem outros espaços em outras zonas. No entanto, é na zona leste onde residem e procuram os serviços e os circuitos de lazer”. (Diário de campo, setembro de 2013).

As interlocutoras que compõem o universo desta pesquisa apresentam afinidade ou preferência pela zona leste, conforme demonstra a descrição acima, trecho do meu diário de campo; embora frequentem outras áreas da cidade. É comum escutarmos em Teresina sobre a zona leste da capital como a área que congrega os “melhores” espaços de lazer, bairros residenciais, condomínios, os mais conceituados restaurantes, bares, boates, representando um conjunto de lugares de frequência mais elitizada.

Em “*Redes de sociabilidades gays em Teresina: lógicas e pertencimento*”, Ana Kelma Cunha Gallas (2013), ao analisar os locais de frequência do público não heterossexual¹⁸, verifica no universo da sua pesquisa associações entre o lugar em que residem com a situação de *status*, evidenciando que, para alguns, morar na zona leste confere certa distinção social e, por outro lado, morar fora dessa, confere um desprestígio social, a exemplo, residir nas zonas sul e norte. Afinal, o que fez dessa zona uma área nobre? Para responder a essa pergunta, é necessário fazermos uma contextualização da cidade.

2.1 Teresina: uma breve contextualização

Teresina teve seu desenho cuidadosamente planejado, porque foi construída para ser estrategicamente a nova capital do Piauí. Foi projetada pelo Conselheiro Saraiva, tendo como traçado geométrico a forma de tabuleiro de xadrez:

¹⁸ Expressão utilizada por Gallas (2013) com a intenção de superar a oposição de caráter binário entre heterossexualidade-homossexualidade, a partir das contribuições de autores, como Judith Butler. Contudo, respeitando as autodenominações dos seus interlocutores.

O homem é um ser desejante e a cidade sonhada por Antônio Saraiva deveria se transformar em centro dinâmico da economia e sociedade piauienses. Foi pensada para alavancar o progresso no Piauí, e sua posição do ponto de vista geopolítico a indicava como o motor do desenvolvimento da Província. Tenha a cidade nascido na "Chapada do Corisco" e, alcançado o seu desiderato ou não, foi desejada. Assim como Isidora era a cidade dos sonhos de Marco Polo, Teresina era a cidade dos sonhos de Saraiva. (NASCIMENTO, 2006, p.199).

O Plano Saraiva, executado em 1852, foi seguido rigidamente com as vias dispostas no sentido leste-oeste e norte-sul até o limite da Avenida Miguel Rosa, que não estava no traçado original, cortando a cidade no sentido norte-sul, margeando a estrada de ferro São Luís-Teresina (inaugurada em 1922). A capital está localizada, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no centro norte piauiense, com uma população de 814.230 habitantes. A cidade é subdividida em quatro zonas político-administrativas: norte, sul, sudeste e leste, além de áreas fora do perímetro urbano e do centro. Ela é situada entre dois grandes rios, o Parnaíba e o Poti.

As transformações espaciais em Teresina entre as décadas de 1940-1950 foram determinantes para o crescimento horizontal da cidade. As zonas norte e sul destacaram-se com a construção de vários bairros, a exemplo do Mafuá, Vila Operária, Vila Militar, Feira de Amostra e Matadouro. Já a zona sul teve sua expansão determinada pelos bairros Piçarra, Vermelha, São Pedro e Tabuleta, preenchendo os espaços entre os rios Poti e Parnaíba. O limite da expansão do espaço urbano estava compreendido entre as avenidas Miguel Rosa e Frei Serafim.

Em meados da década de 1950, desenvolveu-se a rede de transporte rodoviário e o aperfeiçoamento do setor de comunicação, contribuindo para a dinamização do estado e da cidade. Segundo Bartira da Silva Viana (2005), a construção da barragem de Boa Esperança – acompanhada do desenvolvimento dos setores administrativos, financeiros, creditícios –, e a ampliação do comércio varejista foram fatores que provocaram o crescimento socioeconômico da capital em muitos aspectos, dentre eles a expansão em um sentido leste-nordeste, preenchendo novas áreas além do Poti, após a criação da Ponte dos Noivos, como os bairros de Fátima, Jóquei e São Cristóvão.

Cristina Cunha de Araújo (2009), em seu trabalho *Trilhas e Estradas: a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980)*, ao analisar os processos de urbanização e as ações dos agentes modeladores do espaço que contribuíram para a viabilidade de povoamento desses bairros, chama a atenção para marcos importantes, como a criação de um hipódromo por um dos proprietários de terras na região, o Coronel Otávio Miranda. Assim:

As primeiras edificações de aproveitamento coletivo foram a pista de corrida para cavalos e a ponte Juscelino Kubitschek, ambas realizadas na década de 1950. Esses elementos foram cruciais para a materialização da idéia de zona nobre que se queria alcançar e, para divulgar, utilizavam-se propagandas publicitárias nos periódicos locais, principalmente os jornais. O discurso produzido pela imprensa local ou por moradores dos bairros serviram para consolidar aqueles locais como sendo bairros nobres. Até a atualidade essa imagem é reproduzida na cidade. (ARAÚJO, 2009, p. 67).

Segundo a historiadora, a ideia de morar em um bairro “nobre” influenciou um contingente de pessoas, atraindo a atenção do mercado imobiliário que, por sua vez, incorporou esse discurso, reproduzindo-o através de suas propagandas publicitárias que ressaltavam o novo estilo de moradia, disseminando a ideia de desenvolvimento rápido da área, assim como de novo local de moradia da elite. Formava-se, assim, um novo perfil habitacional nesses bairros que, através de investimentos e de melhorias urbanas, o apelo publicitário e a construção do Campus da Universidade Federal do Piauí (UFPI), no Planalto Ininga, contribuiu para materializar o recorrente discurso de que os bairros eram o mais novo refúgio da elite local.

A ocupação da zona norte da cidade está associada, principalmente, à instalação do aeroporto e dos conjuntos habitacionais. Foi ocupada pela população de menor poder aquisitivo por se constituir em uma área de largos terraços fluviais, pontilhados com muitas lagoas plúvio-fluviais, trazendo problemas decorrentes da falta de saneamento e da convivência periódica com as inundações, que, nos anos ou períodos mais chuvosos alagam as residências e desabrigam as famílias.

A zona sul é uma região que teve uma ocupação semelhante à zona norte, originando conjuntos habitacionais, por exemplo, o Parque Piauí, constituindo-se em um indutor de crescimento da cidade para a zona sul. Outros fatores contribuíram: a topografia favorável à implementação de serviços e de consolidação de uma boa infraestrutura; o surto da industrialização que ocorria no país ainda na década de 1970, período do surgimento das várias concessionárias na cidade, refletindo a expansão do setor automobilístico.

Diante disso, surgiam os mercados de autopeças e de pneus, como também as lojas especializadas em comercialização de automóveis usados. O conjunto desses empreendimentos localizou-se, na sua maioria, nos corredores das Av. Miguel Rosa e Barão de Gurguéia, na zona sul da cidade (FAÇANHA, 1998). Essa zona da cidade agregou setores especializados no comércio, também, de material de construção. Esse processo está ligado à descentralização das atividades comerciais e tornou-se evidente nos anos de 1970. Nessa

década, a configuração espacial urbana de Teresina adquiriu novos aspectos devido aos fluxos migratórios¹⁹, a intensificação da política habitacional e da modernização do sistema viário.

O processo de urbanização se intensificou ao longo da década de 1980, contribuindo para o processo de descentralização comercial que, em direção à zona leste, foi mais seletivo, atendendo às necessidades da população de mais alto poder aquisitivo. Nos bairros Jockey Clube e São Cristóvão surgiram comércios especializados, possibilitando que as pessoas pudessem consumir vários produtos em um mesmo espaço, beneficiando-se de outros inúmeros serviços. Assim, estava alicerçado, nesse grupo social, o imaginário de uma cidade que se insere no processo de modernização, como a maioria das cidades brasileiras (FAÇANHA, 1998; FAÇANHA; VIANA, 2013).

Em 1990, consolidou-se o processo de crescimento vertical²⁰ principalmente no centro e zona leste da cidade, definindo novas formas de morar e de produzir espaços. A construção de novos edifícios na zona leste de Teresina, atualmente é um mercado em expansão, e evidencia a atuação dos promotores imobiliários, tendo em vista a valorização dessa área da cidade, que está associada à valorização do solo urbano, principalmente no bairro Jockey Clube, causada pela ação dos agentes imobiliários, que passaram a divulgar que os condomínios fechados, trazem mais segurança, além do *status* social da pequena parte da população que residia naquela região (SILVA; ASSIS NETO; OLIVEIRA, 2013).

É nesse processo que os dois *shoppings centers* são construídos. O primeiro, chamado de *Riverside Walk Shopping*, foi inaugurado em 1996, localizado entre a Avenida Ininga e a Avenida Raul Lopes, no bairro Jockey Clube. O segundo, *Teresina Shopping*, foi inaugurado em 1997 e fica localizado na Avenida Raul Lopes, no bairro dos Noivos. A construção deles permitiu o surgimento de condomínios fechados e de diversas atividades comerciais nas proximidades. A verticalização deixou mais evidente a segregação existente na cidade e a

¹⁹ O crescimento acelerado que vem ocorrendo na área urbana de Teresina deve-se ao crescimento natural, associado aos elevados contingentes de imigrantes, oriundos tanto da zona rural, como de outras cidades piauienses, além de estados como Maranhão, Ceará e outros. Esses imigrantes são atraídos pelo desenvolvimento e pela adoção de inovações tecnológicas. Mesmo com a ausência de indústrias locais, desde as décadas de 1950 e 1960, Teresina passa a vigorar como polo de atração populacional. Esse fato decorre de políticas públicas de investimentos em saúde, educação, energia elétrica, habitação popular e pelo desenvolvimento da malha viária, interligando Teresina a centros estaduais e nacionais.

²⁰ O surgimento de condomínios residenciais na cidade de Teresina se iniciou por volta de 1970, nas proximidades da Avenida Frei Serafim, sendo que ao final da década de 1990, esse processo intensificou-se de forma acelerada, modificando a paisagem urbana da cidade de Teresina. Vale ressaltar que a construção dos condomínios Da Costa e Silva e Mário Faustino em 1984, pela Construtora Mafrense, na Avenida Marechal Castelo Branco foi um marco inicial da atividade de promoção imobiliária privada em Teresina, representando assim o início de um período de produção de inovações nos serviços de moradia destinados às classes mais altas. (Vieira, 2005).

atuação dos agentes imobiliários, que agem sobre o espaço urbano produzindo e reproduzindo o seu capital:

Vale ressaltar que os apartamentos em Teresina passaram progressivamente a serem destinados à venda, acarretando o surgimento das atividades de incorporação e da figura do corretor. As classes médias altas foram as consumidoras dessa nova forma de habitar, acentuando, assim, o processo de segregação espacial com o progressivo esvaziamento do uso residencial da área central e a consolidação da verticalização em bairros nobres da cidade, a exemplo dos bairros de Fátima e Jóquei. (VIANA, 2005, p. 8).

Cabe ressaltar que o processo de verticalização da cidade contemplou outras áreas, a exemplo dos conjuntos Morada Nova, Tancredo Neves, João Emílio Falcão, Verde Te Quero Verde, dentre outros que são resultado da ação da Companhia de Habitação do Piauí (COHAB), indicando contradições existentes no tecido urbano diante daquele processo, apesar de seguirem lógicas diferentes que variam do perfil do consumidor ao valor das áreas que os imóveis estão localizados. É importante pontuar que a zona leste é constituída de 27 bairros, dentre os quais o bairro de Fátima, o Jockey, o São Cristóvão e o Ininga, que tradicionalmente agregam a população de maior renda na cidade. São nesses quatro bairros específicos que se concentram os espaços de sociabilidades e as residências das interlocutoras.

Se, por um lado, a zona leste é atendida por uma ampla rede de comércio especializado, unidades de ensino, postos de saúde e estabelecimentos de diversão e de gastronomia, além de reunir grande parte das instituições particulares de ensino superior da cidade, por outro, encontramos na extensão dessa zona populações de baixa renda, principalmente pela invasão dos grandes terrenos, ora vazios, ora de maior vulnerabilidade ambiental, como as encostas íngremes e os fundos de vales dos riachos. Não podemos pensar nessa zona de forma homogênea, “[...] o fato é que não é possível isolar no bairro trechos significativos, habitados exclusivamente por uma camada mais rica” (VELHO, 1978, p. 27).

A valorização dessa área da cidade está associada às condições de *status* social da classe média à alta, que reside nessa região, possibilitando dizer que existe uma segregação por diferença de *status* hierárquico, na qual se reflete e reproduz uma relação de poder. Ela pode ser representada por um condomínio fechado, ou pela ação do Estado em priorizar a distribuição de mais serviços públicos para uma região (SILVA; ASSIS NETO; OLIVEIRA, 2013).

A cidade é palco para as mais diversas vivências, permeada por fragmentos e complexas representações cotidianas. Por isso, foi oportuno apresentar o contexto das zonas

de Teresina, pois apresentam sentidos simbólicos distintos que retratam as vivências nos espaços de sociabilidades. A partir disso, é possível apreender outros significados para as perguntas: “Onde você mora? É na zona leste?”, ou “Saio apenas para os lugares da zona leste”. Elas estão carregadas de valores e de marcas de distinção que refletem os sistemas de classificação que envolvem sexo, gênero, classe, estilos e outras hierarquias sociais. Com a finalidade de situar os espaços frequentados por nossas interlocutoras, parto para a próxima incursão.

2.2 Vinte anos depois: “Teresina mostra tua cara”!

Em novembro de 1995, foi apresentado um trabalho de conclusão de curso com o seguinte título: *Teresina, mostra tua cara! Configuração da Realidade Homossexual Teresinense*. Adriana Araújo Silva e Diana Márcia Lima Verde Moura trataram, nessa pesquisa, sobre a realidade dos homossexuais teresinenses nos guetos. A proposta era entender o significado dos guetos e como eles se caracterizavam em Teresina. Para as autoras, existia uma alegria nos “guetos” que não era expressa em outros espaços de sociabilidades. A partir disso, buscaram identificar os valores que orientavam esse sentimento e o perfil do homossexual frequentador dos guetos teresinenses.

Foram feitas observações em boates, em festas particulares, em festas ocorridas em sítios e em bares que durante o dia funcionavam como lugares frequentados por heterossexuais e à noite se tornavam palco de festas *gays*. A boate observada foi a L.N.²¹, considerada naquela época a mais tipicamente *gay* de Teresina, localizada no centro da cidade. Lá, recebia um público diverso “[...] com vários tipos de homossexuais: os entendidos, as travestis, os transformistas, os enrustidos, os simpatizantes, os michês, e até as prostitutas” (SILVA; MOURA, 1995, p. 22). Conforme dizem as autoras, as “prostitutas” eram em sua maioria da Bete Cuscuz e frequentavam a boate com a intenção de encontrar companhias femininas para trocas de companheirismo, carinho e compreensão, ao contrário dos michês, que procuravam fazer programas (SILVA; MOURA, 1995).

A casa da Tia Araci era um bar conhecido como clube da Luluzinha, frequentado somente por homossexuais femininas. O bar funcionava no quintal da casa da proprietária, a Araci, localizada no centro da cidade. Segundo Silva e Moura (1995), as mulheres que ali frequentavam buscavam o isolamento da presença masculina, ou seja, homens héteros e *gays*

²¹ O nome era L.N. por ser localizada na rua Lizandro Nogueira, no centro da cidade.

não eram convidados. As pesquisadoras argumentam sobre uma nostalgia naquele lugar “[...] talvez pelo fato das frequentadoras se aproximarem, ou até serem da terceira idade” (SILVA; MOURA, 1995, p. 22).

Já o Bar Alternativo, descrito como outro local de observação, congregava um público diversificado com uma forte presença de pessoas que se identificavam, sobretudo, com a música. Era um local frequentado por *gays*, lésbicas e simpatizantes, no entanto, existiam censuras em relação às manifestações de carinho, como beijo, abraços ou carícias mais íntimas.

O Clube dos Diários, localizado na Praça Pedro II, no centro da cidade é citado como um espaço onde eram realizadas festas *gays* como a Conexão Bine – Iubita-Party. Silva e Moura (1995) caracterizam essa festa como “[...] uma noitada hipnótica povoada e embalada por excêntricas figuras [...]”, deixando os frequentadores ansiosos, criando uma forte expectativa em relação ao dia da festa. Era um novo modelo que até então era desconhecido na cidade. Foi pensado pelo produtor cultural Jorginho Medeiros, em 1994, após conhecer o cenário europeu marcado pela música eletrônica. Era realizada uma vez por mês e contava com um público bem diversificado.

Tinha-se, então, a ideia de uma noite alternativa, com muito colorido, diversão, música eletrônica em lugares inusitados como “[...] o Clube dos Diários, na época, um clube decadente e arruinado fisicamente, no Cabaré da Pretinha ou na casa de entretenimento adulto Beth Cuscuz. Também tinham lugar em casas abandonadas e em estacionamentos” (GALLAS, 2013, p. 100). O modelo dessa festa traz elementos novos para configuração das festas, como o uso de *flyers*, *DJs*, *drag queens*. Em relação ao nome da festa, deparei-me com duas denominações que não diferem muito. A primeira é tratada por Silva e Moura (1995) como: Tá Boa Santa? Já na pesquisa realiza por Gallas (2013), na qual ela teve a oportunidade de conversar com Jorginho Medeiros, argumenta que o produtor cultural a informou que o nome *Bine Iubita* fora extraído de uma expressão romena que significa “Tá, meu bem!”.

Silva e Moura (1995) realizaram, além das observações, dez entrevistas com pessoas homossexuais. Cinco mulheres e cinco homens que frequentavam assiduamente esses espaços e festas citados. Segundo as autoras, os perfis das pessoas entrevistadas seguiam certo grau de instrução, pois possuíam o segundo grau completo, nível superior completo e incompleto, algumas tinham pós-graduação. Eram pessoas pertencentes às camadas médias, com distintas profissões, desde artistas, arquitetos, funcionários públicos federais, professores, comerciários, profissionais liberais ou estudantes que tinham entre 20 e 40 anos.

A concepção de gueto apresenta diferentes significados no contexto da pesquisa. É visto como um lugar democrático onde é possível ter um a liberdade de ação, possibilitando encontrar os pares, as paqueras, divertir-se. No entanto, ao final da noite, “[...] percebemos nos guetos certa melancolia estampada nos rostos das pessoas, uma espécie de ressaca moral” (SILVA; MOURA, 1995, p. 29), relacionada à frustração por não ter encontrado uma companhia. Por outro lado, refere-se ao difícil processo de desvencilhamento da socialização marcada pelos padrões morais heterossexuais.

A imagem do gueto não é construída de forma homogênea. Se, por um lado, ele oferecia uma maior liberdade de ação, por outro, instituía códigos que o regulavam. Assim, quando uma pessoa ultrapassava os limites estabelecidos pelo próprio gueto tinham as ações censuradas. Existia uma ordem, e quem a transgredisse, tornava-se alvo de críticas. Não havia uma concordância sobre a “separação” entre lugares heterossexuais e homossexuais. Algumas pessoas homossexuais entrevistadas colocaram que deveria existir uma superação da ideia de “separação” entre os lugares. Outras afirmaram frequentar somente os guetos. Através da observação, as pesquisadoras demonstraram que algumas entrevistadas frequentavam os lugares heterossexuais como uma forma de “obrigação moral”, terminando a noite nos lugares de sempre, o gueto.

Em relação à estrutura e ao atendimento, as pessoas homossexuais reclamavam da falta de segurança, dos altos preços e dos péssimos serviços. Afirmaram que pela falta de opção, frequentavam aqueles lugares carentes de uma reforma que possibilitasse um conforto. Frequentar tais lugares, para alguns, não significava clandestinidade, ou seja, o gueto não era clandestino no sentido de ser escondido, pois era aberto ao público em geral e, a partir do momento que alguém entrasse naqueles locais, já estava se expondo, sobretudo, por se localizarem no centro da cidade. Porém, a observação mostrou que o gueto também representava um desafio à ordem estabelecida, provocando um estado de excitação em transgredir a ordem, em frequentar o proibido, o diferente.

A alegria no gueto é outro eixo analisado. As pesquisadoras argumentam que a esse sentimento está associado à possibilidade de poder expressar a “identidade homossexual”, os desejos e as vontades. Tal sentimento estaria expresso de forma mais acentuada nos homens homossexuais, principalmente na figura “folclórica da bicha louca” que representaria naquele contexto tudo que a sociedade espera do homossexual. A caricatura da “bicha louca” representava o “fazer rir”, para amenizar a agressão vivenciada nos ambientes heterossexuais. Dessa forma, “o mundo *gay*” era, aparentemente, mais alegre, tão verdadeiro e efêmero como o “mundo heterossexual”. Se por um lado, era possível extravasar as angústias e os anseios,

por outro, existia uma tristeza por não poderem expressar cotidianamente suas vivências homossexuais.

O significado apreendido sobre a concepção da homossexualidade através das observações entrevistas e conversas informais indicaram sobre a relação entre o medo, a solidão e a não institucionalização do casamento homossexual no país por parte dos homens homossexuais, ou seja, acreditam que por serem homossexuais tinham como destino a solidão. Eles expressaram desejo de uma institucionalização das relações. Já as mulheres homossexuais, embora reconhecessem as dificuldades das relações, acreditavam que os relacionamentos homossexuais estavam baseados no amor, na vontade de estar e ficar juntos, o companheirismo. Elas expressaram a possibilidade de viver uma relação fora do padrão dominante, defendendo que as relações homossexuais eram vividas com muito mais intensidade se comparadas às relações heterossexuais.

O perfil dos homossexuais nos guetos foi o último eixo analisado. Silva e Moura (1995) constataram que os guetos de Teresina se tornaram lugares frequentados por homossexuais de todos os segmentos sociais. Existia a presença do homossexual machão, da bicha louca, travestis, mulheres masculinizada (sapatão), da mulher homossexual afeminada (lésbica-*chic*). Os homens homossexuais tinham uma maior preocupação com a aparência física, com o poder econômico. Existia uma preocupação em torno da imagem, ou seja, quem brilha mais, quem anima, quem consegue ser mais *chic*, quem consegue ser mais diferente e original.

O gueto teresinense funcionava como o local de encontro para expressar a identidade. Contudo, as pesquisadoras destacam que não havia a intenção de criarem uma organização por parte dos homossexuais. Relatam que na década de 1980 houvera uma tentativa da formação do Grupo-*Free*, mas, motivados pelo medo e a exposição, o grupo não se consolidou. “Toda essa pesquisa só veio a confirmar que, embasando-se em argumentos morais enfraquecidos, a sociedade reprime, marginaliza e penaliza o homossexual no seu cotidiano” (Silva e Moura, 1995, p. 45).

As autoras finalizaram a pesquisa afirmando que as possibilidades de liberdade de ação dos homossexuais eram alvo de preconceito fora dos guetos e, assim, a procura por esse espaço se fazia necessária. Apesar do medo, da solidão, da desconfiança e do descrédito, os homossexuais acreditavam no avanço de suas lutas cotidianas, com a possibilidade de conquistarem outros espaços na sociedade. Por fim, ressaltaram que o preconceito é advindo da falta de informação sobre as vivências homossexuais e que a imagem estereotipada, como a da “bicha louca” e a “do sapatão”, contribuíam para a configuração do homossexual no

imaginário social. Revisitar o texto de Silva e Moura, propõe-me refletir na elaboração dos seguintes questionamentos: Vinte anos depois, é possível falar em guetos em Teresina? Ainda existem esses espaços? Qual é a percepção das interlocutoras sobre os espaços de sociabilidade?

Responder a essas perguntas é uma tentativa de atualizar as referências etnográficas sobre esses espaços na cidade de Teresina. Contudo, antes de seguirmos, é oportuno situar essa discussão dentro dos debates especializados sobre a formação no espaço urbano de zonas de ocupação vinculadas à orientação sexual, definindo-as como guetos *gays* até o contexto atual. Silva e Moura (1995) utilizaram o conceito de gueto tomando como referência Martin Levine (1979), e que foi inicialmente utilizado pela Escola de Chicago para denominar as redes de vizinhança habitadas por negros, judeus, italianos, ou seja, grupos de distintas nacionalidades no contexto norte-americano.

Edward MacRae, em 1983 publicou o artigo “*Em defesa do gueto*”, descrevendo logo nas primeiras linhas sobre uma certa explosão de comportamento homossexual na região central da cidade de São Paulo, principalmente à noite, quando pessoas do mesmo sexo, principalmente homens eram vistos andando abraçados, entre beijos, como formas de saudação. O autor buscou refletir sobre o processo da crescente visibilidade conquistada pelos homossexuais depois da abertura política, o que possibilitou uma enxurrada de estabelecimentos diretamente voltados para o mercado gay promovendo mudanças nas vivências das relações homossexuais, nas formas de sociabilidade e na postura política na esfera da militância.

Tais mudanças eram observadas através do número crescente de pessoas que assumiam a identidade homossexual, apesar dos fatores sociais que o levavam a se ocultar, a ter medo, a sentir vergonha e cometer pecado ou até mesmo temer o desemprego e o afastamento por parte dos amigos. Nesse sentido, o “gueto era o lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social” (MACRAE, 1983, p. 56). Para além da possibilidade de encontrar parceiros, era o lugar da autoaceitação que acabaria afetando outras áreas da sociedade. Tratavam-se de espaços urbanos públicos ou comerciais, como parques, praças, calçadas, quarteirões, estacionamentos, bares, restaurantes, casas noturnas, saunas.

Júlio Simões e Isadora Lins França (2005), ao revisitarem o artigo de MacRae discutiram sobre o percurso do “gueto” no mercado GLS na cidade de São Paulo, à luz do contexto marcado por uma ampliação e uma diversificação dos espaços de sociabilidade homossexual e das formas de expressão cultural e política das homossexualidades.

Ressaltaram que a concepção de “gueto” é enfatizada muito mais por sua dimensão política e cultural de espaço público, pois não existe no contexto das grandes cidades brasileiras a correspondência do “gueto” como um espaço fixo marcadamente segregado, de frequência exclusiva ou predominantemente homossexual:

O que chamamos de “gueto” é algo que só pode ser delimitado ao acompanharmos os deslocamentos dos sujeitos por lugares em que se exercem atividades relacionadas à orientação e à prática homossexual. É preciso notar também que empreendimentos comerciais e ocupações (essa palavra tem sentido de tomada de espaços públicos ou não por sem-tetos) específicas de regiões da cidade estabelecem diferentes “guetos”, frequentados por sujeitos agrupáveis não somente pela orientação sexual, mas também por sexo, poder de consumo, “estilo”, modo pelo qual expressam suas preferências sexuais e assim por diante. (SIMÕES; FRANÇA, 2005, p. 2).

Percebemos um diálogo com Nestor Perlongher (1987) que utiliza a expressão *gueto gay* para se referir aos sujeitos envolvidos no sistema de trocas do mercado homossexual e aos locais onde as atividades relacionadas com sua prática sexual (e geralmente existencial) são exercidas com frequência consuetudinária. A proposta do autor é mostrar que o uso de tal expressão abrande a área estudada, embora seu campo de ressonância fosse estendido conforme os deslocamentos das populações que o constituem. Em contraposição a Levine (1979), a noção de “ghetto” não tem limites geográficos precisos e, sim, flutuantes e nômades que acompanham os movimentos reais das redes relacionais que aspira significar.

Através desse diálogo, Simões e França (2005) propõem a utilização das categorias como “manchas” e “circuitos”, com a intenção de dar conta da lógica de implantação e utilização de aglomerados de estabelecimentos e serviços na paisagem urbana, seguindo as concepções de territorialidades itinerantes e flexíveis. Essa foi uma escolha teórica mais adequada para a empreitada de descrever sobre o “gueto homossexual” nas grandes cidades brasileiras.

Em seguida, argumentaram que não pretendiam esboçar uma análise detida das mudanças que alteraram as expressões culturais, sociais e políticas da homossexualidade desde a época da escrita do artigo de MacRae, no entanto, destacaram dois fenômenos de alcance mais amplo: o impacto social da epidemia HIV-Aids e a crescente importância do mercado na promoção e difusão de imagens, estilos corporais, hábitos e atitudes associados à política de identidades e às emergentes culturas identitárias homossexuais.

A epidemia, se por lado deixou um rastro de morte e estigma por outro proporcionou mudanças em relação à discussão pública sobre a sexualidade e “deixou também, como

legado, uma ampliação sem precedentes da visibilidade e do reconhecimento da presença socialmente disseminada do desejo e das práticas homossexuais” (SIMÕES e FRANÇA, 2005, p. 3). Trouxe para a ordem do dia uma polifonia de informações sobre questões, como as doenças venéreas e o uso de preservativos, deixando-as fora da “clandestinidade”. É importante ressaltar que esses debates promoveram uma “revigorada” na militância que procurou se (re)organizar frente às instituições governamentais com o intento de discutir e formular políticas públicas no campo da saúde e no combate à violência.

Outro fenômeno a considerar é a importância do mercado e a difusão dos meios de comunicação especializados, como revistas, jornais, editoriais, agências de turismo e de namoro voltadas ao público homossexual, assim como seções dedicadas à homossexualidade em grandes jornais, livrarias, editoras e agências de viagem. Somam-se a isso, as inúmeras oportunidades de sociabilidade, através das salas de bate-papo dirigidas à homossexualidade.

Percebe-se, então, um movimento direcionado para o mercado e para a mídia, marcantes na década de 1990. Nesse sentido, a articulação dos debates públicos sobre sexualidade e a homossexualidade abriu espaço para outras configurações de mercado:

Desde meados da década de 1990, o que se conhecia como o “gueto” homossexual começa a se transformar num mercado mais sólido, expandindo-se de uma base territorial mais ou menos definida para uma pluralidade de iniciativas, que não deixam de comportar um circuito de casas noturnas, mas que também envolve, hoje, o estabelecimento de uma mídia segmentada, festivais de cinema, agências de turismo, livrarias, canais de TV a cabo, inúmeros sites, lojas de roupas, entre outros [...]. A segmentação de espaços destinados ao público homossexual acontece simultaneamente a um processo de multiplicação de identidades no interior do movimento GLBT: além das grandes categorias de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais assumidas pelo movimento homossexual, emergem também subgrupos, incentivados pela proliferação de fóruns e listas de discussão na internet e pertencentes principalmente ao segmento dos *gays* (grupos de advogados *gays*, judeus *gays*, adolescentes *gays*, surdos *gays*, etc.). (França, 2007, p. 232-233).

Ainda nessa década, a categoria GLS foi implantada e difundida para designar “gays, lésbicas e simpatizantes”. De acordo com Simões e França (2005) ela surgiu a partir da articulação do sítio Mixbrasil (criado em 1993, quando o que viria a ser a internet ainda era a rede BBS) e do festival de cinema de mesmo nome, inspirado no modelo do “*Gay and Lesbian Film Festival*”, de Nova York. O “S” da sigla trouxe a ideia de congregar no mesmo espaço físico pessoas de múltiplas orientações sexuais, contribuindo para uma flexibilização das fronteiras do “gueto”.

Localizo, por meio da flexibilização dessas fronteiras, o esforço empreendido por Silva e Moura ao analisarem a Configuração Homossexual Teresinense. Os resultados dessa pesquisa demonstram pontos significativos: os diferentes sentidos atribuídos à noção de gueto, sinalizando tanto inclusão como exclusão; a superação da ideia de separar os espaços heterossexuais e homossexuais; a utilização da categoria GLS para demonstrar a circulação da diversidade de pessoas no mesmo espaço, como no Bar Alternativa; a configuração de festas marcadas por novos elementos, como a música eletrônica, o uso de *flyers*, *DJ's*, *drag queens*, geralmente ocorridas em lugares inusitados.

2.3 Atualizando referências: do “gueto” ao mercado GLS

A região central da capital ainda congrega distintos espaços de sociabilidade dirigidos ao público GLS, onde é possível observar uma quantidade significativa de festas no decorrer da semana. Gallas (2013) cartografou os lugares de frequência não heterossexual²² em Teresina, identificando menos de quinze espaços localizados, em sua maioria, no centro, desde o extinto Mercearia *Pub* Bar até os locais de acesso restrito, frequentados pelo público homossexual.

Com o estilo de *pub*, o Mercearia, como era conhecido, localizava-se na Rua Eliseu Martins, próximo à Praça João Luís Ferreira, com uma simples fachada decorada com uma placa estreita no sentido vertical com o nome do lugar. O funcionamento se dava estritamente no horário noturno, geralmente depois das 22 horas. O estilo das festas variava conforme a atração e os dias da semana. No período de campo, este não foi um espaço eleito pelas interlocutoras e por esse motivo não explicitarei uma descrição detida, no entanto, elas ressaltaram a sua importância no contexto local, sobretudo, no início dos anos 2000.

Em diferentes momentos escutei sobre a festa *Hooligans* como uma das mais interessantes que ocorria no Mercearia. Tratava-se de um projeto criado por Fabiano de Cristo, na época estudante de publicidade de uma faculdade particular. Foi em uma noite de julho de 2011, no apartamento de Lúcio, amigo da Dara que escutei precisamente sobre essa festa. Não foi uma simples conversa que eu observei entre os amigos e, sim, uma forma de se colocarem em posições distintas diante daquela festa. Consideravam-se “os modernos”, tanto por “curtirem” as músicas como os estilos, aliás, são considerados como pessoas que

²² Apesar dos interlocutores de Gallas denominarem os locais como bares ou *gays*, ela optou por considerá-los como locais preferencialmente frequentados por não-heterossexuais com a intenção manter uma coerência com as demais manifestações sociosexuais e afetivas, que fogem do modelo heterossexista e heteronormativo.

lançaram tendências naquele contexto, em relação às formas de se vestirem e ao gosto musical.

Lúcio e Dara descreveram essa festa como de “vanguarda”, começando pela escolha do dia, a quinta-feira, que era um dia morto na cidade em termos de festa. O formato da festa era o seguinte: geralmente ocorriam discotecagens por pessoas que não profissionais da música, como *DJ*. Qualquer pessoa tinha um livre acesso para comandar alguns minutos ou horas a festa. Inicialmente, o público era composto pelos amigos do Fabiano, contudo, foi crescendo e ampliando a quantidade de pessoas, chegando ao número de 300 pessoas.

Segundo Lúcio, as pessoas que frequentavam o Mercearia no dia dessa festa, principalmente no início, não estavam preocupadas se o público era *gay* ou não, o interesse era na música, na dança, na diversão, na pluralidade de estilos:

Era uma festa que só tinha pessoas bonitas e estilosas. Eu e Lúcio tínhamos visto festas assim quando fomos a Fortaleza. Quando surgiu a *Hooligans* foi massa porque era som que curtíamos. Depois, quando ficou mais popular também perdeu seu encanto. (Dara)

[...] então todo mundo queria dançar rock rol , então tinha um cara que curti mais música black, então tocava samba rock e sabe [...] esse outro lado de Teresina também é muito interessante porque eu achava as pessoas muito modernas sabe, tem foto que você olha ... e pô, isso aqui é uma festa em Londres por causa das pessoas que frequentavam, a maneira como elas iam vestidas, a música sabe e tinha uma identificação muito grande. Tocavam bandas de rock, banda *indie*, bandas independentes, eletrônico (Lúcio).

O idealizador do projeto *Hooligans* encerra a agenda dessa festa. Segundo Gallas (2013), com a desistência de Fabiano, o *DJ* Naldo Moraes começou a cuidar do projeto e criou a *Mosh*²³, inicialmente, mantendo a proposta de rock *indie*. Posteriormente, com a presença constante de aspirantes a *DJ*'s, o pop prevaleceu. Era uma festa com um público predominante *gay* e pouco frequentada pelas interlocutoras desta pesquisa. Afirmam que era uma festa não atrativa por ter um público adolescente.

Tomando como referência a Praça João Luís Ferreira, no centro da cidade, encontramos em seu entorno, além do Mercearia bares de calçada, como o Bar Lambda, localizado na rua 7 de Setembro. A estrutura do estabelecimento é simples: as mesas ficam dispostas na calçada, não ultrapassando o número de vinte. Geralmente é no final da tarde que o bar “aparece” com as mesas dispostas, pois durante quase todo o dia permanece fechado, de

²³A *Mosh* se tornou uma festa caracterizada por executar músicas pop. Atualmente ocorre às sextas-feiras no espaço Trilhos, localizado na estação do metrô na Avenida Miguel Rosa.

forma que passa despercebido entre os prédios comerciais e agências de viagens. Com o estilo *music in box*, a animação é variada conforme a música escolhida.

É um local conhecido como esquentão, ou seja, significa que é ali onde começa o início da saída noturna, tomando alguma bebida antes do destino principal da noite, geralmente iniciando a partir das 22 horas. Segundo Gallas (2013), os frequentadores ficam em suas mesas, bebendo sozinhos ou acompanhados, mas interessados em estabelecer contato por meio da conversa. É o que atrai os homossexuais mais maduros. Há uma frequência bem equilibrada de homens e mulheres de idade superior a trinta anos.

Na mesma área, no sentido centro-norte encontramos outro bar de calçada, chamado PL24, com uma extensão de calçada maior, porém com um número de mesas inferior, se comparado ao Lambda. Na parte interna encontram-se dois banheiros dispostos ao lado direito e ao lado do balcão que separa o pequeno salão do espaço onde ficam os *freezers* de bebidas. Ao fundo desse, uma pequena cozinha foi instalada. A iluminação no pequeno salão é feita por um jogo de luz. No canto esquerdo, diametralmente oposto aos banheiros, encontra-se um *box in music*. Esse é um lugar estratégico para uma paquera. A presença de mulheres heterossexuais ou lésbicas é ínfima em relação à presença dos homens *gays* com a faixa etária variada.

Ainda nesse sentido geográfico, próximo à Avenida Campo Sales, em um prédio simples e antigo, localiza-se o Zum Zum Bar. A entrada é simples, sem uma bilheteria específica. Ao entrarmos, deparamo-nos com o balcão do bar à esquerda, com pouca iluminação, formando o primeiro ambiente do bar com mesas e cadeiras. Em seguida, outras mesas são dispostas em um sentido horizontal até chegar ao pequeno palco. Anteriormente, nesse segundo espaço funcionava uma piscina, dando nome ao antigo estabelecimento: Piscina's bar. Quando esse fechou as portas, os novos proprietários mantiveram as estruturas laterais da piscina para servirem de balcão em ambos os lados, direito e esquerdo, findando antes do palco. Esse é ponto que marca o terceiro ambiente, que é aberto. A entrada é cobrada somente em dias de festa. Não é um roteiro frequentado assiduamente pelas minhas interlocutoras, no entanto, quando as atrações das festas são cantoras assumidamente lésbicas, elas comparecem.

Em torno da Praça do Fripisa, região central, localiza-se o bar/boate Estacionamento, na Rua Quintino Bocaiuva, próximo ao edifício do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). Enquanto bar recebe um público diversificado desde as pessoas que trabalham no centro que por lá param após o horário do expediente, aos estudantes do ensino médio e universitários. Já como boate, o público se torna ainda mais diversificado,

dependendo da atração, contando com *gays*, lésbicas e travestis. Caracteriza-se pela presença de mulheres com uma faixa etária mais ampla - dos 17 aos 48 anos - sendo essas mais pretas e pardas, dos estratos populares com menor poder de consumo e masculinizadas, formando pares a partir da diferenciação de atributos feminino e masculino. É um local fechado, de entrada única, com um salão apertado e escuro, e um segundo salão com algumas partes abertas. As mesas são dispostas por todo o espaço. Gallas (2013), ao cartografar esse lugar, diz o seguinte:

As mesas são espalhadas pelo espaço, quase uma tocando na outra. Normalmente, a maior parte do público é de bairros mais distantes do centro. A música usualmente é de funk carioca, pagode e eventualmente, a casa também contrata DJs para executar música eletrônica no espaço. A confusão de pessoas comprimindo-se no espaço dá uma aparência de “inferninho” que incomoda alguns homossexuais que entrevistei.

A representação de “inferninho” aparece no meu campo de estudo, no entanto, as interlocutoras o frequentaram na ocasião de um *show*, no qual eu não estive presente, uma vez, que ainda não estava inserida em campo. Escutei sobre essa determinada saída, certa vez, conversando com Dara quando essa explicava-me que havia ido ao Estacionamento somente por causa da atração musical.

Fora da região central outras festas foram surgindo em boates estruturadas com um maior conforto, ainda que fossem pequenas. Entre 2009 e 2010, a boate Cenário Club, localizada na Avenida Nossa Senhora de Fátima, despontou como uma nova aposta de espaço transitório. Em 2009, Dani Jales, jornalista, fotógrafa e *DJ* promoveu a festa “Devassa”, atraindo um número significativo de pagantes, com um público mais jovem. Por se tratar de uma festa temática, cada edição era pensada a partir de um tema, por exemplo, em 2011 foi realizada a “Devassa Morangosa”, no *Atlanticity Club*. Recebeu esse nome por receber como convidada uma lésbica *vip*, a “Morango” (Ana Angélica Martins), ex-participante do *reality show* exibido pela Globo, *Big Brother Brasil*.

Nessa linha, aconteceram outras festas, como a “Baba Jaga” e “Safo”. A primeira foi idealizada por Dayse Falcão, *DJ* Samdrade, Lucas Mancinni e pela *DJ* Marg Toledo. Essa, produzindo a segunda com outras parcerias. Tais festas aconteceram em lugares diferentes. A última edição da “Safo” ocorreu no *Spative*, antiga Mansão da Beleza, localizada na Rua Juiz João de Almeida no bairro Ininga. Em 2013, foi inaugurada a Reserva *Pub*, localizado na Rua Desembargador Mota, Q1 C1, no bairro Monte Castelo, zona Sul da cidade. Recentemente, no centro, próxima a antiga boate Mercearia, foi inaugurada a *Heaven Pub*. Estas duas atraíram um

público diverso dependendo da atração musical. Esses espaços não são fixos, em relação a permanência dos estabelecimentos. Portanto, assistimos as constantes aberturas e fechamentos desses espaços.

Com efeito, a dinâmica desses espaços está atravessada pelos processos contemporâneos que marcam as cidades como a mudança da percepção da lógica do tempo, a partir de transformações na vida individual e social, no âmbito trabalhista através de uma reestruturação dos hábitos de trabalho, evocando a disciplina e uma nova natureza humana. Nesse sentido, a cidade tornou-se uma forte representação desses novos horizontes (THOMPSON, 1998), no quais, os espaços e lugares que conformam a cidade estão em processo, em movimento.

Assim, a cidade é vista como uma construção social onde as crenças tem um papel fundamental, ou seja, a cultura é campo social onde os conflitos sociais se expressam de maneira mais forte (WILLIAMS, 2000) nos quais existe uma reivindicação que o indivíduo preservar a sua autonomia e individualidade e subjetividade em consonância com a complexidade das sociedades moderno-contemporâneas com uma mobilidade material e simbólica sem precedentes em sua escala e extensão (SIMMEL, 1973; VELHO, 2003).

É interessante acompanhar as temporalidades históricas e espaciais quando nos referimos à sociabilidade GLS e LGBT's para pensar as situações de sociabilidade no tempo e no espaço. Isso será visto no próximo capítulo, ao serem reconstruídas as trajetórias das nossas personagens que vivenciaram o período o que se convencionou chamar “gueto” e, atualmente, frequentam outros espaços de “sociabilidade fora do gueto” (FACCHINI, 2008; MEINERZ, 2011; OLIVEIRA, 2014).

Para fins de um recorte metodológico sobre os espaços, eu optei por mapear aqueles frequentados nas idas a campo, a convite das interlocutoras. Nesse sentido, destaco três universos: os encontros que chamo aqui de particulares, como os almoços, jantares, sessões fílmicas nas casas, apartamentos e sítios; o universo dos cafés, Café Mais e o Café Expresso, ambos localizados na Zona Leste; e o terceiro que são os restaurantes e bares, especialmente, os localizados na Zona Leste da cidade, como o Água de Chocalho, Coco Bambu, Clube da Esquina, Café Del Mar, Boteco, o Seu Boteco, para citar alguns. Como abordarei as situações observadas, os seus desdobramentos dar-se-ão nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO 3 - ETNOBIOGRAFIAS: Relações de gênero, família e sexualidade

3.1 Dara: Ascensão profissional e respeito

3.1.1 Contexto

Dara é uma mulher que nasceu no interior do Piauí, em 1969, em uma família tradicional, reconhecida por sua participação na política local, sendo sua mãe um ícone que já ocupou vários postos na política, exercendo, destacando-se, ainda, por outras duas habilidades: era reconhecida na arte de declamar poesias nos saraus que aconteciam nos eventos promovidos, geralmente, por outras famílias tradicionais da cidade. Nessas ocasiões, sua “elegância e desenvoltura” protagonizavam “belos” passos de dança no salão principal das festas.

Seu pai era um expressivo comerciante, no entanto, fora acometido por problemas de saúde. Tem um irmão mais novo e duas irmãs mais velhas. Desde moço, o irmão, apresentara problemas de saúde. As irmãs, por sua vez, seguiram as convenções destinadas às mulheres que carregavam o sobrenome tradicional da cidade. Formaram-se em cursos considerados nobres, casaram-se com “bons partidos” e seguiram os passos da mãe, desenvolvendo posições sociais ditas relevantes para o meio da cidade e da capital.

Foi no contexto dos anos oitenta, em uma cidade do interior e de uma família tradicional que Dara viveu sua adolescência, marcada “por um amor platônico” sob os “atentos olhares” familiares. Sentia o medo de perceberem o seu amor, que na época ela não ousara dizer o nome:

Foi um momento no qual as pessoas ficavam com piadinhas, pré-conceito. Eu não tinha identificação com muitas pessoas, sempre estava apaixonada por uma amiguinha mesmo namorando meninos. Até gostava de ficar com os meninos, mas não ficava apaixonada, não tinha aquela doçura das meninas. Com mulher eu ficava apaixonada. As pessoas percebiam e isso marcou muito porque eu era totalmente diferente das minhas irmãs e eu sabia que não seguiria os passos delas, porque desde muito novinha eu me percebo gostando de meninas. Na minha infância eu não via isso como errado, mas durante minha adolescência e já nos vinte e poucos anos, quando as pessoas sinalizavam como algo errado. A pessoa começa a se sentir envergonhada, sozinha no mundo. Minha família no fundo sabia e eu sofri muito, porque naquela época a imagem que eu tinha era: de um gay tipo bicha louca que pagava os caras para transar com ele; a outra uma lésbica bem “machona” que moravam na minha cidade e que meus pais diziam que todos eram assim. Foi então, que meus conflitos começaram porque eu não

me imaginava tendo uma relação com aquele tipo de lésbica e nem queria andar no estilo “machona”.

Ao reconhecer, no movimento da sua trajetória, uma distinção entre àquelas vivenciadas por suas irmãs, Dara compõe um cenário no qual se afasta, no primeiro momento do modelo convencional sustentado por sua família ao “acionar” uma sexualidade contrastante, produzindo uma ruptura. No movimento subsequente, vemos toques de um conflito entre a imagem construída por sua família, reforçando convenções e normas que se materializaram através dos corpos da “lésbica machona”²⁴ e “bichas loucas”²⁵, pautadas na ótica do estigma característico dos anos oitenta e a sua não identificação com essas performances de gênero.

Distanciar-se dos “modelos” dos *gays* e das lésbicas da sua cidade significava, naquela época, uma esperança de dar certo na vida, tendo em vista que no seu contexto familiar e social, as mulheres que se relacionassem afetivamente com outras mulheres, assemelhavam-se a imagem de pessoas que poderiam não ser “dignas” de respeito e estariam fadadas à vergonha e ao fracasso. Seguindo essa lógica, Dara estaria em descompasso com o percurso desempenhado por sua mãe e suas irmãs. São essas noções que permitem iniciar uma reflexão sobre ascensão profissional e respeito na trajetória de Dara, posicionando-a no espaço social.

3.1.2 Eliene: “um bar vagabundo”

Ainda na década de 1980, a família investiu na educação de Dara, enviando-a a capital para estudar o ensino médio e, em seguida, uma universidade. Em 1990, ela ingressou no curso superior na Universidade Federal do Piauí, concluindo em 1995. Dentro desse recorte temporal alguns movimentos destacaram-se: o primeiro deslocamento espacial, como marco simbólico do interior a capital como uma possibilidade de “ser você mesma”; a “descoberta” de lugares *gays* como espaços de autoafirmação; uma segunda experiência de deslocamento que se deu a partir do trânsito internacional, configurando a afirmação de uma “lésbica que deu certo na vida” frente a sua família.

A vivência universitária possibilitou ampliar a sua rede de relações, antes restrita aos amigos da sua cidade, os parentes próximos e as irmãs. Logo, começa a conhecer e a frequentar as noites na capital, a convite dos novos amigos. Mas foi na companhia de uma amiga que Dara conheceu “outro circuito” de lazer noturno, deparando-se com diálogos que

²⁴ Lésbicas com performances masculinas.

²⁵ Gays com performances afeminada.

lhes causavam “uma certa identificação”. Certa noite, sua amiga a convidou para um passeio à noite e afirmou ser lésbica:

Ela perguntou se isso seria um problema para nossa amizade e lógico que eu respondi que não. Ela falou isso sabendo que eu era e não tinha coragem de assumir até mesmo por causa da minha família que ela bem conhecia. Na verdade, imagino que ela queria ajudar-me porque eu estava ainda sofrendo por meu amor platônico que eu te falei, aquele da adolescência [...] mesmo vindo morar em Teresina, a distância não deixou o meu coração distante dela [...], pois bem, aquele dia foi muito importante. Ao sairmos, minha amiga disse que passaríamos na de casa uma menina chamada Ana e que esta sairia também. Minha surpresa foi total! Ela era uma moça de 18 anos, linda, delicada que estava se preparando para prestar vestibular e logo rolou uma identificação. Não tivemos nada naquele dia. Eu fiquei impressionada e minha amiga, ao deixar-me em casa, disse que eu não ficasse preocupada porque ela sabia que eu era lésbica e que sairíamos no dia seguinte para um bar super legal. Conforme o combinado, no dia seguinte fomos ao bar da Eliene.

É possível observar nesse trecho a “surpresa” como uma possibilidade de superar a dor sentida pelo término da sua relação com seu “amor platônico” e a inserção de Dara em duas redes: a primeira, uma rede de “solidariedade”, através da amiga como uma pessoa que se tornou, nesse contexto, um “suporte” afetivo-emocional, ajudando-a na manutenção do seu “segredo” e nas negociações familiares nas quais os conflitos se tornaram intensos a partir das saídas.

Se antes as saídas eram escassas ou quase nulas no contexto da capital, tornaram-se diárias, e aos finais de semana, ao sair para as “festas”, retornava ao “raiar do dia”, ocasionando desentendimentos com a irmã com a qual morava. Essa, habitualmente regulava a circulação da irmã fora do ambiente doméstico: queria saber que lugares ela frequentava, em quais festas ela estava, na companhia de quais pessoas. Havia uma censura particular ao pernoite fora do espaço doméstico. Dara, ao transgredir as normas familiares foi deslocada ao *status* de “vagabunda” sem “compromisso”.

Paralelamente foi inserida em uma rede de sociabilidades, composta por *gays* e lésbicas de gerações distintas que circulavam nos bares tidos como “gays” em Teresina. Vejamos como Dara constrói a história do bar da Eliene:

Como te disse, eu havia marcado com minha amiga e esta me fez uma surpresa, pois levou a Ana. Era tudo que eu queria. Antes de chegarmos ao bar passamos rapidamente numa festinha e evidente que não conhecia ninguém que ali estava, eram todos amigos da minha amiga e fui apresentada a dois rapazes, um era estudante, assim como eu, e o outro era um artista plástico, senti uma energia boa. Conversamos um pouco, pois havíamos passado naquela festinha só para minha amiga chamar um amigo para o bar

da Eliene. Bem, o que aconteceu? Outra surpresa, os rapazes se beijaram na boca e foi à coisa mais bonita que eu vi. O amigo da minha amiga resolveu não sair da festinha e seguimos para nossa proposta de noite. Nossa, quando eu entrei no bar, parecia que eu estava entrando no céu e era um lugar imundo, que parecia mais com o inferno, mas encontrei meu primo, outro amigo meu que era designer, encontrei com várias pessoas conhecidas e percebi que ali tinha todo tipo de gente, tanto aquelas parecidas com os gays da minha cidade, como estudantes, pessoas bem sucedidas. Todas as classes num lugar só, juntas por uma coisa só. De dia era um estacionamento de carro e a noite era um bar; era um lamaçal, sujo, um lugar vagabundo, mas eu lembro com saudade, porque ali foi um marco na minha vida, antes e depois.

Trata-se de um bar que funcionou na década de noventa, no centro de Teresina, na Rua Lisandro Nogueira, atualmente desativado. Através dos fluxos dessa cena, podemos observar como aquele “lugar vagabundo” e “sujo” foi fundamental na construção positivada²⁶ da homossexualidade na trajetória de Dara, que envolve uma reflexão interessante sobre o “lugar sujo” como um dispositivo para autorreconhecimento no espaço social. Fora ali, em meio ao “lamaçal”, que Dara teve a “oportunidade de expressar os meus desejos”, possibilitando-a perceber também os outros como meus pares, como meus amigos, era um lugar que eu não precisava falar baixinho”.

O bar da Eliene, um bar vagabundo, foi um palco de negociações, permeado por fragmentos e complexas representações simbólicas que deram intensidade à vida de Dara: “passei a me reconhecer e passei a mostrar meu corpo e fui tirando aquelas roupas que me cobriam da cabeça aos pés e fui impondo e ganhando respeito”. “Descobrir” o seu corpo naquele “lugar sujo” e mal iluminado foi um fator de construção de poder; o seu corpo não precisava mais ser ocultado e foi posto na vitrine da sua vivência: “eu andava com vergonha, me achava horrível, andava com a cabeça baixa porque sentia que as pessoas viam o que eu era”.

A passagem acima expressa àquilo que Dara interpreta como um sentimento de vergonha, vivenciado através das roupas que a encobriam, por não corresponder a uma expectativa de gênero em consonância com aquela vivida por suas irmãs. A vergonha é vista aqui como ferramenta de socialização e de signo (SIMMEL, 1967) que aparece com base do

²⁶ Nas últimas décadas, temos assistido a um processo muito dinâmico de transformações no que diz respeito ao lugar social da homossexualidade no Brasil: da estigmatização trazida com a epidemia de Aids à onda de visibilidade positiva iniciada em meados da década de 1990; nunca se falou tanto e tão abertamente sobre o assunto, e este é um processo que, pelo que tudo indica, ainda deve-se estender pelos próximos anos. Inseridas nesse processo estão a vivência de práticas homoeróticas e as maneiras e nomes usados para se perceber em relação a elas sendo interpelados por um lugar social cotidianamente construído e disputado por uma gama de atores que se distinguem ou entrelaçam contextualmente a partir de espaços e atividades sociais muito diversificados: Estado, mercado, sociedade civil; operadores do direito e dos saberes médicos, educadores; ativistas GLBT, políticos, gestores públicos e religiosos. (FACCHINI, 2005, 2009).

poder social e elemento central de uma ordem moral (ELIAS, 2000). O sentimento de vergonha é sentido no espaço privado através do olhar do outro em interação, ou seja, o olhar das irmãs. Contudo, é no espaço de interação pública que o sentimento de vergonha não inclina para uma consciência de culpa e, sim, de autoafirmação, a partir da sua inserção naquele espaço de sociabilidade. O corpo disciplinado e regulado (FOUCAULT, 1988) no âmbito familiar, ao transgredir (re)atualiza a ordem moral, permitindo Dara transitar no espaço público e privado com outras performances, embaralhando as “fronteiras” de gênero na performance de uma “mulher andrógina”.

Sobre a sujeira, segundo Mary Douglas, em *Pureza e Perigo*, envolve uma reflexão sobre a relação entre ordem e a desordem, ser e não ser, formas e não forma, vida e morte. Assim, o bar da Eliene assume um caráter positivo, acionando uma margem de manobra²⁷, ou seja, uma alternativa para se definir e saber o que quer²⁸ em meio à “desordem”. “Se a sujeira ofende a ordem. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente” (DOUGLAS, 2014, p. 12). Aqui, por contraste, “o sujo” reordenou de forma positiva os modos de subjetivação de Dara.

As narrativas sobre aquele “lugar vagabundo” tinham também uma representação moral ao mencionar sua inserção em redes de sociabilidade que se formaram ali no sentido de uma família alternativa (GREEN, 2005), ou seja, as redes de amigos eram fundamentais para a sobrevivência de homossexuais, pois tinham o sentido de acolhimento, conforto, “era um apoio moral que construímos porque cada uma, tinha uma espécie de conflito, o meu como o da maioria era com a família, então conhecer aquele lugar e as pessoas foi muito bom porque entendi que poderia dar certo na vida”.

A partir da sua inserção nessa rede, ela conhece Maurício, um homem *gay*, que por sinal era natural da sua região. Era um jovem médico estudioso, que não tinha pretensões de voltar para sua cidade após a sua formatura e, assim, seguiu para São Paulo com a finalidade de cursar uma especialização e, ao término dessa, não deixou escapar a oportunidade de fazer um doutorado na Europa. Tornaram-se amigos e parceiros de saídas.

3.1.3 Outros deslocamentos: Experiência Catalã

Em 1995, logo depois de se formar, Dara começou a procurar emprego em Teresina e afirmou que naquele período as oportunidades de concursos públicos estavam escassas. Se por

²⁷ Essa é noção utilizada por Velho (1999) para enfatizar a existência de opções e alternativas na sociedade.

²⁸ O sentido utilizado segue a discussão de Velho (1999) sobre o indivíduo enquanto sujeito moral.

um lado ela havia dado um passo na direção de uma ascensão profissional, por outro, permanecia sua “imagem” concebida de negativa por sua família, tendo em vista que não havia conquistado uma “renda” econômica que estivesse nos parâmetros considerados relevantes, se comparada a das suas irmãs, ou seja, ainda não era uma pessoa bem-sucedida. Logo, os conflitos e as tensões familiares persistiram, sobretudo, por suas saídas noturnas excessivas na companhia de pessoas “estranhas”.

Maurício, já estabelecido em Barcelona, entrou em contato com Dara, revelando as novidades daquela cidade “cosmopolita” com uma diversidade de pessoas, arte, excelente culinária, músicas e os diversos “ambientes GLS nos quais poderiam sair e circular”. Ele se tornara o seu maior incentivador e encorajador: “ele dizia que eu deveria ir passar um tempo por lá, que eu poderia arrumar um emprego, mas acima de tudo que seria uma experiência ímpar na minha vida em relação à minha sexualidade”. Sem perspectivas de trabalho em Teresina, seduzida pela proposta do amigo e com o apoio da família, embarcou para Barcelona.

Durante a estadia em Barcelona, à procura de emprego, ela viveria outros deslocamentos morais que produziriam e dariam sentido a sua sexualidade com maior potência. Tanto no contexto do interior como da capital do Piauí, a relação entre Dara e sua família era de uma expectativa em torno da sua performance de gênero, que deveria seguir o modelo sexo/gênero/desejo. Existia o controle exercido tanto sobre sua sexualidade como sobre sua orientação sexual. Longe daquela moral sexual que orientava as formas como a família regulava seu comportamento, Dara se sentiu segura “num lugar em que as pessoas passaram por guerras e tantas coisas, então para eles duas pessoas do mesmo sexo se gostarem não é nada. Você se sente mais cidadã, mais respeitada”.

A experiência catalã proporcionou outros campos de possibilidade, produzindo outros modos de existir: “Na realidade, eu conhecia muito pouco do mundo, tudo que eu conhecia além daqui, era Fortaleza, nossa praia e daí fui direto para Espanha”. O tempo que passou lá aproveitou para fazer cursos de espanhol e conheceu tudo o que pôde: “já que eu estava lá eu tinha que aproveitar tudo que o país, a cidade pudesse oferecer, tive acesso a tudo, conversei com todo tipo de gente”. Estou falando de um contexto no qual as novas dinâmicas de interação proporcionaram a composição de outros movimentos. Vejamos um dos planos recortados por Dara na organização da sua ficção biográfica.

Imagine que eu vivi por muito tempo com aquela imagem dos gays e lésbicas da minha cidade que eram supermarginalizados por minha família, como já te disse. Não que tivesse preconceito, apenas não me via como

lésbica masculinizada e tinha aquela sensação que fui impregnada por minha mãe de não dar certo na vida. Depois, já em Teresina, sentia uma vergonha, andava escondida entre as roupas folgadas de cabeça baixa até conhecer o bar da Eliene que naquele tempo era chamado de gueto né. Depois, desnudei meu corpo que foi muito importante na minha constituição de mulher, de uma mulher bonita, fui reconhecida assim, como uma bela mulher depois que se desnudou e depois porque naquele meio eu não comungava das fofocas, eu só queria ser feliz. Sempre tive muitas amigas e amigos. Em Barcelona foi onde tive a oportunidade de conhecer outros tipos de gays, aliás, os estilosos que curtiam música eletrônica, que era minha praia. Conheci belas mulheres tanto hétero como lésbicas, bem-sucedidas. Conheci gente, seres humanos em todos os cantos. Eu queria aprender tudo. Foi ali que eu percebi que daria certo na vida, porque eram imagens destoantes tanto da minha cidade quanto de Teresina em alguns aspectos e digo isso tanto no aspecto físico quanto intelectual e cultural. Era um sentimento de estar no mundo como ser humano, sabe, que é respeitado. O Maurício já era um bom exemplo disso.

Nesse trecho, em primeiro lugar, pode-se observar a heterogeneidade de experiências variadas que criam situações que são fundamentais no universo de relações possíveis. Em outros termos, poderia dizer que os estímulos do exterior, aliados aos deslocamentos entre ambientes, produziram um *ethos* e uma visão de mundo pautados no investimento cultural e musical que se desdobrariam na sua performance. Foi no contexto dos festivais de música eletrônica que aconteceram em Barcelona, naquela época, que Dara compôs novas performances, assumindo um “estilo andrógino”.

Uma mulher magra, branca, de estatura mediana, os olhos pequenos, o nariz delicado, o formato triangular das faces, o queixo e boca pequenos, cabelos avermelhados expressam, em níveis simbólicos, uma nova apresentação do eu (GOFFMAN, 1985), vestindo-se com calças pantalonas, na parte de cima apenas um top que cobriam os seios; outrora, vestia-se com “calças apertadinhas, usei muito coturno e muitos acessórios misturados e saía mesmo era para dançar, para ser desejada; às vezes, as pessoas não sabiam se eu era mulher ou homem”.

É possível perceber que a fala se dirige para uma compressão da coexistência de diferentes estilos de vida e de visões de mundo (VELHO, 1999), que possibilitaram conviver com o sentimento de “respeito”, ou melhor, com o de alteridade, correspondendo à elaboração do projeto de que “poderia dar certo na vida”. Estamos lidando com os trânsitos entre domínios e experiências diferenciadas, acionando códigos associados a contextos específicos nos quais os indivíduos estão permanentemente reconstruídos e constituem toda a vida social através de complexos processos de negociação (VELHO 2003). Trato disso agora.

3.1.4 “Não nasci para ser razoável, nasci para ser boa”

O visto havia expirado, e sem pretensões de permanecer em Barcelona ilegalmente, retornou ao Brasil. Sentia que trazia consigo uma bagagem intransferível, novas culturas, línguas, sobretudo, a potência de sua posição enquanto uma pessoa “cidadã”, que “merecia respeito”. Ao chegar, foi recebida por seus familiares com um “clima de expectativa”. Na ocasião, sua mãe fizera uma pequena recepção para receber a “filha que estava na Europa”, convidando as pessoas mais próximas da família. O evento ocorreu em sua casa, no interior do estado. Cabe aqui a seguinte reflexão:

As sociedades complexas moderno-contemporâneas são constituídas e caracterizam-se por um intenso processo de interação entre grupos e segmentos diferenciados. A própria natureza da complexidade moderna está indissolúvelmente associada ao mercado internacional cada vez mais onipresente, a uma permanente troca cultural, através de migrações, viagens, encontros internacionais de todo o tipo, além do fenômeno da cultura e comunicação de massas. (VELHO, 2003, p.38).

Nas fronteiras das trocas simbólicas, mas de um entusiasmo simplista, a experiência catalã marcou a existência de Dara em função da experimentação de novas sensações, da interação com pessoas diferentes, que permitiu reconhecer as multiplicidades e as singularidades da diferença. A mobilidade espacial e simbólica de maneira explícita ou implícita definiu um processo de negociação da realidade, o que possibilitou a manutenção da relação familiar. Retomo a cena acima.

A pequena recepção feita por sua família promoveu uma mudança do *status* de “vagabunda” e sem “compromisso” para o da filha poliglota, viajada, “estilosa”, “vaidosa”. A homossexualidade foi descentralizada nesse momento, acionando o gênero como cena principal, “quando eu voltei totalmente com meu estilo andrógino a minha família achou bonito. Diziam que era uma mulher bonita e eu estava plenamente diferente das minhas irmãs e desde então sempre gostei de ser assim”. Na sua cidade, tornou-se referência de uma pessoa que chamava atenção pelo “estilo moderno”.

Foi nesse momento que aconteceu o primeiro passo para o enfrentamento em relação a sua família no que se refere à afirmação da sua homossexualidade, ou seja, a ruptura com o conjunto de expectativas em relação ao gênero que lhe havia sido reservado. Faltava-lhe o segundo passo: sentia-se respeitada em Barcelona e “queria sentir a mesma sensação aqui no Brasil, queria sentir isso por parte da minha família, não queria ser apenas a filha que passou uns meses fora, queria minha independência financeira”.

No final de 1998, após uns dias reorganizado sua “vida em Teresina”, resolveu procurar emprego estável, pois até então estava articulada aos empregos instáveis, “bicos”. Descartou a sua atuação na área da sua primeira formatura, apesar de considerar uma área “bonita”, não “sentia atração nessa profissão”, pois “sabia que eu não teria um bom desempenho e não nasci para ser razoável, queria um trabalho para eu ser a melhor, pois eu nasci para ser razoável e sim a melhor no que faço”. Dara conta que sempre tivera muita facilidade em “fazer amizade”; em uma conversa despreziosa com uma amiga, ficou sabendo que a Universidade Estadual do Piauí (UESPI) estava ofertando cursos em Licenciatura Plena nas áreas de línguas estrangeiras. No primeiro momento, ela não atentara para a sugestão implícita daquela conversa. Em seguida, as amigas começaram a incentivá-la a prestar as provas do vestibular para o curso de espanhol, tendo em vista, sua habilidade com a língua estrangeira.

Passou no vestibular e iniciou a sua segunda formação. No decorrer do curso, ampliou sua rede de amizades e “as pessoas, por saberem que eu morei fora, se aproximavam também por questões de estudo”. Não tardou para que seu nome fosse indicado a vagas de empregos. Através de indicações sucessivas, conheceu Ricardo, um homem poliglota que era professor de línguas nas “renomadas redes de ensino médio” da cidade e das escolas específicas de idiomas, como o Yazigi. “Ele era uma pessoa super bem-relacionada, ele era *gay* e talvez isso também tenha sido algo que nos uniu”.

O novo amigo alertou que aconteceriam testes no Yazigi para suprir uma carência de docentes e deixou a sua disponibilidade para ajudar a amiga na preparação da aula que seria avaliada na ocasião do teste: “[...] ele ajudou em tudo desde a preparação da aula até o momento que eu entrei para o teste”. Ela foi aprovada: “[...] e comecei uma nova fase na minha vida, aquilo representou a minha felicidade de ter um emprego”. Faltava esse distanciamento financeiro: “[...] na realidade eu queria ter minha ‘imagem pública’ desvinculada um pouco do sobrenome, o meu grande sonho era ser independente financeiramente”.

Em seguida, ela ingressou antes mesmo da formatura, nas redes privadas de ensino e no curso de extensão das instituições superiores como professora. Após dois anos de curso, ela foi convidada pelo Consulado Espanhol para fazer um curso em Madri, foi juntamente com outro piauiense; fizeram o curso, seu amigo voltou e ela seguiu para Barcelona, fez outro curso lá e aproveitou para rever os amigos que tinha deixado e revisitou os lugares. Ao final do curso, ela estava envolvida com uma mulher chamada Gilda e destaca essa relação na sua

trajetória pelos seguintes motivos: primeiro, porque a família já não implicava como antes: “[...] certamente porque eu já trabalhava e não deixava mais nenhum tipo de piada chegar aos meus conhecimentos, eu já não dependia em mais nada dos meus pais”. Foi o primeiro momento de interação de uma namorada com sua família.

A relação findou depois de quatro anos e “pesou muito a decisão de terminar, porque minha família gostava muito dela, mesmo ela não estudando, ela trabalhava e tinha valores e princípios parecidos com os meus”. Para Dara, esse foi o momento que sentiu ter “conquistado o respeito de sua família, viram que eu poderia dar certo porque o medo da minha família era que eu ficasse quem nem os gays da minha cidade, sem perspectiva e sem emprego”.

As narrativas da trajetória de Dara fazem perceber que no universo simbólico da classe média intelectualizada é uma expectativa familiar que as filhas sejam bem-sucedidas. A “busca” por “ascensão profissional” põe em prática estratégias que visam assegurar a respeitabilidade no âmbito da família, bem como em outras esferas sociais e, ao mesmo tempo, vivenciar práticas sexuais e afetivas que fogem à norma como margem de manobra.

3.2 Amora: Expectativas e (des)encaixes

Amora, a protagonista desta segunda parte, foi-me apresentada pela Dara, no ano de 2010, ao sairmos para uma festa, na qual uma cantora assumidamente lésbica, e amiga de ambas, cantaria. A festa aconteceu em um espaço chamado Água de Chocalho, localizado na Avenida Nossa Senhora de Fátima, no bairro de Fátima (bairro particularmente valorizado na cidade de Teresina). Era um restaurante com decoração rústica, evocando características do sertão e não se configurava como um lugar GLS, no entanto, dependendo da atração musical, recebia especialmente mulheres lésbicas.

A fachada era decorada com a imagem de chocalhos esculpidos em madeira. Nas laterais, havia desenhos e pinturas do Lampião e da Maria Bonita. Em frente ao estabelecimento, uma mulher, ao lado de um homem, estava a postos com uma lista de convidados, gerenciando a entrada. Vestiam um uniforme preto, contrastando com o cenário temático. A mulher vestia uma calça de corte reto, bem alinhado, blusa branca e um blazer. O homem encontrava-se com calça e blusa social.

O acesso à parte interna era possível apenas por uma entrada localizada na lateral da faixa principal. As pessoas eram recebidas por aquele casal que estava localizado em frente

à entrada. Em seguida, as que estavam na lista dos convidados entravam com uma maior rapidez, recebendo o cartão de consumação, ao contrário daquelas pessoas que não constavam na lista, pois eram direcionadas ao guichê para receber o cartão de consumação.

À convite do casal Dara e Fabrícia, saí naquela noite com a expectativa de conhecer outros casais mulheres. Passaram na minha casa e seguimos para o destino da festa. No trajeto, Fabrícia comentou sobre as pessoas que havia convidado, dentre alguns nomes estava o de Amora. Eu estava particularmente curiosa para conhecer a Amora, pelo seguinte motivo: ela era amiga de Dara há mais de 20 anos e já havia confirmado sua colaboração na minha pesquisa, ao ser acionada por Dara em outra ocasião, na qual conversaram sobre a temática que eu estava pesquisando, considerando-a importante.

Ao chegarmos, logo entramos, pois nossos nomes estavam na lista de convidados. O ambiente interno era dividido em dois espaços: o primeiro era um amplo e coberto, onde estavam distribuídas as mesas decoradas com elementos “caraterísticos” do Nordeste. No lado direito, ficava o bar principal, de onde saiam os pedidos de bebidas e comidas. Já no lado esquerdo, havia uma parede de tijolos crus, desenhada com imagens de vaqueiros ao sol. Em um plano subsequente, encontrava-se um espaço aberto, onde se localizava o palco do lado esquerdo e os banheiros do lado direito. Havia mesas e cadeiras, no entanto, por ser a rota dos banheiros as pessoas se concentram em pé, também, para atualizar as “fofocas”, enquanto fumavam um cigarro.

Sentamos perto do bar principal, em uma mesa estrategicamente posicionada, permitindo uma boa visão do placo. As mesas próximas ao palco eram reservadas com antecedência via telefone. Dara é pontual, e assim fomos as primeiras a chegar naquela mesa que havia sido reservada por ela. De certa forma, isso me favoreceu, pois obtive informações privilegiadas sobre as amigas que começaram a chegar em seguida e pude me situar sobre os casais, e suas tramas relacionais ali envolvidas.

Já havia se passado uma hora e meia da nossa chegada, quando Amora apontou na entrada do restaurante, procurando o grupo das amigas. Dara acenou e aquela se direcionou ao encontro dessa. Após os devidos cumprimentos, entre abraços e beijos em cada uma das mulheres que estavam na mesa, Amora se aproximou e Dara nos apresentou. Gentilmente escutei a seguinte frase “Ah, essa a jovem pesquisadora”. Respondi entre os sorrisos contidos que escampavam. A disposição das pessoas na mesa me favoreceu o contato com Amora, uma vez, que ela se sentou ao meu lado.

Conversamos, inicialmente, sobre a pesquisa em questão e ela rapidamente me disse que estava terminando seu mestrado em Políticas Públicas na UFPI. Outros diálogos foram

sendo encadeados ao passo que fomos descobrindo algumas afinidades que estavam basicamente centradas na leitura de livros em comum. Direcionando para outros rumos, ela começou a perguntar sobre meu cotidiano, sobre qual curso eu fazia e na minha resposta surgiu outra afinidade, pois ela havia cursado dois anos de Ciências Sociais, mas terminou desistindo.

No decorrer da noite, a imagem da “jovem pesquisadora” foi se dissipando e, confortavelmente, eu adentrei naquele universo, percebendo certas dinâmicas como o lugar simbólico conferido à Dara e à Amora naquela rede de relações. A cantora começou o *show* e o tom das conversas se alternava entre sorrisos e a proximidade corporal, para continuar qualquer tipo de diálogo diante do som alto que permeava o espaço.

Aos poucos, as pessoas se levantavam das mesas e começavam a dançar. Estávamos em um grupo de doze mulheres. Algumas ensaiaram passos de dança, outras permaneceram sentadas, como eu. Uma noite animada por um repertório variado, desde o forró, sertanejo universitário, brega, MPB. Às três e meia da manhã terminou o *show*, e antes que eu esquecesse, falei novamente com Amora, na intenção de marcamos um encontro no qual poderíamos conversar calmamente sobre a sua participação na pesquisa. Recebi um sinal positivo e agendamos para semana seguinte.

Apesar de todo esse clima amistoso, na semana seguinte recebi uma mensagem *inbox* pelo *Facebook*, de Amora, com o seguinte conteúdo:

Pâmela infelizmente eu não poderei comparecer ao nosso encontro. Olha, em breve estarei entrando de férias da e passarei um mês livre. Pode ser em agosto? Estarei disponível a qualquer hora, pois é bem provável que eu fique por Teresina. Abraços.

Essa aparente recusa me causou, no primeiro momento, uma frustração em campo, talvez por ser, naquele contexto, uma “jovem pesquisadora” em contraste com uma pesquisadora mais experiente, prestes a defender sua dissertação. Compreenderia depois o sentido daquela reversa de Amora, afinal o tempo de duração do trabalho de campo é uma experiência interativa de negociações de interesses, em que informações são trocadas, além de afetividades, angústias, tensões e frustrações (ROCHA; ECKERT, 2013).

Curiosamente, no mês de julho eu estive na companhia de Dara, em diversas “eventos” como aniversários, festas, finais de semana no sítio, almoços, jantares, nos quais Amora esteve presente, proporcionando uma convivência na qual estabelecemos diálogos sobre diversos assuntos, dentre eles, nossas pesquisas. Agosto chegou e recebi outras mensagens, prorrogando aquela conversa mais reservada, ou, se quisermos chamar assim:

aquela entrevista. Estávamos, então, em um fluxo interessante entre a não realização da entrevista, as nossas intensas conversas casuais e minha constante presença nos múltiplos eventos vivenciados por aquelas mulheres, nos quais observei as redes sociais em que elas circulavam e negociavam posições.

Em 2013, no dia 20 de março, nos encontramos em uma festa chamada *The Secret*²⁹. Eu havia, mais uma vez, aceitado a carona de Dara para o destino noturno. Amora, Simone, Soraia, Malena, Joana, Catarina, Eduarda, Lorena já estavam na festa. Foi uma festa bem descontraída, ao som de música eletrônica. Estávamos dançando e conversando sobre amenidades até ocorrer, repentinamente, uma forte chuva, espalhando e amontoando as pessoas nos espaços cobertos (nas laterais), uma vez que o local da festa era em um barzinho modesto, com sua parte central aberta. Foi nesse “ajuntamento” que Amora se aproximou e passou a descrever poeticamente sobre as linhas e curvas de Alice, que estava em nossa frente. Eu não a conhecia. Amora estava “encantada”. E em um corte brusco no discurso, ela disse: “nessa semana sentaremos para ter aquela conversa”.

Transcorridos quase três anos desde que a conheci, o nosso encontro aconteceu afinal, em uma tarde, numa padaria, localizada na Avenida Jockey Club. Amora escolheu esse lugar porque, além de ser perto do seu apartamento, costuma comer tapioca e tomar um café no final da tarde. A padaria é dividida em dois espaços: o primeiro, com aquela estrutura que geralmente encontramos nas demais - um balcão com pães (segundo Amora alguns pães diferenciados em termos de qualidade) e bolos expostos, uma vitrine com alguns produtos importados, como café, algumas mesas, uma mesa comprida na qual estava disposta uma variedade de queijos, caldos, frutas, chocolate quente e frio, os recheios das tapiocas, café, leite e sucos; o segundo espaço, é comprimido, com mesas dispostas em toda a sua extensão. Sentimos um frescor mais agradável. Geralmente é nesse espaço que as pessoas sentam quando optam por fazer algum tipo de lanche. O espaço estava vazio e Amora seguiu para uma mesa ao fundo, perto da porta de vidro que dava acesso à rua. Enquanto ela apreciava sua tapioca, eu arrumava o meu material, que na verdade era o gravador e meu bloquinho de anotações. Não deixei de tomar uma boa xícara de café. Vejamos agora a reconstrução feita por Amora sobre sua imagem, que protagoniza sua própria biografia.

²⁹ Tratava-se de uma festa promovida por uma jovem lésbica que havia feito um grupo no *Facebook* voltado para lésbicas de Teresina, no qual se discutiam principalmente sobre os *looks* da moda e sobre paqueras, ficas e pegação. Era um espaço voltado para marcar encontros e também lavar roupas sujas quando aconteciam as infidelidades. Então, a *The Secret* foi uma festa promovida para as pessoas do grupo, mas que recebia também as pessoas que não faziam parte. Essa festa será detalhada no segundo capítulo.

3.2.1 Contexto

Para entendermos esse percurso, começamos reconstruindo o cenário familiar no qual tem início a trajetória da nossa personagem. Foi em um ambiente interiorano, caracterizado por valores conservadores, marcados por uma expectativa em torno da filha mais velha que Amora se formou:

Eu nasci no interior, morava, nas terras do meu avô que fica no. Eu fui criança para uma cidadezinha vizinha para estudar. Nós tínhamos uma professora dentro de casa, até os sete anos. Eu e minhas irmãs assistíamos às aulas com ela que também dava aula para as crianças que moravam nessa terra. Meu pai era o agricultor, o médico, era o que aplicava a injeção, era a pessoa que cuidava das pessoas que estavam por lá, porque era pessoa mais bem informada, eu nem gosto de usar essa expressão, mas era o mais letrado do lugar.

No início dessa cena, percebemos a composição de uma estrutura familiar tipicamente aristocrática, marcada pelas “terras do avô”, deixando entrever a posição de classe da família naquele contexto ao evocar a figura do avô e do “pai letrado”, oportunizando que os primeiros anos de estudos fossem realizados em casa, ou seja, reforçando a posição das mulheres dentro daquele âmbito doméstico, lugar socialmente compreendido como feminino. Vejamos um pouco mais sobre essa hierarquia interna:

Meu pai tinha problemas com álcool, eu sou a filha mais velha, existiam expectativas da minha mãe, aí é uma coisa simplista, mas que eu considero importante, eu digo que pode implicar em interpretações simplistas, mas, minha mãe dizia que se tivesse tido um filho homem, papai não se comportaria daquela maneira. Na verdade, o discurso dela no cotidiano desse sofrimento todo, ela me empurrava, de certa maneira, para o lugar da responsabilidade. De certa maneira, ela dizia isso como uma precariedade que talvez ela sugeria isso por não ter um filho homem e também essa precariedade me atingia, me desafiava e somava a isso o fato da minha vontade de que ela se separasse dele. Ela dizia que não poderia se separar porque tinha quatro filhas mulheres e que ele apesar de ser bêbado, era homem.

Esse trecho mostra a manifestação das associações de poder que estruturam as relações de gênero no contexto familiar, disciplinando, regulando a família, a sexualidade e os corpos com vistas a estabelecer práticas moralmente apropriadas para a seguinte posição: a responsabilidade, num primeiro momento, associada à posição de filha mais velha, apta a “arrumar um bom casamento”, garantindo, assim, a coerência, a solidez e a permanência da norma, que são realizadas por meio de investimentos continuados, reiterados e repetidos (FOUCAULT, 1988; LOURO, 2004).

Em segundo, dar continuidade aos negócios da família, apesar da posição “precária” da “sucessora” que carregava o “peso” de ser mulher. Encontramos aqui outro sentido conferido à responsabilidade, pautado no investimento educacional e profissional. É a tensão desse paradoxo que mobiliza e impulsiona a potência de criação de um espaço de agência na trajetória de Amora, na medida em que a coloca na produção de outras intensidades que deslizam e escapam negando a coerência e a continuidade suposta entre sexo-gênero-sexualidade, assentada na reprodução sexual e, conseqüentemente, sobre a heterossexualidade, deslocando as duas posições descritas acima, produzindo uma imagem de “desencaixe”.

3.2.2 A criação de uma imagem (des)encaixada

No final da década de 1980, aos 14 anos, Amora seguiu para a capital do estado, com a intenção de dar continuidade ao investimento educacional. Estava indo cursar o “ensino médio” nas escolas consideradas tradicionais. Contudo, “eu nunca fiz nada dentro das regras, eu estudava no colégio que eu queria e quando tinha alguma coisa que estava me incomodando eu saía sem minha mãe saber”. Aos 17 anos, concluiu o ensino médio, já na década de 1990. Prestaria vestibular no ano seguinte, matriculando-se em um preparatório conhecido como pré-vestibular. Nesse período, conheceu Fátima, sua primeira namorada: “nos conhecemos aqui em Teresina e eu me apaixonei”. Em seguida: “ela foi passar as férias lá em casa, foram 30 dias e ficamos numa casa ao lado da casa dos meus pais”.

Amora, ao reconstruir sua trajetória, constrói uma imagem de pessoa desafiadora que não temia “ousar”. Desafio no sentido de marcar sua posição contrária ao projeto familiar. Ousar, levando “minha redinha e a dela para aquela casa”. Ela sabia que seus pais haviam passado as 30 noites discutindo sobre a presença de Fátima. Aquelas noites não foram silenciosas:

Minha mãe passava a noite acordada e eu percebia porque eu também estava acordada [risos]. Eu a percebia acordada, discutindo com meu pai sobre isso. Eu tinha dezoito anos e não escondi nem da cidade e nem da minha família. Todo mundo ficou sabendo. A presença dela simbolizava e em todos os sentidos dava para perceber através dos meus sentidos, tanto que a mamãe brigava, eu fui admoestada pela cidade por causa disso, por meus amigos que me chamavam de sapatão, isso já década de noventa, essa moça era heterossexual e um pouco mais velha do que eu.

O sentido que Amora confere a essa cena não é pautado na lógica da injúria, da humilhação ou do estigma. O fluxo do movimento sinaliza para uma construção de si, enquanto uma pessoa transgressora que desestabiliza as normas. Contudo, nessas relações de conflito e de poder, a família resolve enviar as filhas a Fortaleza para prestar vestibular. Era a “alternativa, porque minha mãe sempre foi amorosa e ela não faria nada, nem um corte que representasse um castigo nesse sentido de cortar grana, embora ela fosse bastante severa”.

Sua estadia na capital cearense foi curta “como sempre eu tive o que eu quis eu vim embora e em vez de ir diretamente para minha cidade, eu segui direto para a casa de Fátima que ficava em uma cidade próxima”. Outros 30 dias se passaram “sem nem mamãe saber onde eu estava”. As noites, antes compartilhadas nas redes, agora se consagravam na “cama” do quarto de Fátima.

Amora havia interrompido os estudos e os retomou depois dos 30 dias na companhia de Fátima. De volta à capital teresinense, retomou as aulas no pré-vestibular e no final do ano foi aprovada no curso de Ciências Sociais na UFPI, que apesar de ter apreciado, não concluiu. Em seguida, ingressou no curso de Jornalismo. Depois de uns períodos, resolveu abandoná-lo. Por fim:

Costumo dizer que terminei o curso de Direito até o fim só pra teimar com a mamãe, porque ela dizia que eu não terminaria o curso, ainda bem que ela disse isso porque daí eu fiz. Terminei já faz mais de dez anos, porque eu tenho onze anos de concursada.

Observamos que a interlocutora tem a intenção de acionar um afastamento em relação às “regras”, às normas que hierarquizavam as relações de poder no contexto familiar. Dessa forma, afastava-se do projeto familiar ao qual fora destinada. Para ela, isso teria uma estreita ligação com sua orientação sexual. A esse respeito, vejamos o que nos conta Amora:

Eu não acho estético se encaixar, eu acho estético é não se encaixar. Acho que essa é a questão. Pode ser uma questão de vaidade ou uma forma de chamar a atenção, pra mim, no âmbito familiar [...] eu nunca senti que eu estivesse encaixada até mesmo por gostar de mulher e percebi isso desde a minha época de criança. Havia aquelas farinhadas com aquelas mulheres ao redor das mandiocas descascando. Lúcia era uma delas. Lúcia quebrou a unha e chorou. Chorou porque quebrou a unha e o corpo escondeu as mãos, as amigas brincando com ela lá, certamente tiveram contato físico, mas brincando ela quebrou a unha, uma coisa preciosa para ela, que escondeu as mãos entre as coxas para não quebrar as outras unhas que ela tinha que preservar. Ela chorou muito por conta disso, e eu fiquei muito impressionada, muito comovida com a dor da Lúcia. Eu não sei se com a dor da Lúcia ou se foi à oportunidade de perceber as coxas de uma mulher.

A relação entre o “estético” e o desejo de “não se encaixar” dão densidade à cena descrita, na qual a interlocutora marca uma posição inclinada a desafiar as normas regulatórias da sociedade, assumindo, por vezes, um rótulo de desviante, movimentando um “desejo subversivo” no qual permite uma negociação com a realidade. Refletindo sobre a noção de desviante nesse contexto. Gilberto Velho (1979, p. 27) observa que está “[...] dentro da minha perspectiva, é um indivíduo que não está fora de sua cultura, mas que faz uma ‘leitura’ divergente”. Em seguida, o autor atenta para uma dimensão do desviante que parece importante para essa análise:

Ele nem sempre será desviante. Existem áreas de comportamento em que agirá como qualquer cidadão “normal”. Mas em outras áreas divergirá, com seu comportamento, dos valores dominantes. Estes podem ser vistos como aceitos pela maioria das pessoas ou como implementados e mantidos por grupos particulares que têm condições de tornar dominantes seus pontos de vista. O fato é que não é ocasional gap entre a estrutura social e a cultural, mas sim o próprio caráter desigual contraditório e político de todo o sistema sociocultural que permite entender esses comportamentos. Assim, pode-se perceber não só o sociocultural em geral, mas particularmente, o político nas mais microscópicas instâncias dos sistemas sociocultural.

Se o desvio não é uma qualidade que reside no próprio comportamento, mas na interação entre a pessoa que comete um ato e aquelas que reagem a elas (BECKER, 2008), podemos dizer que nesse contexto de interação familiar, Amora é uma desviante. Contudo, parece necessário entendermos o sentido inverso dessa interação.

O desvio é criado pelas reações de pessoas a tipos particulares de comportamentos, pela rotulação de comportamento como desviante, devemos também ter em mente que as regras criadas e mantidas por essa rotulação não são universalmente aceitas. Ao contrário, constituem objetos de conflito e divergência, parte do processo político da sociedade. (BECKER, 2008).

A problemática da acusação do desvio, pensada em termos de conflito e divergência, é perpassada por uma dimensão moral na qual denuncia a crise de certos padrões ou convenções que dão ou davam sentido a um estilo de vida de uma sociedade, de classe, de um grupo ou de um grupo social específico. Nesse sentido, o grupo familiar parece ser o desviante. Para Amora, relacionar-se afetivamente-sexualmente com outra mulher significa um *ethos* qualitativo, um conjunto de crenças, de valores, de estilos de vida e de visões de mundo que expressariam modos particulares de construção social da realidade (SIMMEL, 1983; VELHO, 2003). De certa forma, ser desencaixada assume um sentido de singularidade, por vezes, é acionado com um caráter prestigioso nas interações sociais.

Em uma situação etnográfica, percebi certa vez, em dos jantares que ocorriam geralmente às sextas-feiras, como algumas amigas de Amora falavam sobre ela. Naquela ocasião, servindo-me da oportunidade de conhecer outras amigas, tanto de Dara quanto de Amora, fiquei detida em um diálogo entre Simone e Livia, no qual “a “doidinha” era a pauta central da conversa. Essa expressão fora usada para se referir a Amora que também tinha um jeito inquieto, impaciente e elétrico. Essas características agregam um significado positivo, deixando a “doidinha” em uma posição de prestígio.

Nessa direção, Amora deixou entrever a busca de uma vivência na fronteira (BECKER, 2008) das esferas sociais, marcada por situações contrastantes que a colocam, de certa forma, em uma posição diferenciada, na medida em que vivencia as experiências de estar numa constante busca, ou seja, deslocando expectativas e convenções.

3.2.3 “Porque eu gosto de muito mais verbos com mulher”

As narrativas de Amora articulam gênero, sexualidade e expectativas. Em sua trajetória, esses elementos se articulam, criando situações de conflito e tensões entre aspirações individuais e o caráter englobador da família, a partir do qual o repertório social atribuía à mulher, a filha mais velha, expectativas nos termos de uma heterossexualidade compulsória (RICH, 2010). O projeto a ela destinado foi entrecortado por outras possibilidades, projetos alternativos, que assumiu uma posição importante na sua trajetória.

As expectativas familiares, por uma parte, concretizaram-se: o investido educacional deu certo, apesar de algumas interrupções nos estudos; a carreira profissional, como símbolo, expressava o sucesso profissional, uma ascensão social que possibilitou, em termos práticos, uma dinamicidade na resolução dos trâmites burocráticos.

Por outro lado, foi em torno da sua orientação sexual que Amora conseguiu se desvencilhar de qualquer projetor de casamento: “porque eu gosto de mais verbos com mulheres”, além de não considerar “estético essa ideia de casamento”. Amora parece ter um manejo nas suas interações, nas suas performances de gênero articuladas à sexualidade, permitindo, por meio de negociações, a construção de seus territórios existenciais a partir dos seus lugares de sujeito na contramão do contexto simbólico familiar, “[...] apesar das pessoas encontrarem novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam” (SEDGWICK, 2007, p. 22).

3.3 ANA: Rupturas e ressentimentos

3.3.1 Encontro

Ana, 41 anos, foi-me apresentada por outra interlocutora, Tatiana, que já naquele momento poderia ser considerada uma das “colaboradoras privilegiadas” da pesquisa. Foi na ocasião da defesa da dissertação de Amora que nos conhecemos, por intermédio de Dara. Eu e Tatiana estabelecemos, no fluxo dos encontros e das festas, uma afinidade decorrente de dois fatores: primeiro, o vício pelo café, permitindo-nos frequentar outros espaços de sociabilidade como o Café Viena e a Fazendaria Café. E, por outro lado, a poesia congregou junto ao café a participação nos saraus da Livraria Anchieta.

Essas afinidades me permitiram conhecer outros movimentos dessa rede que me levou a Ana em um desses saraus. Ela é uma mulher de estatura mediana, cabelos curtos cacheados, rosto redondo, olheiras expressivas, dispensa maquiagens, saltos e produções mais elaboradas fora do trabalho. Namora Sara, 35 anos, amiga de Tatiana. Em um desses encontros, perguntei se eu poderia fazer uma entrevista em profundidade, tendo em vista que, vez por outra, falávamos sobre gênero e sexualidade. Tatiana e Sara incentivavam a contribuição dela na pesquisa. No ano de 2013, saímos constantemente, conversávamos sobre diversos temas, no entanto, ela não sinalizava uma resposta sobre a entrevista. Foi um ano primoroso para as observações.

Em janeiro de 2014, por volta das 18 horas, eu recebi no meu celular um SMS com a seguinte mensagem: “Hoje estou disponível às 19h horas no bar Jardim das Tulipas com Sara e Tatiana”. Era uma mensagem de Ana. Fiquei confusa a princípio, pois não havíamos combinado nada para aquela quarta-feira. Ana tinha uma postura séria, sobretudo em relação às pesquisas acadêmicas e compreendi então o seu recado. Arrumei minha mochila com o gravador, meu bloquinho e lápis. Pedi um táxi e fui ao encontro.

As três estavam numa mesa e havia outra um pouco distante, estava reservada para que eu e Ana pudéssemos conversar reservadamente. Fui recebida com sorrisos e uma espécie de satisfação por parte de Tatiana e Sara. O motivo para isso: a iniciativa de Ana em procurar-me para a realização da entrevista em profundidade.

Sentei. Nós quatro conversamos, enquanto comíamos um filé com fritas e, em seguida, eu e Ana fomos sentar na outra mesa. Ela já tinha uma noção sobre a pesquisa até mesmo porque a sua namorada havia gentilmente colaborado, realizando também uma entrevista em profundidade. Foi uma experiência permeada por sentimentos ambíguos. Eu já sabia de uma

resistência dela em falar sobre a sua relação familiar diante dos conflitos relacionados à sua orientação sexual, por meio da Sara e da Tatiana. Eu estava sensível a essa informação, remodelando algumas perguntas do roteiro, a fim de não deixá-la constrangida. No entanto, quando liguei o gravador, ela se antecipou, antes que eu começasse o roteiro, ela conduziu sua fala inicial para as questões familiares tencionando para sua orientação sexual, para minha surpresa. Vejamos:

Desde a infância eu sinto, antes dos sete anos eu lembro que já tinha atração por meninas. Não sou de Teresina, na verdade quando você nasce numa comunidade na qual estas questões não são bem definidas, não são bem claras e que no meio familiar também não é comum você não percebe muito. Hoje eu reconheço que foi na infância, mas naquele momento que eu vivi, eu namorei meninos, sentia diferença, mas não associava muito. Em primeiro lugar, seus pais percebem, não aceitam e eles fazem com que aquilo não exista e nos passam que aquilo não é uma coisa considerada correta por questões também religiosas. A família vai contendo isso no nosso subconsciente, consciente sei lá, mas chega um dia que o negócio explode e em mim acho que na fase da faculdade, que você já ganha novos horizontes, você tem outra visão e você se define. Eu estudei na UFPI e nesse momento eu me identifiquei gostando de meninas e meninos.

O trecho transcrito da entrevista fala de uma contenção direcionada ao controle da sexualidade, dos corpos, dos desejos, das regras que definem o permitido e o proibido, aliadas à esfera religiosa. Ela conta sobre uma herança religiosa herdada da avó militar e continuada por seu pai, um homem “polidamente católico”. Mais que isso, essa cena informa sobre o processo de singularização de Ana no espaço público universitário³⁰, no qual, descentra, num primeiro momento, os sentidos atribuídos na esfera familiar sobre casamento, religião, sexualidade, deslocando as fronteiras de gênero na medida em que se identifica “gostando de meninas e meninos”.

Nossa interlocutora traz em sua fala múltiplos movimentos, levando-a a um afastamento e uma aproximação com sua família. Em certos casos, há um claro movimento de renúncia, fortemente dramático em que o afastamento da família expressa uma individualização radical, havendo repercussão em outros domínios, como trabalho, a moral, etc. (VELHO 1999). Nos fluxos desses movimentos, um tom de ressentimento vai fluindo na sua narrativa na medida em que versa sobre o “cumprimento de suas responsabilidades” e a “não aceitação” do pai diante de sua orientação sexual.

³⁰ Para um aprofundamento sobre a História e memória de estudantes universitárias em Teresina entre 1930-1970 consultar *Múltiplas e Singulares* de Elizângela Barbosa Cardoso.

Essa delicada e tensa relação nos revela as rupturas afetivas com o pai, os deslocamentos espaciais nos períodos em que fizera mestrado e doutorado fora de Teresina, posteriormente, tornaram-se constante por sua agenda de trabalho e que são potencializadas no seu desejo de ir morar fora da capital definitivamente, produzindo conflitos amorosos com sua namorada que não deseja partir. Nesse sentido, existe uma dimensão simbólica moral na constituição das rupturas e dos deslocamentos que estão associadas ao significado da experiência de não “ser respeitada” pelo pai em contraste com o “respeito no âmbito do trabalho”, movendo-a entre o assumir-se ou não, sair ou não do armário no sentido de Sedgwick (2007).

3.3.2 “A ilusão da independência econômica”

Ana reconstrói sua trajetória informando que desde muito nova destacou-se por seu desempenho escolar. Por isso não teve dificuldades nos estudos, terminou o ensino médio precocemente, ingressando em seguida na UFPI. Foi nesse espaço de sociabilidade que ela começou a ter relações mais “intensas” com mulheres, despertando a desconfiança dos pais. Contudo, foi no contexto da sua vivência em Minas Gerais, na época do mestrado, que ela viveu sua primeira relação com mulher:

Eu sempre tive muita clareza sobre algumas coisas. Eu sabia o que eu queria e a primeira mulher com quem eu namorei mesmo fui eu quem cantou, isso já depois da faculdade. Decidi que queria ficar com ela e fui lá e nunca achei que eu deveria dizer nada pra ninguém e nunca fui a guetos porque eu não achava preciso. Isso final de 90 pra 2000, eu tinha uns 26, 27 anos. A essência dela me atraiu, ela é muito honesta, responsável, amável. Ela era mais velha, porém imatura para relacionamentos que está fora da questão da homossexualidade. Eu também cobrava algumas coisas, eu cobrava que ela assumisse mais esse relacionamento, mas depois eu analisei e vi que eu queria sair de casa e somar as duas coisas: sair de casa por causa do meu pai, o mesmo que as mulheres faziam antigamente, casavam para sair da casa dos pais, talvez fosse isso que eu quisesse. Foi a primeira mulher com quem eu tive relação e foi supertranquilo, assim, como foi com homens. A diferença é que com homens eu não tinha tanto afeto, tanto uma ligação que tenho com as mulheres, tinha uma coisa mais sexual mesmo.

Durante essa experiência, na qual suas vivências afetivas se dão longe dos laços e dos valores convencionais sustentados por sua família, ela apresenta uma imagem ambígua. Se, por um lado, coloca em questão a sua posição de mulher decidida que não precisa expor a sua intimidade através de “guetos”, nem de exposições no meio social, ou seja, uma imagem de si destinada à namorada como independente, na qual “você é o que é e pronto, não precisa se

expressar verbalmente sobre sua homossexualidade”, por outro, exige da namorada um posicionamento no qual assumisse mais o relacionamento, até mesmo “para o meio social”. Talvez como uma segurança para legitimar sua saída da casa do pai.

Ao término do mestrado, ela iniciou o processo seletivo para o doutorado, obtendo aprovação, prorrogando sua estadia em terras mineiras. Entre uma folga e outra das atividades acadêmicas, retornava a Teresina para visitar a família. Ao passo em que era recebida por suas irmãs e pela mãe de maneira afetuosa, o pai matinha suas reservas. Ana seguiu os possíveis caminhos que ela acreditava ser a forma de ser reconhecida. Quando terminou o doutorado, foi lançado um edital para um concurso público federal no Piauí, que ofertava um número restrito de vagas para sua área na cidade de Teresina. Ela fez e passou, no entanto:

A- Eu percebi que meu pai nunca me aceitou e eu tentei fazer de tudo para ser uma filha que ele pudesse aceitar, mas chegou um dia que eu disse acabou, eu disse pra ele que acabou, eu cheguei ao meu limite, se você não me aceita, tudo bem, é um direito seu que lhe assiste e eu vou respeitar seu direito, agora, eu também tenho direito de não aceitar quem não me respeita. Eu não tenho raiva, eu não tenho nada em relação a ele, eu estou bem resolvida com minha família, assim, tem esse ponto.

P- A que você está se referindo ao falar que tentou de tudo para ser uma filha que ele aceitasse?

A- Em todos os aspectos, nos níveis de responsabilidade. Todas as responsabilidades da minha vida eu assumi, o mais breve que eu pude, em termos econômicos de independência, ou seja, o mais rápido que eu pude deixar dele me prover e ser independente, eu fiz. Essa independência também é ilusão. Às vezes você se sente presa à família por causa da dependência econômica e você se submete a determinados comportamentos por causa disso. E quando você tem independência econômica você também tem o direito de dizer o que faz da sua vida, mas no final é uma ilusão porque quando você tem dinheiro que você pode, digamos assim, fazer o que quiser da sua vida, você percebe que quando estava lá atrás que não tinha dinheiro você poderia fazer as mesmas coisas, entendeu? Porque foi um conceito que você assimilou e incorporou. Isso é bobeira, você poderia desde o começo ter chutado o pau da barraca e dizer olha eu sou assim mesmo, acabou, quer prover ou não? Caí fora. Mas gente fica um pouco assim, por causa do sistema, dos conceitos, da hipnose social que a gente sofre a gente cai nessa.

A responsabilidade é enfatizada e as noções de dever e de cumprimento de obrigações internalizadas. No entanto, se a busca pela aceitação traduzida em dinheiro ou diplomas é a ascensão que pode conferir algum tipo de prestígio social, aqui, parece não ter esse efeito, se direcionarmos ao pai, ou seja, se o prestígio exige uma ordem moral associada a noções de reciprocidade em que o pai exerce um papel fundamental, logo, temos um não reconhecimento, uma não aceitação baseada na falta de reciprocidade dele.

O sentido da experiência deixa entrever o ressentimento de Ana diante dessa relação. Talvez ela pudesse ter “chutado o pau da barraca” se não tivesse assimilado “os conceitos” e não tivesse feito a associação entre ser aceita por meio da imagem de uma mulher responsável? A partir disso, podemos pensar: como Ana se constrói em outros campos de existência ao acionar a articulação entre gênero, sexualidade e trabalho? Estaria, então, nossa interlocutora despreendida da “hipnose social”? Tornaria públicas suas relações afetivas?

3.3.3 “Somos diversas e por isso eu não gosto de me classificar...”

Ana exerce um importante cargo em uma instituição federal, compondo uma equipe mais ampla na qual a presença masculina é preponderante. Sobre isso, ela elabora uma crítica acerca das relações de gênero e trabalho:

Essa questão de gênero hoje é muito forte por causa do governo que está aí. Colocam muito essa questão de gênero e aí eu vou a reuniões que dizem: “ah você é quem vai secretariar, é a única mulher”. Eu digo, não. Se for pra ter aqui igualdade de gêneros, aqui tem mais homens, então são homens que têm que secretariar que eu não vou ser empregada de vocês ,não. Tá entendendo como eles usam essa questão do gênero ainda pra nos usar até em certas condições. Então, em termos de número de chefia, de trabalho, de ser mulher, tem muita exploração aí nessa relação de gênero e eu não estou me submetendo à exploração. Eles dizem: “ah, vai lá, porque você é mulher e tal”. Eu digo que não quero, onde têm mais homens eles que trabalhem e não eu que irei trabalhar mais que eles. Tem aí essas duas questões de gênero que, às vezes, confundem com a questão da orientação, porque nós temos um governo que só se fala da presidenta, mas eu acho que socialmente só aceitou ela porque ela tem um comportamento masculino, porque a feminina eles não aceitaram que disseram que ela era frágil, que era a Marina, eles não aceitaram ela porque ela é feminina e frágil, então ela não teria habilidades para governar, porque ela tem esse perfil feminino, agora o perfil de uma mulher masculina pode, até os homens aceitam no trabalho quando a mulher tem o perfil mais masculino e isso, desconsiderando a questão da homossexualidade, porque nós sabemos que têm mulheres que tem esse comportamento e não são [...].

O trecho acima apresenta pontos que permitem refletir sobre os seguintes pontos: se o gênero, à luz de Scott (1995), além de ser um elemento constitutivo de relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, é uma forma primeira de significar poder, então, Ana assume uma postura de resistência frente a essa relação de poder e de conflito entre seus amigos de trabalho, uma vez, que assumir o cargo e secretariar seria uma submissão, uma maneira de “usar” sua força de trabalho, enquanto para suas amigas, essa recusa representa um retrocesso em relação ao lugar da mulher na sociedade, “elas ficam com

raiva e falam do movimento feminista e tal e apresento uma contra-argumentação e acho que elas ficam assim porque não são escolhida”. A outra reflexão incide sobre a existência dos estereótipos que remetem a certas concepções das diferenciações entre homens e mulheres nas sociedades e de sua competência para atuar na vida pública.

Ana faz uma autorreflexão, tomando como exemplo as candidatas à presidência da república, Marina Silva, a qual atribuiu uma representação da mulher feminina e frágil e, a candidata e atual presidenta, Dilma Rousseff, está caracterizada pelos atributos masculinos, questão que a possibilitaria governar. A partir disso, ela argumenta que tal comparação é uma constante na esfera da vida pública, inclusive no seu contexto de trabalho, deixando entrever que a sua indicação ao cargo de chefia está relacionado à sua performance de gênero, aproximando-se aos estereótipos masculinos, distinta da performance assumida fora do ambiente de trabalho. Numa discussão mais ampla, podemos pensar nas representações da feminilidade e da masculinidade, do público e do privado, que atribuem sentidos à presença diferenciada de homens e de mulheres nos diversos espaços sociais, inseridas aqui as argumentações de Ana, que ora reforçam as dicotomias normativas em relação às representações de gênero e trabalho, sobretudo, ao afirmar que gosta de trabalhar com homens por considerá-los mais práticos, ora propõe outras maneiras de se apresentar ao recusar o cargo de chefia, marcando uma resistência, espécie de ponto de fuga.

Essa crítica inicial da nossa interlocutora recai sobre outros aspectos que convergem para um aparente desconforto: não gostar de ser classificada em nenhuma esfera social. Simbolicamente, a nomeação para o preterido cargo de chefia representaria uma classificação, assim como assumir sua orientação sexual entre as amigas e os amigos de trabalho e para sua família, bem como expressar alguma afetividade em público em relação a sua namorada, e até mesmo assumir a ideia de uma família através do casamento civil.

Ana não se identifica ou se classifica como uma mulher lésbica, apesar de deixar evidente que não cabe a ela uma definição de si: “aliás, não sou quem me defino, são os outros”. É essa definição do outro que a incomoda pelo “medo da coerção social e também de não querer opinião externa”. Por esse motivo, Ana procura reservas, sem deixar de apontar os resquícios da sua educação militar, afirmando que não gosta de expor sua intimidade, por exemplo, andar de mãos dadas com sua namorada em restaurantes ou beijá-la na presença de outras pessoas: “por isso eu não gosto de me classificar, eu gosto da minha intimidade reservada, não precisa ser exposta, eu não sinto a necessidade”.

Afirmar uma identidade lésbica é suprimir as diversas performatividades, então: “somos múltiplas dentro de uma rede que permeia toda uma sociedade que correspondeu de

alguma forma”. Ana, não menospreza as lutas empreendidas pelos movimentos sociais, embora mostre outros espaços de atuação nos quais a orientação sexual não vem em primeiro plano. Para além das bandeiras levadas em punho entre as ruas, durante os dias da Parada da Diversidade, Ana acredita no movimento do dia a dia, que engloba as pessoas que se movimentam nas ruas, outras não indo à rua, considerando essas de grande importância, pois atuam em vários setores, levantando outras formas de bandeiras, traduzindo-as na arte, na música, na literatura, na política.

A interlocutora chama a atenção para outros tipos de atuação, em diversos lugares e profissões como a dela, por exemplo. Ela nos diz que as pessoas sabem da sua orientação sexual e a respeitam por ser uma pessoa ética e responsável, assim como suas amigas médicas, juízas, professoras. Dessa forma, a orientação sexual não é considerada isoladamente. Nesse sentido ela diz:

Nós somos seres complexos, temos várias facetas, eu acho que essa questão da sexualidade é uma, que eu não dou ênfase a ela, eu dou ênfase ao todo. Quando eu me comporto socialmente, eu não me comporto pensando na minha orientação sexual. Eu me comporto no que consta naquele momento. Se minha orientação sexual tem referência ou influência naquele momento, ela vai, porque faz parte de mim, faz parte do todo, eu não foco meu comportamento por causa da minha orientação sexual, ela vai com tudo, porque se a gente foca somente nela, anulamos a nossa pluralidade.

A ideia de pluralidade, multiplicidade e diversidade dá relevo ao esforço empreendido por Ana em encontrar outras possibilidades que justificassem o seu posicionamento de movimento, ou seja, de não estar fixada em uma imagem: mulher lésbica masculinizada.

Ana, depois de uma longa viagem a trabalho, convidou-me para ir ao seu antigo apartamento, localizado no bairro de Fátima. Tratava-se de um reservado encontro para uma apreciação de um vinho, do qual não em recordo o nome, e de um jantar feito por Sara, Tatiana e Laura.

Conversamos sobre o novo emprego de Laura (assistente de uma biblioteca) e seu novo namorado; escutamos de Tatiana versos de Fernando Pessoa, identificando determinado trecho como a nova tatuagem; entre uma pausa e outra, Sara soltava um contagiante sorriso, entremeado de uma boa piada sobre o jantar; eu falava das minhas pretensões acadêmicas e Ana sobre a viagem e da sua pretensão em pedir transferência do seu emprego para João Pessoa. Questionei o motivo para esse pedido e antes de escutar a sua resposta, percebi um encontro dos olhares de Tatiana e de Sara que eu não soube compreender imediatamente.

Depois, ao escutar a resposta de Ana sobre sua insatisfação em morar em Teresina por considerá-la pequena, ou, muito “provinciana”, entendi que o cruzamento anterior dos olhares sinalizava duas questões: o afastamento físico do casal e as marcas do ressentimento em relação à família, em especial ao pai. A continuação do diálogo mostrou um sentido ambivalente sobre esse desejo de sair da capital. Se, por um lado, a interlocutora demonstra certa resistência no trabalho, construindo uma imagem politizada de não submissão e a favor de múltiplos movimentos, da pluralidade da mulher, por outro, parece haver dificuldades em desprender-se da “hipnose social”, coexistindo perspectivas diferenciadas em relação ao trabalho, à família e à sexualidade.

3.4 Intercruzando Narrativas

Os fluxos e os movimentos das narrativas biográficas apresentam uma escrita de si, atravessada por aspectos performáticos que imprimem formas de ser e de atuar no mundo, possibilitando-nos acessar uma complexa combinação de narrativas pessoais e situações históricas construídas através de uma intersubjetividade derivada de uma potência relacional, rompendo com a noção de uma unidade evidente, atribuída ao sujeito, ressaltando a constituição desses, através dos dados da experiência.

O sentido das narrativas ganham relevo ao ser tratado à luz da conceituação de etnobiografia esboçada por Marcos Antônio Gonçalves (2012), que está situada no debate acerca das problematizações das ideias de indivíduo e de sociedade pela Antropologia. Com isso, surgiu a necessidade de novas conceituações que procurassem dar conta das relações entre razão cultural, construção de personagens etnográficos e sujeitos subjetivados.

É nesse contexto de reflexão que surge, a partir da tensão produtiva entre os temas clássicos da biografia e da etnografia, essa nova formulação teórica chamada de etnobiografia que nos permite pensar a partir de experiências individuais de cada um dos sujeitos ancorados em suas percepções culturais. Logo, as narrativas se estruturam para dar conta desses dois aspectos na simultaneidade, propondo de uma só vez e a um só momento a não mais antagônica relação entre subjetividade e objetividade, cultura e personalidade. O conceito de etnobiografia, ao problematizar o individual e o coletivo, o sujeito e cultural, abre espaço para individualidade ou a imaginação criativa.

Nesse horizonte de reflexão, o indivíduo passa a ser pensado a partir de sua potência de individuação, enquanto manifestação criativa, uma vez que é justamente por meio dessa interpretação pessoal que as ideias culturais se precipitam e se tem acesso à cultura. Assim,

partindo da premissa de que o conceito de etnobiografia emerge com a intenção de dar conta da intrincada relação entre sujeito, indivíduo e cultura, chegamos aqui a uma definição de mundos socioculturais pensado como produção dos indivíduos que deles fazem parte, indivíduos cuja imaginação pessoal está sempre situada, “[...] criando o mundo, eles próprios e suas perspectivas sobre este mundo. A realidade sociocultural, portanto, não é mais que as histórias contadas sobre isso, as narrativas pelas quais ela é representada” (GONÇALVES; MARQUES; CARDOSO, 2012, p. 10).

Na linha dessa discussão, o indivíduo não seria simplesmente a manifestação da representação coletiva, ou seja, a individuação criativa dos personagens-pessoas desenvolve uma autonomia de significados que não está submetida diretamente à força imanente da sociedade. Ao contrário disso, o imprevisto e a narração não são tomados como discursividade neutra, assumem papel de pura agência, na medida em que criam e agregam novos significados ao mundo e às coisas, ao mesmo tempo em que transformam aqueles que constroem a narrativa etnográfica, seja o antropólogo, sejam seus personagens etnográficos.

Gonçalves (2012), inspirado por Walter Benjamin, chama a atenção para o intercâmbio de experiências por meio de narrativas partilhadas. É nesse sentido da partilha que a biografia se encontra com a etnografia, ou seja, a possibilidade de etnografar uma vida acentua a relação entre etnógrafo e “nativo”. Assim, o *etno* de *etnobiografia* é derivado da etnografia, de sua potência narrativa que implica a relação complexa e produtiva de um *alter* e um *ego*. Desse modo, “[...] a autonarração de si por meio do encontro com outro produz o que designamos por flexibilidade e experimentações nas identidades individuais e coletivas” (GONÇALVES, 2012, p. 24). Portanto, a etnobiografia é produto de um discurso autoral proferido por um sujeito, em um processo de reinvenção identitária mediada por uma relação.

O sentido da relação nos permite pensar na alteridade como uma maneira de construir uma pessoa personagem:

Nesse sentido, esta emergência da pessoa-personagem é sempre mediada por relações que implicam, em última instância, uma construção menos baseada em essências individualizantes introspectivas e mais resultado de relações que privilegiam a proposição da alteridade como definidora de uma possibilidade de se construir um sujeito, um pessoa-personagem que emerge na relação, em que se engendra uma consciência de si a partir de uma relação complexa com o outro. (GONÇALVES, 2012, p. 38-39).

A pessoa-personagem opera na tentativa de dissolução das dualidades, deixando transparecer evidente consciência e reflexividade que permite acessar um imaginário, as

fabulações, uma vez que é antes de tudo construída na relação. Posto isso, a pessoa-personagem é justamente aquela que faz a indissociável junção entre vivido e pensado, dado e construído, individual e social, ação e representação. Logo, é essa dimensão que Gonçalves (2012) procura enfatizar, ao se propor pensar a biografia e a etnografia.

Dessa forma, ao intercruzar as narrativas de Dara, Amora e Ana, observei uma interconexão que deixa entrever recorrências, pontos convergentes, aspectos que particularizam as experiências em movimentos distintos: em um primeiro movimento temos os fluxos das narrativas voltados para os contextos que informam sobre as descendências e os arranjos familiares. Em seguida, deparamo-nos com o período da adolescência e da autopercepção da sexualidade dissidente, contrapondo-a a uma matriz heterossexual que ordena o gênero, o sexo e o desejo. Observamos, por meio dos fluxos do primeiro movimento, a criação dos campos de possibilidades acionados por nossas personagens diante das tensões familiares no contexto interiorano, no qual, assumir uma “identidade” homossexual significaria estigmatizar a imagem da família.

Lembremo-nos que as personagens estão situadas nesse momento entre a segunda metade da década de 1980 e início dos anos 1990. Nesse *entre*, algumas questões são pertinentes. Tínhamos, então, um contexto social atravessado pelos ecos das décadas anteriores reverberando os eventos dos movimentos sociais, desde a revolução sexual que se deu a partir dos anos de 1960; do fim da ditadura militar no país – 1964/1985 – início do que se convencionou chamar de abertura política, iniciada em 1974. Nessa década, ainda despontou uma segunda onda do movimento organizado de mulheres e feministas, momento de emancipação das mulheres no cenário, profissional, social e político. Colocavam-se em discussão os direitos da mulher.

Essas questões ressoaram na subjetividade das interlocutoras se pensarmos em suas performances como as maneiras de acessaram os campos de possibilidades, possibilitando-as questionarem suas posições identitárias de mulheres heterossexuais, provenientes de famílias tradicionais do interior do estado, que tinham projetos familiares traçados. Evocam, a partir disso, outras possibilidades, multiplicidade de posições possíveis.

Dara, ao afastar-se das referências de feminilidade vivenciadas por sua mãe e irmãs, escondeu seu corpo em meio às roupas folgadas. Enquanto assistia as suas irmãs inseridas nos rituais de casamento e, ao mesmo tempo, avançando nas carreiras profissionais, vivia sua primeira paixão por Roberta, no contexto interiorano. Os rumores sobre essa paixão corriam por meio de uma mensageira veloz, a fofoca. Para sua família, a mulher que se relacionasse afetivamente com outras mulheres, não seria “digna” de respeito e estaria fadada à vergonha e

ao fracasso. Logo, nossa personagem estaria inclusa nesse grupo de pessoas que não são dignas de respeito. Por sua vez, está associado a certo *status* econômico e profissional.

Amora é a filha mais velha de uma família composta por mais três irmãs, a mãe e o pai. Na ausência de um “filho varão”, criaram em torno dela expectativas relacionadas à sua posição dentro da hierarquia familiar, ou seja, como filha mais velha, deveria dar o exemplo por meio dos estudos e do “bom casamento”. Por um lado, Amora não seguiu o projeto familiar esboçado pelos “valores convencionais”, pois estivera apaixonada por Lucília desde a infância, quando essa, em meio a uma farinhada chorou porque havia quebrado a unha enquanto descascava a mandioca, escondendo as mãos entre as pernas como resposta a dor. Amora não consegue distinguir se a paixão começara por sua comoção diante da dor ou se foi pela oportunidade de perceber as curvas bem desenhadas das pernas de Lucíola.

Ana, desde nova, apresentara sinais que diziam sobre uma facilidade em relação aos estudos. Em suas palavras “eu era considerada uma CDF”. Dessa forma, não tivera dificuldades em concluir com destaque as etapas relativas aos estudos. Em contraponto às suas irmãs, galgou precocemente um importante cargo profissional que a deixou independente financeiramente. Contudo, após esse percurso, ela não conseguiu um reconhecimento aos olhos do pai, que se tornou mais problemático diante da sua homossexualidade.

Observamos, nesse primeiro movimento, como nossas personagens articularam gênero e sexualidade no contexto familiar. Evidentemente, há matizes e variações nas narrativas, no entanto, existe, paralelamente a isso, uma nítida percepção da importância no investimento educacional como espaço de agência. A partir desse ponto, deparamo-nos com os fluxos do segundo movimento das personagens, sobretudo na linha que dá início à vivência na capital. Essa semelhança se imprime nas narrativas quando, referindo-se ao trajeto percorrido desde o ingresso no ensino médio até a entrada na universidade, em meados da década de 1990, utilizaram-se de outros possíveis que atravessaram o contexto histórico. Apresentava-se no início daquela década sob a influência dos movimentos sociais uma imagem positiva da homossexualidade a partir de uma visibilidade que mostrava a existência de uma grande coletividade que se opunha à ideia de minoria (FACHHINI, 2008).

A cidade de Teresina, nos anos 1990, estava em pleno processo de desenvolvimento vertical, definindo novas formas de sociabilidade e os espaços de frequência GLS espalhavam-se, sobretudo, na região central, ainda sob o rótulo de gueto por uma parcela dos seus frequentadores. A narrativa de Ana se apresenta como contraponto ao que se refere à frequência a tais espaços em relação às outras duas personagens. Ela considerava (ainda

permanece com a mesma opinião) Teresina uma província com poucas opções de “boas saídas”. Os estabelecimentos e as festas GLS não se encontravam nessa classificação.

O sentido provinciano está relacionado à extensão familiar, ou seja, frequentar esses espaços era uma autoexposição que colocaria em risco o “segredo” em relação a sua sexualidade. Logo, observamos contornos ambivalentes nesse traço, tendo em vista que, mantida a gestão do segredo na capital no período da graduação, ela viria, por meio dos deslocamentos espaciais entre os períodos do mestrado e doutorado em Minas Gerais, experienciar os processos de desterritorialização em relação à família.

Dara e Amora se serviram dos “guetos” como lugares de autoafirmação dos corpos e da sexualidade. Estavam se desterritorializando das moralidades convencionais, deslocando-se das práticas regulatórias que materializam o gênero e a sexualidade. Em meio ao bar sujo que parecia um lamaçal, Dara sentiu a potência dos encontros proporcionando-lhe dois interessantes fluxos: no plano da narrativa, percebemos o trânsito da personagem pelos lugares “vagabundos” da cidade, período caracterizado por sua autopercepção de uma mulher que não precisaria mais sentir vergonha do corpo, nem da sua sexualidade, por meio do encontro com o “outro”. Esses encontros potencializaram a sua inserção em distintas redes de sociabilidades. Aqui temos o segundo e importante fluxo.

Foi nesse período que Dara e Amora se conheceram, em uma boate localizada no Centro da capital. Amora não recorda o nome, no entanto, afirma que foi a imagem de Dara que mais chamou a sua atenção naquela sua primeira saída noturna: “Acho que foi a primeira pessoa que eu vi, por isso que brinquei que tinha que ser a Dara”. Começara naquele período uma amizade que perdura há duas décadas: “Dara representa isso, eu não conhecia nada aqui, eu tinha vindo do interior, eu não sabia que tinha esses lugares que duas mulheres poderiam ficar de mãos dadas que na época eram os guetos”, nas palavras de Amora.

Amora, ao descrever sobre o passado e a sua reflexão sobre ele, enfatiza a importância social e simbólica da imagem de Dara naquela boate como possibilidade de ser e de estar no mundo, acentuando o peso do estigma em relação a sua orientação sexual que outrora havia sido intenso: “eu fui admoestada pela cidade por causa disso, por meus amigos que me chamavam de sapatão, isso já década de noventa”. Amora, em meio à memória molhada pelas lembranças, recriava detalhadamente gestos, tons de voz, humores, eram como o sol rasgando o céu a cada fim de madrugada³¹, oportunizando outros horizontes: “teve uma época que eu achei que tinha me apaixonado por Dara, mas depois eu vi que me apaixonei pela imagem

³¹ Lima (2007)

[...] Dois corpos desenhados de mãos dadas, duas mulheres, depois disso nos tornamos amigas depois”.

Amora, fartando-se na reconstituição dessa cena, deixava-me perceber as tramas relacionais que estavam enredando os fluxos de um terceiro movimento: a conformação de uma rede de sociabilidade, pautada em afinidades decorrentes dos encontros nos “guetos”, dos espaços universitários, das festas temáticas, dos estilos musicais, das tendências da moda e, também, de solidariedade diante dos conflitos que envolviam, sobretudo, as relações familiares. Estreitaram-se os vínculos de amizade, de reciprocidade: “considerando o tempo que nos conhecemos, mais ou menos duas décadas, a Dara também é uma amiga que dá pra ilustrar tantas outras coisas dessa permanência de como uma amizade é possível”.

Por outro lado, emergiam os conflitos e as tensões que incidiam sobre o *status* de uma determinada pessoa na rede, por exemplo, por meio dos términos das relações amorosas, em que aconteciam deslocamentos. Notemos: Geovana, Juliana e Cristina são três “ex” namoradas de Dara que, após o fim da relação, não perderam totalmente o vínculo afetivo, uma vez que se tornaram amigas. Sobre esse aspecto, Meinerz (2011), e antes dela Muniz (1992) e Heilborn (2004), ao analisar as relações homoeróticas femininas chamam a atenção para uma ambiguidade presente nas relações de amizade entre mulheres que se relacionam com mulheres, uma vez que são atravessadas por tensões a partir de um *continuum* entre amizade-potencial parceira-amizade.

A antropóloga salienta que, se por um lado, toda amiga é uma potencial parceira, por outro, muitas vezes, a ex-parceira acaba se tornando uma grande amiga. Cristina, por sua vez, envolveu-se com Amora. No período dessa relação, Cristina teve um envolvimento com Malena. Ao evocar esse exemplo, Amora informa que tal prática, conhecida como “dança das cadeiras”, é um elemento constituidor dentro de um campo de possibilidades que movimentam as dinâmicas de interação. Nesse sentido, os elos que as envolvem são diversos e os rompimentos são distintos.

Eu e Amora, dividíamos naquela situação de “entrevista” uma reflexão conjunta sobre a elaboração das subjetividades, das formas de sociabilidade que caracterizavam o *ethos* particular da rede, sobre os significados, as normas e os valores que definem posições, status e hierarquias. O conjunto dessas normas e valores nos permite falar sobre moralidades (GONTIJO; REIS, 2014a, 2014b) ou gramáticas morais que operam, por um lado, no sentido de controlar o comportamento dos indivíduos, reforçando certas normas sociais e, por outro, no sentido de questionar e reinventar convenções, (re) posicionando os “lugares” nas redes de sociabilidades.

Os três movimentos descritos nos fazem avançar na compreensão dos aspectos que singularizaram as experiências das nossas personagens. Esses processos de singularização são evidenciados por meio de alguns eixos fundamentais: família - expectativas; interior - capital; sexualidade - campos de possibilidade; sociabilidades –espaços de agência e trabalho-respeito.

Esses eixos derivam das narrativas e são chaves para entender o sentido dado às experiências que ganham forma e significado no âmbito da intersubjetividade. Elas dobram e se deslocam, capturando afetos: amor, amizade, confiança, confiabilidade, conflitos, traições e desejos. Vejamos a partir disso como esses afetos ganham expressão produzindo outros fluxos, movimentos, rupturas e (des) territorialização das subjetividades em meio às relações e às dinâmicas de interação na rede.

CAPÍTULO 4 - ENLAÇANDO AFETIVIDADES E DESEJOS

Os sons saíam tumultuadamente. Era um subir e descer de vozes alternadas entre agudas e graves, impossibilitando-nos compreender imediatamente o conteúdo enunciado por cada boca que compunha os movimentos distintos naquela cena. Joana, com seus lábios bem desenhados, tragava um cigarro, soltava vagarosamente a fumaça e depois se servia de um gole de cerveja. Amora liberava os seus agudos entre um gole e outro do seu uísque, direcionando-os a Rosa e a Catarina que respondiam sincronizadamente. Fabrícia conversava detidamente com Eduarda e Lorena. Dara parecia falar com todas ao mesmo tempo. Essa foi à cena com a qual eu me deparei quando cheguei ao bar/restaurante Água de Chocalho, por volta das 23h30min, de um sábado.

Feito o ritual inicial de saudações a cada pessoa que estava na mesa, Catarina me fez uma interessante indagação: “Pâmela, você já tem ao menos dez nomes da nossa turma gravados na agenda do seu celular?”. Eu parei, olhei desconsertadamente à procura de outros olhares que pudessem informar sobre a intenção da pergunta, mas não obtive sucesso, apesar de observar as intensas trocas de olhares entre as personagens que ali estavam. Fique constrangida, uma vez que, eu ainda estava em pé e elas sentadas, tornando-me naquele momento o “centro” das atenções daquela mesa.

Fiquei quieta por alguns instantes, procurando mentalmente se de fato eu possuiria os números na minha agenda e antes de qualquer tentativa de resposta, Catarina rompeu a atmosfera de um breve suspense com sorrisos e argumentou: “só consideramos amiga da turma se tiver pelo menos dez números na agenda”. Os sorrisos das outras amigas se tornaram efusivos e em meio àquela celeuma, Rosa se aproximou, informando que a sua companheira tinha um “humor irônico”, mas que era o jeito dela de expressar que gostava da minha presença, e conduziu-me para sentar ao lado delas.

Essa cena se tornou uma pista em relação ao contexto que me dizia sobre uma intenção comunicativa que eu viria a compreendê-la dias depois, após rememorar por meio do meu caderno de campo outra cena ocorrida meses antes, no apartamento da Catarina. Permitam-me descrevê-la: após uma viagem ao exterior, Catarina e Rosa convidaram Dara e Fabrícia para um encontro numa sexta-feira à noite. O local escolhido fora o apartamento de Catarina. Ela havia comprado recentemente e convidou as amigas para conhecê-lo. Tinha a intenção de mostrar os vídeos e as fotografias feitos na viagem, uma vez que Fabrícia não havia participado do programa de férias.

A anfitriã nos recebeu com longo sorriso entusiasmado. Logo na sala, percebemos um investimento em uma decoração com toques tecnológicos marcante nos demais cômodos, principalmente no escritório. Apresentou-nos a pequena extensão do apartamento e nos acomodamos no chão da sala que estava preparada para a exibição de alguns trechos da viagem por meio da projeção via *data show*. Enquanto conversávamos sobre os detalhes da decoração, Rosa servia *sushi* e uns *drinks* que havia aprendido recentemente. Nossa conversa foi interrompida pelo toque da campainha, eram duas amigas da Rosa que completaram a lista daquela noite.

Márcia era uma das amigas da Maria, pessoa com a qual eu estabeleci um extenso diálogo naquela noite. Os assuntos eram diversos, desde os seus terrenos valorizados que estavam à venda, até o seu apreço por Foucault, momento no qual eu tive uma abertura para falar ao responder à pergunta de Márcia. Ela queria saber sobre o meu ponto de vista em relação à ideia de poder em Foucault. Rosa e Fabrícia estavam atentas ao nosso diálogo. Fiquei alguns minutos pensativa, e quando resolvi responder, recebi uma negativa, não pelo conteúdo e sim pela expressão utilizada, “*tou ligada nesse autor*”.

Se nesse diálogo a minha interlocutora tinha a intenção de escutar uma resposta com requintes de uma linguagem mais elaborada, ela obteve um resultado diferente e, porque não dizer decepcionante, se a gíria representava naquele contexto um código não compartilhado. Fabrícia logo interveio, dissera que apesar de minha idade (em contraste com a do grupo) não era justificável que eu ainda me servisse de tais expressões.

As cenas ganharam intensidade e significado quando comparadas. Partindo da premissa de que o significado é apreendido por meio de uma relação e de que as pessoas estão posicionadas seus contextos, compreendi que a intenção daquela pergunta, aparentemente banal, sobre minha agenda, estava revestida por questionamentos sobre minha posição diante rede, afinal, quem eu era? Onde eu estava situada?

Tratava-se de pensar sobre as relações estabelecidas, pois, se ser o *outro* é uma condição relacional e contextual (PELÚCIO, 2012), logo, eu entendi naquele momento, em meio às gírias, que ao questionarem sobre a expressão “*tou ligada*”, aquelas mulheres comunicavam sobre um *ethos* particular por meio das duas intenções comunicativas expressas nas cenas. Podemos perceber isso por meio da minha inserção como uma *outra* que não tinha compreensão suficiente sobre os códigos que regiam as relações, apesar de ser considerada uma “*ombro amigo*” em momentos de algum conflito.

As duas cenas específicas demonstraram situações ordinárias nas quais podemos observar como as moralidades dramatizam, reforçam e alteram as maneiras como as mulheres

se definem diante do *outro*, em contextos específicos, nos quais observamos os movimentos das personagens em sucessivos deslocamentos. Dessa forma, percebi que eu estava situada no espaço de fronteira em meio a constantes negociações, por meio das quais a minha imagem e a minha posição também era (re) formulada. Para compreender tais questões, relembrei da formulação de Walter Benjamin (1987) sobre a faculdade de intercambiar experiências por meio das narrativas compartilhadas.

Nesse sentido, o encontro das nossas narrativas, as observações e as perambulações pelo campo me possibilitaram acompanhar e acessar as micropolíticas da rede perpassadas por relações de poder, hierarquias, *status*, negociações em relação aos critérios envolvidos na regulação e na contestação das normas. Aqui chegamos ao ponto central deste capítulo: como estão enlaçados os afetos, desejos e as moralidades?

Simmel (1983), ao discutir sobre individualidade, interação e tipo social, examina as formas da vida social, as combinações e interações entre os indivíduos, ressaltando que a diferença formal no comportamento de um indivíduo no grupo – enquanto determinada pelo tamanho do seu grupo – não tem apenas importância concreta, mas também uma importância normativa e moral. A moralidade resulta do comportamento do indivíduo em relação a outros indivíduos ou grupos, isto é, na medida em que tenha o mesmo teor do costume e do direito:

Uma vez que as formas normativas tenham recebido conteúdos particulares, estes conteúdos se libertam de seus veículos sociológicos originais e chegam a ser uma necessidade interior e autônoma, que merece a designação de ideal. Nesse estágio estes conteúdos que são na verdade comportamentos ou estados dos indivíduos têm valor em si mesmo: são devidos. Sua importância ou natureza social, não lhes dá mais, isoladamente, seu caráter imperativo: nesse estágio derivam mais de seu valor e importância objetivamente ideal. É verdade que a moralidade se torna personalizada. Além do mais, é fato que as três normas gerais- costume, direito e a própria moralidade- evoluem para formas supra-sociais e objetivos. Mas nem os fatos evitam que enfatizemos aqui que seu conteúdo é socialmente intencional e que aquelas mesmas três formas se certificam que seu conteúdo seja de fato realizado pelo indivíduo. (SIMMEL, 1983, p. 102).

Simmel (1983) está lidando com as formas de relação interior e exterior do indivíduo com o seu grupo social, alertando sobre o conteúdo dessa relação, que tem sido historicamente revestido de motivações ou formas diferentes. Por exemplo, o que era costume em certo tempo e lugar, em outro foi uma lei de Estado ou foi deixado à moralidade privada. Por outro lado, o que estava sob a coerção da lei, tornou-se meramente bons costumes e o que era uma questão de consciência individual foi, posteriormente, com frequência, imposta pelo Estado.

Existiria, pois, um *continuum* entre o polo da moralidade e o do polo da lei, situando-se entre ambos o costume, no qual, é possível indicar um entrelaçamento observável na dinâmica do *continuum*, mostrando que a própria oscilação do costume entre dois polos indica que essas três dimensões societárias não apenas podem, mas devem ser distintas (OLIVEIRA, 1993).

Os contornos teóricos de Simmel (1983) dão a entender a ligação entre os termos sociais e morais situados em meio às tensões da vida social percebida em processo de interação. Tais processos dizem sobre a concepção de sociedade formulada a partir da interação entre os indivíduos, na qual, redes de reciprocidade são acionadas por meio da interação dos indivíduos e são expressas nas formas sociais.

Para o teórico alemão, a interação é composta por uma forma e um conteúdo. Esse é o interesse, o objetivo ou as necessidades específicas. A forma é o meio pelo qual o conteúdo e os interesses materiais ou individuais passam a existir. Segundo o autor, as formas nas quais resultam esse processo ganham vida própria. São liberadas de todos os lados com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços. Esse é o processo denominado por Simmel (1983), de sociabilidade, ou seja, uma forma lúdica de sociação que reúne as ações humanas e os resultados advindos das próprias relações sociáveis.

Os laços são produzidos a partir das interações, dos encontros, convidando-nos a adentrar na dimensão afetiva, na qual os afetos ganham expressão por meio de uma série de agenciamentos, que dão conteúdo às formas sociais por meio de intensidades distintas que expressam, também, uma linguagem dos sentimentos. São esses laços que chamo a partir de agora de afetividades.

Mauss (1979), em “A expressão obrigatória dos sentimentos”, analisa os ritos funerários australianos, evidenciando o caráter ritualizado dos sentimentos. A expressão do sentimento se configura como uma linguagem coletiva simultânea de valor moral e de força obrigatória. Para o antropólogo francês, mais que uma manifestação dos próprios sentimentos, é um modo de manifestá-los aos outros, pois, assim, é preciso fazer. Logo, nesse movimento, manifesta-se a si, exprimindo aos outros, por conta dos outros. É essencialmente uma ação simbólica. Nessa direção, Mauss (1979) me fez avançar na análise das cenas anteriores, observando-as como situações sociais de interações ritualizadas, revelando como as afetividades são mobilizadas e enlaçadas em contextos marcados por regras de relacionamentos, relações de poder e de negociações.

Dois momentos podem ser distinguidos na análise: por um lado, a necessidade de marcar posições de grupo. Catarina, por meio do seu “humor irônico”, ao perguntar sobre a quantidade de contatos que eu supostamente teria na minha agenda, deixava entrever a marcação da fronteira simbólica daquele grupo, na qual, possuir os contatos significaria a afinidade, movimentando-se num fluxo que enlaçaria a confiança, permitindo assim compartilhar os laços de amizade baseados na afinidade, na intimidade e na reciprocidade.

A categoria “confiança” é acionada para legitimar a possibilidade de fazer uma exposição de si na qual a intimidade e a reputação possam ser preservadas. As intensidades das afetividades ganham velocidade no meio, no entre posições, ou seja, entre ser ou não uma pessoa confiável. Isso mobiliza as dinâmicas interacionais regidas por sentimentos morais. Se os sentimentos morais são aqueles estabelecidos em um contexto relacional podemos fazer o seguinte questionamento: qual o efeito da falta de confiança no outro? O efeito dessa pergunta faz perceber que os sentimentos morais podem operar no sentido de incluir ou excluir (re) posicionando o status das mulheres. Dessa forma, acessamos as micropolíticas em momentos de dramatização, (re) formulando e alterando as relações em situações distintas.

Por outro lado, a negativa em relação ao uso da gíria expressou uma sanção simbólica, pois não estava de acordo com os interesses, os valores e os motivos que determinavam o comportamento naquela situação em contraste, por exemplo, se fosse enunciada em um contexto de uma festa ou em um dia de lazer, no qual as conversas soavam em tom mais descontraído. Isso nos conduz a pensar sobre as mudanças das nossas participações em situações particulares que são influenciadas pelos motivos e valores situacionais. Devo acrescentar como ponto de fundamental importância a análise das interações nas situações sociais. Essas potencializaram as etnobiografias apresentadas no capítulo anterior. Dessa forma, utilizo o conceito de análise situacional.

A perspectiva da análise situacional esboçada por Mitchell (1987) é inspirada no conceito de plasticidade das crenças desenvolvido por Evans-Pritchard (2005) no livro “Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande”, para quem um indivíduo, diante de determinada situação, utiliza aquilo que lhe é mais conveniente dentre as diferentes crenças, “[...] e não presta atenção aos outros elementos, que usaria em outros contextos. Assim, um único acontecimento pode suscitar uma variedade de crenças diferentes e contraditórias em pessoas diferentes” (EVANS-PRITCHARD, 2005, p. 225). Assim, as lógicas de julgamento de ação são acionadas de acordo com a situação e por meio dessa, as crenças de um grupo ganham sua coerência. À luz desse aporte teórico, analiso as situações sociais, tomando as

afetividades como lugar de negociações de moralidades e da produção de relações significantes em rede.

4.1 Amizade e Confiança: relações *entre* o envolver-se e o reservar-se

Como se constrói uma relação de amizade? Qual é seu significado e suas implicações nas relações sociais? Afinal, como definir essa relação? A antropóloga Claudia Rezende (2002, 2010), estudiosa da temática, fez uma análise comparativa sobre amizade entre nas cidades de Londres e no Rio de Janeiro. Para ela, a amizade pode ser uma relação pessoal e privada, afetiva e voluntária, pautada na sociabilidade, na afinidade e na confiança, possibilitando o compartilhamento de questões pessoais e íntimas, valores semelhantes, reciprocidade, apoio mútuo, sinceridade e investimentos de tempo. A amizade, embora seja vivida como uma opção subjetiva, é concebida e praticada com significados, normas e valores culturalmente definidos.

Mauro Koury (2012) discute, no ensaio intitulado *Amizade e Modernidade*, as relações fraternas no mundo ocidental e brasileiro contemporâneo. Ressalta dois pares de conceitos diretamente envolvidos nas relações de amizade e importantes para as análises sociológicas e antropológicas: primeiro, viria a lealdade e a fidelidade, pois sem elas, a união amorosa que liga dois ou mais seres em um laço de amizade não sobrevive; a confiança e o segredo, uma vez que ambos suportam em si a noção de compromisso pessoal de um com o outro, isto é, entre os amigos. A partir disso, para o autor:

[...] a amizade é um conceito relacional onde indivíduos promovem uma intensa interação baseada no compromisso de lealdade e fidelidade, oriundas da confiança mútua, onde o laço social gerado promove uma série de intimidades possíveis seguradas pela confiança mútua e pela garantia do segredo da revelação proporcionada pelo confiar questões íntimas ao outro relacional. (KOURY, 2012, p. 470).

O amigo, nesse sentido, é um ser confessional. Alguém a quem confiamos os nossos segredos mais íntimos, sem medo de sua revelação pública. Por outro lado, toda confiança traz em si o problema da traição que promove a revelação dos segredos íntimos. Observa-se, nesse ponto, a obrigatoriedade da renovação dos votos de confiança através da demonstração da lealdade e da fidelidade. A relação estabelecida entre a amizade e a confiança está inserida nos movimentos afetivos contemporâneos, atravessados por mudanças desde os períodos nos

quais a sexualidade estava ligada ao casamento e à procriação, até a crise do casamento tradicional e a formação de múltiplos arranjos afetivos e familiares.

Dessa forma, o conceito de confiança apareceu como um elemento a ser considerado nas relações, pois com a emergência da autonomização do domínio da sexualidade distinta da ordem tradicional e da procriação, acompanhava a noção de sujeito moderno pautado na subjetividade e na individualização (BOZON, 2004). É nesse ambiente que os laços afetivos, agora pautados no desejo, estão ligados à esfera íntima protegida e apoiada em fortes relações interpessoais, potencializando o conceito de confiança em meio às relações contemporâneas instáveis e frágeis (ZAMBONI, 2009).

Se os laços são produzidos nas situações de interação e a confiança encontra-se entre os dois pares conceituais – lealdade, fidelidade; confiança, segredo –, é nesse espaço que encontramos o enlace dos elementos simbólicos da honra, vistos aqui, na ótica de Pitt-Rivers (1973), como um nexos entre os ideais da sociedade e a sua reprodução nos indivíduos, acionando o movimento que vai do revelar-se ao reservar-se. Se através dos códigos de honra são moldadas atitudes que regem as relações e se essas os contestam, as tensões e os conflitos aparecem. Por isso, trair a confiança e revelar o segredo põe em cheque a reputação, a imagem de si destinada ao outro, podendo romper a relação de amizade e a de permanência na rede de relações.

Os códigos de honra foram capturados por meio da categoria respeito. Relembremos com essa categoria foi acionada nas etnobiografias de Dara, Amora e Ana, operando através de um campo de possibilidades, no sentido de conquistar a respeitabilidade familiar frente à sexualidade. Tornar-se uma pessoa respeitável se configura como um valor importante, estendendo-o como sentido de prestígio social conquistado por meio da ascensão profissional.

Partindo da premissa de que afinidade é um fator primeiro para se começar uma amizade, posso dizer que a sexualidade serviu como um fator de afinidade, assim como a sociabilidade. Contudo, a confiança sendo um fator que se desenvolve com a intensidade dos vínculos e pela manutenção dos códigos de honra, então, o compartilhamento desses mesmos códigos amalgamaram as relações de amizade das interlocutoras. Além disso, os códigos de honra perpassam as relações afetivas na rede, tanto aquelas que se referem à amizade, como as afetivo-sexuais. Para entender os códigos e os valores que regem as interações entre as amigas, é necessário situá-las, agora, no momento da formação da rede de relações sociais significantes em que compartilham experiências e formas de sociabilidade.

4.2 Envolvendo-se...

Acompanhamos, nas etnobiografias, períodos nos quais a sexualidade fora experienciada ocultamente sob o imperativo do segredo. Nesses momentos, sobretudo os vivenciados já em Teresina, foi possível conhecer e frequentar festas e espaços denominados pelas interlocutoras por “guetos *gays*” para se referirem àquele contexto, que proporcionou a formação de uma rede de relações inicialmente a partir de Dara e Amora. Ana estabeleceu vínculos de amizade em momento posterior.

As primeiras se conheceram em uma boate, na década de 1990. Assim nos conta Dara enquanto conversávamos sobre a rede de relações:

Tudo começou com minha amizade com a Amora, pois ela foi uma das primeiras pessoas que eu conheci aqui em Teresina para ser mesmo amiga. Eu a conheci exatamente quando eu estava entrando no mundo gay, que era no gueto, descobrindo o gueto. Eu namorava a Juliana. Era bem no começo, naquele momento que ficamos deslumbradas com tudo, conhecendo pessoas e então eu adorei de cara a Amora. Ela já teve uma atração física por mim que não foi correspondida e logo foi transformada em amizade e isso já tem uns 20 nos de amizade. Nesse período também conheci a Catarina. Depois, conhecemos a Soraia, aliás, eu a conheci através de uma colega e senti de cara a energia boa dela. Tivemos uma forte ligação e ficamos logo próximas dela ir lá pra minha casa cuidar de mim porque eu estava doente. Nunca tivemos atração sexual uma pela outra, depois ela começou a namorar a Simone, que também foi inserida, e que é uma pessoa maravilhosa. Eu conheci a Joana somente quando comecei meu namoro com a Fabrícia, porque a Joana namorava uma amiga da Fá. É honesta e hoje, namora a Malena, que é nossa amiga bem antes porque na realidade ela é ex-namorada da Rosa e após o fim da relação ficaram muito amigas e quando a conhecemos passamos a gostar também. Joana já teve uns lances com a Cristina. No tempo que eu namorei a Geovana, aliás, no final da nossa relação ela conheceu e se envolveu com a Eduarda. Mas foi quando a Eduarda começou a namorar a Lorena que ficamos mais próximas. Hoje, somos muito amigas. (Dara)

As recordações percorridas esmiúçam os primeiros momentos dos encontros para dar cabo à composição do que chamo aqui de núcleo de amizades estreitas, aquelas que apresentam relações mais próximas e intensas. Não se tem uma reconstituição cronológica, no entanto, os vínculos se deram em contextos distintos, nos quais Dara, Juliana, Geovana, Amora e Catarina estão situadas na década de 1990, por meio dos espaços de sociabilidade, nos quais a sexualidade era uma questão chave, pois, diante do imperativo do segredo, a vivência da homossexualidade ainda se encontrava fora dos espaços públicos, entretanto, podia se vislumbrar e encantar-se com a possibilidade de segurar a mão da namorada, de trocar beijos e abraços, afastando-se, assim, das noções de crime, de pecado ou de doença

(FRY; MACRAE, 1985); ou seja, como contou Dara, ao se referir a esses espaços como a possibilidade de acreditar que poderia dar certo na vida.

A aproximação entre Dara, Amora e Catarina se tornou mais intensa a partir do momento que investiram nas carreiras profissionais, através dos estudos, em oposição, naquele período, à Juliana e à Geovana. Perceberam as suas afinidades convergindo para duas questões centrais, como a ascensão profissional e social e a manutenção dos vínculos familiares. As três concluíram o ensino superior na UFPI. O espaço universitário foi importante para consolidar o ingresso no mundo no trabalho, no primeiro momento para Amora e Cristina e, no segundo, para Dara, por intermédio da sua segunda formação, na UESPI. Por meio dos estudos, singularizavam-se de aspirantes a acadêmicas a profissionais (CARDOSO, 2012). Eis aqui um ponto relevante. Enquanto profissionais, exigiam respeito na esfera familiar e pública. Logo, ser uma profissional destacada se tornou um fator agregador nessa rede de relações.

Dara e Amora partilhavam outro vínculo, considerando-o importante: eram do interior do estado. A dimensão interiorana deu contornos significativos na relação das duas, por acreditarem que, em determinadas situações, as pessoas que vieram do interior teriam mais sensibilidade em compreender. Nas palavras de Dara: “Eu não sei explicar bem, mas têm coisas que só gente do interior sabe, então, eu entendo qualquer coisa que vem da Amora porque são coisas da terra que pessoas da capital até entendem, mas não vivenciaram”. Essa interlocutora associa tais vivências à compreensão da valorização da família, apesar dos conflitos em relação à homossexualidade.

É possível traçar dois momentos distintos. O primeiro é esse vivenciado na década de 1990, marcado pelos primeiros conflitos com a família e, paralelamente, deslocando-se dela, acionando os amigos como uma extensão familiar; o investimento educacional, como campo de possibilidades e respeito através do sucesso profissional. Talvez por isso, nesse primeiro momento, os laços entre Dara, Amora e Catarina, ganharam intensidade. É imperativo ter em mente a ideia de movimento, pois essas relações não são homogêneas e nem monolíticas. Posto isso, acessamos o segundo momento, no início dos anos 2000, período em que se buscava uma consolidação profissional. Entram em cena outras personagens e para entendermos, chamo a atenção para um elemento fundamental: a ambiguidade presente nas relações de amizade, ou seja, uma amiga pode ser uma potencial parceira.

Como dito antes, a ambiguidade em torno da amizade exposta por Meinerz (2011) se faz presente como um elemento constituidor de relações, movimentando as dinâmicas de interação. Geovana, Juliana e Cristina, ex-namoradas de Dara, movimentaram-se em dois

fluxos diferentes. Das três, Geovana se tornou grande amiga; Juliana e Cristina se tornaram colegas no decorrer dos anos, ora distanciando-se ora aproximando-se, de acordo com as situações, no entanto, permanecem inseridas nesse núcleo.

Joana namorava Betânia, uma amiga da Fabrícia, que já namorava Dara. Por volta de 2006, a dupla de casal estreitou as relações de amizade, havendo uma maior afinidade entre Joana, Dara e Fabrícia devido aos valores parecidos, sobretudo aqueles referentes à família. Nesse sentido, Dara acrescenta que a honestidade e o esforço de Joana em se estabelecer profissionalmente na capital, reforçou os vínculos uma vez que Joana também viera do interior. Joana permanecera amiga do casal após findar seu namoro com Betânia. Nos anos seguintes, Joana já estava inserida nos movimentos relacionais. Eis que após o término de um segundo namoro, ela se envolve, curiosamente, com ex-namoradas da Dara, que até então eram suas amigas. Ficara algumas vezes com Geovana, mas ela não precisa os dias, no entanto, acredita que não chegara há um mês.

Situação semelhante vivida com a Juliana, em relação ao tempo, e afirma que em ambas as circunstâncias não ficara apaixonada, considerando essas relações como um “fica”. Já com a Cristina, extrapolou mais de um mês, embora não tenha se configurado como namoro. Mais que um “fica” as duas perceberam que a amizade possuía uma “significância” maior, e resolveram por fim em qualquer tipo de envolvimento que não fosse à amizade.

Malena foi inclusa nessas relações através da sua ex-namorada e amiga, Rosa. Aproximou-se do grupo construído laços afetivos. Em seguida, Malena e Cristina se relacionaram furtivamente deixando. Após esse relacionamento, Amora e Cristina começaram um namoro. Posteriormente, Amora terminou essa relação, alegando que Cristina era uma pessoa egoísta, não “generosa” com as outras pessoas. Nesse momento não aprofundarei a complexidade dessa cena, que será detalhada adiante, pois nesse momento, pretendo enfatizar a ambiguidade das relações amizade-potencial-parceira-amizade. Seguindo essa proposta, deparamo-nos com a relação entre Malena e Joana, que deslizou da amizade para um namoro, intermediado por Soraia, considerada uma “grande” amiga pelo casal.

Em meados de 2005, Dara conheceu a Soraia. Tinham uma colega em comum que as apresentara e, desde então, conservaram uma relação de “verdadeira” amizade, na qual a solidariedade é uma das características que Dara mais aprecia em Soraia. Ambas admitem que desde o início sentiam uma forte afinidade mediada pelos gostos e pelos desejos parecidos. O primeiro está relacionado à música, à decoração, a roupas, a *shows*, a peças teatrais, a filmes e a bebidas. O segundo diz respeito, sobretudo, às viagens. Afirmam que em nenhum momento

sentiram atração sexual uma pela outra, enfatizando com isso, a solidez da amizade. Soraia, nessa direção apresenta a sua namorada, Simone que trona-se amiga das demais.

Eduarda e Lorena foram inseridas através da Geovana, quando essa havia se relacionado, ou, nos termos de Dara, “quando viveu uma paixão” com a primeira. Dessa forma, Lorena, ao namorar Eduarda, insere-a na rede de relações.

Desses envolvimento, alguns assumiram posições de inclusão, por exemplo, a relação de Geovana com Eduarda, aquela incluindo essa. Posteriormente, Eduarda inclui Lorena, atual companheira (oito anos de relação); Catarina inclui a Rosa, sua companheira (doze anos de relação); assim como a Soraia incluiu a sua, ou seja, a Simone (sete anos de relação). Em outros casos, após o fim do namoro, a relação de amizade não se estabeleceu. Carla fora a primeira namorada de Dara, as duas se conheceram ainda adolescentes. Quando findaram a relação amorosa, Carla não manteve os laços de amizade.

Para Dara e Amora, a prática da “dança das cadeiras” é justificada pelo tamanho da cidade: “Teresina é uma cidade pequena e termina que todo mundo fica com todo mundo”. Esse é um dos tipos de explicações para a ocorrência da prática, mas não é o que a justifica, inteiramente. Para Joana, Eduarda, Lorena e Catarina, por exemplo, isso não ocorre devido ao tamanho da cidade e, sim, pelo estilo de mulheres que estão inseridas na rede: “porque geralmente andamos ou estamos perto das mulheres que considero mais interessantes”.

A categoria “interessante” apresenta-se carregada de significados. Não se trata, especificamente, ao atributo físico, apenas. Diz mais respeito ao conjunto de atributos sociais e culturais, portanto, mais articulado ao gosto de classe e ao estilo de vida adotado (BOURDIEU, 1983). Nessa rede, ocorre uma sistemática regulação simbólica das características de seus membros por meio dessa dobra chamada “estilo de vida”, uma vez que ela é a própria fachada do grupo: quanto maior a correspondência que se observa entre o espaço das posições sociais e o espaço dos estilos de vida, maior o prestígio. Nesse sentido, na conjunção dessas duas justificações, dá-se o enlace afetivo com Ana.

Para entender o percurso que levou às constituições desse enlace, trarei mais uma vez a cena a interlocutora Tatiana. Para isso, é preciso explicitar o seguinte: argumentei que a rede etnográfica principal desta pesquisa se deu a partir de eixos relacionais que tinham como ego a interlocutora Dara. Todavia, foi possível conhecer e movimentar por outros eixos, tendo respectivamente como ego Amora e Ana. Relembremo-nos da reflexão sobre o quadro do seriado para compreendermos e acompanharmos essas interações.

Amora, ao iniciar a sua carreira profissional, envolvera-se com Paula, “uma mulher atraente”, “sedutora” e “comprometida” com Tatiana. Nesse contexto, Paula era uma “pessoa

próxima” ao núcleo de amigas de Amora, embora não fosse nem colega e nem amiga, nas palavras de Tatiana. Essa, por sua vez, contou-me o desenrolar da “traição”, colocando-se na posição de uma “pessoa besta”, porque, ao “desconfiar”, ainda permanecera ao lado da Paula, dividindo-se entre a sua vida universitária e o “universo boêmio” da sua namorada, até “aceitar” o fim da relação, uma vez, que Paula e Amora estavam “apaixonadas”.

Paula e Amora tiveram uma relação permeada por muitos conflitos decorrentes da “instabilidade emocional” da Paula. Aliás, segundo Amora, “com a Paula eu não concebi como uma relação porque ela não era uma pessoa generosa”. Amora calcula que esse envolvimento perdurou por seis anos. O que interessa compreender nesse contexto é o percurso de Amora até Tatiana, tendo em vista a aproximação que tiveram posteriormente através de uma amiga em comum e, assim, acertaram as “mágoas” pendentes, dando espaço para as afinidades percebidas, por exemplo, o apreço por leituras de poesias e por Maria Bethânia.

Por meio da aproximação e da afinidade entre Tatiana e Amora, conheci outras duas personagens, Sara e Ana. Explico: Tatiana, sendo amiga da Sara desde a adolescência, conheceu Ana, uma vez que essa era namorada da sua amiga. Amora ressalta que conheceu a Ana em um *happy hour*, no quiosque Caneleiro, na Avenida Raul Lopes, em frente ao *shopping Riverside*, e a partir desse encontro, outros foram programados e as afinidades ligadas à “seriedade” profissional, a uma postura “discreta” e ao gosto musical deram passagem à expressão do afeto, à amizade. Apesar da diferença temporal e das intensidades em relação aos laços afetivos que prenderam a personagem Ana em relação à Dara e à Amora, ambas se encontram na linha dos afetos, que mais uma vez ganham outras intensidades por meio da “dança das cadeiras”. Mas diz muito mais sobre a manutenção de um estilo de vida no qual é necessária a preservação da imagem que fazem de si, por meio de uma “postura discreta”, valorizando-a, também, através do sucesso e da “seriedade” profissional.

No capítulo anterior, ao reconstruir a trajetória da Ana, mencionei sobre a minha aproximação com a Tatiana, situando-a como uma importante interlocutora. É preciso contar um pouco mais sobre a nossa relação. Como dito, eu a conheci no dia da defesa da dissertação da Amora. Dara nos apresentou. Dias após a essa data, Tatiana entrou em contato com a Dara e pediu o número do meu telefone que só foi repassado mediante a minha autorização, uma vez que fui consultada. Antes de encerramos a ligação, Dara comentou que a Tatiana estava interessada para além de amizade. Naquele momento, final de 2010, Tatiana não estava inserida como uma interlocutora do campo de pesquisa e, assim, não identifiquei problema para um possível envolvimento afetivo-sexual.

Depois de alguns encontros, constatamos três coisas: a primeira diz respeito às afinidades relacionadas à literatura; a segunda, o nosso vício pelo café; e, por último, a possibilidade de nos tornarmos amigas, pois a intensidades dos afetos em nossos encontros não produziram movimentos de territorialização na expressão de namoro ou de um fica. Nossos afetos ganharam expressão por meio da amizade. Tatiana foi uma interlocutora importante, a partir da qual eu tive a possibilidade de conhecer e frequentar os circuitos de sociabilidade que eu denominei de universo dos cafés, no qual eu fiquei mais próxima ao casal Ana e Sara.

A partir dessas três interlocutoras compreendi a extensão de outros vínculos afetivos que viriam a flexibilizar outros eixos relacionais, “rachando as coisas”, as “palavras”, “vazando”, “desterritorializando” e, assim, outras experiências ganharam intensidades, tensionando normas e valores que nos permitem pensar a rede por meio da multiplicidade dos corpos, dos desejos, do gênero, deslocando para infinitas posições e singularidades. Acompanharemos agora como é acionado um conjunto de códigos e de valores, ou seja, as moralidades e como elas operam nas micropolíticas relacionais a partir de situações, entre as quais a articulação entre o respeito e o prestígio, a confiança e a fofoca, as práticas eróticas e os campos de possibilidades, e como essas práticas e esses valores são redimensionados.

4.3 Mensageiros velozes

Nos finais das tardes na cidade de Teresina, era nas churrascarias que procurávamos comer caranguejo; nos sítios, íamos para tomar banho de piscina ou optávamos por um café, nos locais refrigerados. Em qualquer uma das escolhas, intensos diálogos narravam histórias ou estórias sobre diversos assuntos. Contudo, no decorrer desses encontros, percebi a repetição de determinadas narrativas, nas quais, eram recorrentes os seguintes tipos de enunciações: “[...] ela é uma pessoa muito fofoqueira e ácida”; “[...] ela é assim porque é frustrada”; “[...] ah! Ela já teve muitas oportunidades e não muda. Só vive falando mal das pessoas”; “[...] rum, até com a Amora ela já fez acontecer”; “[...] ela é engraçada, mas é um tipo de pessoa que ninguém a quer por perto”; “[...] não sei se é medo ou se ela respeita mesmo a Dara”; “[...] a Ana não tem nem paciência”. Outro eixo dizia assim: “[...] eu a respeito porque ela é séria e verdadeira”; “[...] apesar da zanga, ela é uma pessoa respeitável”; “[...] é doidinha, tem umas ideias malucas, mas é a pessoa mais inteligente e do bem”; “[...] sinto protegida perto dela”, para citar algumas.

Vejamos essas enunciações sob dois aspectos: por um lado, temos uma pessoa “fofoqueira”, “ácida”, “frustrada”, “engraçada”, que tem “medo” ou que “respeita” alguém e que faz com que as pessoas não tenham “paciência” com ela. Por outro, são acionados os nomes das personagens Amora, Dara e Ana. Aparentemente, poderíamos considerar como descrições comuns do cotidiano sobre determinadas pessoas, afinal estamos a todo o momento nos comunicando, falando de pessoas ou sobre pessoas. Porém, o que temos nessas enunciações são conflitos e tensões, tanto para quem enuncia, quanto para quem as escuta. Nesse sentido, interessa saber as consequências disso no interior das redes de relações. Para isso observaremos a seguinte cena.

Hoje é o aniversário da Dara. Fui convocada nas primeiras horas do dia para auxiliar a Fabrícia em relação às comidas e às bebidas enquanto a aniversariante estava empenhada na decoração da festa para aproximadamente 80 pessoas. Além dos familiares, que eram em menor proporção, os convidados eram pessoas que ela considera como os mais próximos. Foi na casa da sua irmã que Dara organizou tudo. Uma casa com uma ampla área de convivência. Então, em torno da piscina, as mesas e as cadeiras foram organizadas, deixando a parte coberta ao lado da churrasqueira, em frente à piscina, para montar um pequeno palco. Ficou tudo bonito e agradável, quando combinados com a luminosidade do jardim. A parte interna da casa ficou à disposição dos convidados para o uso dos banheiros, antecedido por uma sala bem iluminada por um lustre e por pequenas luzes que incidam sobre os quadros expostos na parede, de modo que ali se tornou uma parada quase obrigatória. Logo, era perceptível que algumas pessoas escolheram permanecer na sala, um local mais tranquilo, no qual as conversas tinham um foco nos detalhes dos quadros, na arquitetura da casa, associando aos modelos arquitetônicos modernos.

Já no jardim, o som tocava mais alto, as pessoas circulavam entre uma mesa e outra para cumprimentar algumas pessoas ou paravam na parte central, entre a piscina e as mesas e continuam os diálogos. Em uma mesa, localizada em frente à piscina que dava ampla visão do jardim e perto da entrada que dava acesso à parte interna da casa, encontrava-se as pessoas com as quais eu havia saído e já havia estabelecido um pouco de intimidade como a Amora, Joana, Simone, Soraia, Rosa acompanhadas por outras pessoas que eu conhecia. Resolvi ficar e sentar nessa mesa, ao lado das pessoas conhecidas.

Tudo transcorria tranquilamente, tomávamos os *drinks* com vodka, eu, por curiosidade, porque prefiro cerveja, mas de tanto escutar que tais vodkas eram boas com sabores específicos, por isso, resolvi experimentar. A companhia da Rosa sempre era garantia de boas risadas, é uma pessoa bem divertida, além disso, compartilhávamos a preferência por cerveja. Acertamos o abandono dos drinks e fomos verificar quais das cervejas estavam mais geladas. Dispensamos o serviço do garçom e, ao chegarmos aos *freezers*, Rosa comentou sobre um mal-estar devido a mais um desentendimento promovido por Juliana.

Rosa me interpelou com o comentário: “Você não ficou sabendo da fofoca que a Juliana está fazendo, falando mal da Amora?”. Quando eu respondi que não estava sabendo disso, ela continuou o nosso diálogo,

argumentando sobre o quão a Juliana era “fofoqueira” e “maliciosa”, porque termina “depreciando a imagem da amiga presumindo que a mesma fosse corna”. Fabrícia, que havia parado um instante ao nosso lado, uma vez que estava dando atenção aos convidados, ao escutar o teor da conversa, mostrou-se irritada com a situação chamando atenção que aquele dia era de festa e não para falarmos em assuntos desagradáveis. Contudo, antes de sair da mesa, ela se reportou na minha direção e disse: “As fofocas da Juliana, você não conhece, mas aqui já sabemos que ela faz fofoca com maldade, para ferir. Ela não sabe o que é amizade e fica se intrometendo na vida das outras pessoas, ela é fuxiqueira, a que causa problema”. A cantora responsável pela animação da festa começou a cantar e, assim, a tensão em torno desse assunto foi dissipada. (Diário de campo, fevereiro de 2012).

No contexto descrito, a categoria “fuxiqueira” é acionada para se referir a uma pessoa que deprecia a imagem de outra pessoa, que é maldosa, ferina, que causa problemas e não compreende o sentido da amizade, embora tenha respeito por alguém. Reflito nessas enunciações como narrativas de rumores, a partir de Wilson Trajano Filho (2000). Esse autor, em seu texto, *Outros rumores de identidade na Guiné-Bissau*, explica que desde as suas primeiras visitas a Guiné Bissau chamava a sua atenção certo tipo de estórias, por causa do impacto provocado por onde circulavam, pela velocidade com que são disseminadas e pelas consequências resultantes do próprio ato de contá-las.

Segundo o antropólogo, essas estórias são parte de um complexo sistema de comunicação oral cujo conteúdo, alcance e potencial de repercussão têm grande variabilidade. Constituem esse tipo de narrativa:

[...] estorietas várias sobre o comportamento de dirigentes estatais, manobras freqüentemente ilícitas de grandes empresários, relações erótico-afetivas de notáveis, atos extremos de violência que rompem com a marcha rotineira da vida cotidiana e especulações diversas sobre doenças, infortúnios e acidentes. Às vezes estas estórias circulam exclusivamente no interior de um grupo. Outras vezes elas borram as fronteiras grupais, se espalhando por um certo número deles. E em ocasiões excepcionais elas são disseminadas difusamente por todos os cantos da sociedade. Algumas narrativas são ouvidas com descaso e em pouco tempo deixam de ser veiculadas. Um pequeno número provoca um verdadeiro rebuliço nas atitudes e sentimentos dos ouvintes, permanecendo em circulação por longos períodos. A maioria, porém, tem uma repercussão mediana, entrando e saindo do circuito de transmissão até que, em razão de sua constituição interna, morrem definitivamente ou readquirem carga significativa com o aporte de novos sentidos. (TRAJANO FILHO, 2000, p. 2).

Dessa forma, para esse autor, o rumor seria esse tipo de narrativa que no seu trabalho específico ele denominou de “narrativas da nação”, para tratar de estórias que tematizam “implicitamente” o que seria pertencer à sociedade crioula da Guiné em sua pretensão de ser nacional, dando expressão às tensões e às contradições básicas dessa sociedade. Acrescenta

um alto grau de eficiência, inculcam nas pessoas envolvidas em sua transmissão os valores e as representações fundamentais da cultura crioula desenvolvida nos centros urbanos do país e criam, na própria dinâmica de fazê-las circular, a unidade de identificação que é a nação.

Nesse sentido, partimos não de um julgamento e nem mesmo nos interessa pensar sobre a veracidade da fofoca ou constatar se a pessoa é maldosa, ferina e que causa problemas e, sim, observarmos a circulação da narrativa que causa um “rebuliço nas atitudes e sentimentos dos ouvintes”, porque podem ou não circularem fora daquele contexto, borrando as fronteiras do grupo.

Isto é, se os rumores fornecem, assim como afirma Trajano Filho (2000), àqueles que as contam e as ouvem os meios simbólicos para forjar uma unidade de identificação coletiva, realizando uma demarcação e uma manutenção de fronteiras simbólicas que, por sua vez, criam uma “arena de sociabilidade” onde são representados “encontros e desencontros” e onde é “construído e manipulado” um vasto conjunto de expectativas e de autorrepresentações, logo, as narrativas sobre Juliana, para quem as contam, dizem sobre os impactos negativos que podem atentar contra a reputação das pessoas envolvidas e, mediante a circulação para além das fronteiras, pode atingir a reputação coletiva, ou seja, as imagens que fazem de si e as suas expectativas.

Esses rumores circulam rapidamente, são mensageiros velozes e provocam internamente um senso de ofensa muito mais pelos sentimentos evocados do que o resultado da ação. Por exemplo, a categoria “cornã”, acionada para se referir à suposta traição sofrida por Amora, provoca a intenção de “ferir”, “magoar” Amora, uma pessoa tida em suas relações como “generosa”, “respeitada” em distintas arenas de sociabilidade por meio da ascensão profissional e por representar simbolicamente em suas redes de relações um prestígio, entendido aqui na perspectiva de Simmel (1983):

O prestígio carece do elemento de importância subjetiva; carece da identificação da personalidade com um poder ou norma subjetivos. A liderança por meio de prestígio é inteiramente determinada pela força do indivíduo. Essa força individual permanece sempre consciente de si mesma. Além do mais, enquanto o tipo médio de lideranças sempre mostra uma certa mistura de fatores pessoais e de fatores objetivos suplementares, a liderança por meio do prestígio origina-se na pura personalidade, assim como a autoridade, se origina da objetividade das forças e as normas. A superioridade por meio do prestígio consiste na habilidade de arrastar indivíduos e massas e fazer deles seguidores incondicionais [...] apesar disso, porém, o prestígio aparece como a mais espontânea homenagem à pessoa superior [...] o prestígio sempre contém uma consciência de espontaneidade. (SIMMEL, 1983, p. 110).

Nesse sentido, não se trata de uma liderança ou mesmo de uma superioridade em detrimento das demais relações, mas da espontaneidade dos vínculos conferidos a uma pessoa generosa, contrastando com uma pessoa ferina. O senso de ofensa trata, também, sobre a indiscrição, a violação de um segredo ao contar ou espalhar sobre a suposta traição, violando os segredos íntimos e os tornando públicos. Rememoremo-nos das enunciações da Fabrícia, quando essa chama a minha atenção: “As fofocas da Juliana, você não conhece, mas aqui já sabemos que ela faz fofoca com maldade, para ferir. Ela não sabe o que é amizade”.

A força evocativa dessa última expressão, na qual a interlocutora frisa que a Juliana não sabe o que é amizade pode estar relacionada à obrigatoriedade da renovação dos votos de confiança através da demonstração da lealdade e da fidelidade. Anteriormente, argumentei que o amigo, enquanto ser confessional, é alguém em quem confiamos. Nesse sentido, a obrigatoriedade da renovação dos votos de confiança se dá através da demonstração da lealdade e da fidelidade.

Dessa forma, a não renovação desses votos pode qualificar uma pessoa como alguém que sabe o que é amizade. Nesse contexto, o ato de falar metaforicamente pode ser entendido como o ato de escrever, que é oposto à natureza de todo segredo (SIMMEL, 1908). Assim, parece-me que essas narrativas opõem um “nós”, pessoas confiáveis, bem-sucedidas e reconhecidas profissionalmente que mantêm um *status* conservado por meio da discrição e que ordenam as relações a um “outro”, que desestabiliza a partir da fofoca e que não mantém a obrigatoriedade da fidelidade e da lealdade, tornando públicas as intimidades conferidas a um segredo e também porque desperdiçara as oportunidades de “crescer na vida”, que não é “generosa” nem “consigo” e nem com as demais amigas.

Por contraste, categorias, como “verdadeiras”, “do bem” e “respeitável” foram acionadas especificamente para se referirem a Dara, Amora e Ana, representando simbolicamente, assim como a Amora, relações de prestígio. Esse tipo de relação está ligada às afetividades que enlaçam a generosidade, o respeito relacionado ao verdadeiro, o respeito relacionado às conquistas, a proteção.

Às vezes, não compreendia porque tantas partículas soltas de afeto (ROLNIK, 2007) ganhavam expressão através dessas três interlocutoras. Ficava muito desconfiada das minhas observações e das escutas, e temia o engessamento dessas questões ao realizar as entrevistas. No entanto, aquelas relações estavam se movimentando em redes de trocas simbólicas, nas quais a reciprocidade orientava as relações, inclusive a minha relação com aquelas mulheres.

Certa vez, em um barzinho, em uma das inúmeras conservas não intencionais³² ousei perguntar a Rosa em tom jocoso, se era minha impressão uma valorização diferenciada em relação à Dara, Amora e Ana. Rosa mudou o semblante, parecia revisitar as lembranças e depois de alguns minutos em silêncio formulou a seguinte resposta: “é só você olhar para você mesma e perceber o cuidado que as três têm com você e o quanto elas torcem e fazem de tudo, te dão conselho, porque você quer estudar e é menina boa. É do mesmo jeito que elas são com as outras pessoas da turma”. Recebi essa resposta de maneira reflexiva, atentando aos sentidos das minhas experiências em relação àquelas interlocutoras. Não poderia deixar de problematizar essa resposta. Antes disso, devo dizer que a mesma pergunta foi feita a Simone, Tatiana, Joana, Catarina. Vamos escutá-las:

Tem a ver com cuidado e incentivo. Quando eu as conheci, digo mais em relação à Dara e à Amora, tinha aquela tensão de quando estamos entrando nos vinte, com medo das coisas não darem certo, das implicâncias da família porque da homossexualidade [...] aí, nesse momento você conhece essas duas que só incentivam e fazem crer que tudo vai dar certo, até porque, apesar do que passaram, hoje estão aí superbem. (Simone).

É uma equação simples: as pessoas têm as suas referências e quando somos homossexuais passamos por alguns conflitos adicionais, mas nem todos são assim. Então, você topa com todo tipo de pessoas, aquelas que não acrescentam e outras que te colocam pra cima. A Ana é exemplo disso. Discordamos de muitas coisas, somos até bem diferentes, mas rola muito cuidado e confiança. (Tatiana).

Tenho percebido ultimamente como é difícil falarmos sobre quem amamos. Tenho muito amor por elas, são pessoas honestas. Talvez o que mais tenha admiração é a relação que elas têm com a família. Também sou assim. (Joana).

Estabelecer laços de confiança é um negócio delicado e complicado. Às vezes, desabafamos sobre um assunto, como uma briga de casal, e no outro dia isso se torna o assunto dia na rádio fofoca. Poxa, são nossos sentimentos em jogo. A Ana é uma pessoa incrível, a conheci em outros ciclos, até em umas viagens a trabalho. É supercompetente, discreta, quer dizer, não fica expondo a vida íntima dela. A Dara e a Amora são amores antigos, tu sabes, né? (Catarina).

Apreendo, através dessas falas e da reflexão mediante a resposta da Rosa, movimentos de trocas simbólicas dos afetos que articulam o “dar” – amizade, cuidado, conselho, incentivo profissional; “receber” – consideração, renovação dos votos de lealdade e fidelidade, ascensão profissional das amigas; e “retribuir” – a manutenção das relações afetivas e conflitivas. Em

³² Utilizo essa expressão para me referir às conversas ocorridas ocasionais nas quais a fronteira entre a pesquisadora e as suas interlocutoras era borrada.

contrapartida, no momento da realização da entrevista formal³³ realizada com Amora, eu perguntei sobre o seu posicionamento diante dessas relações, ou melhor, fiz as seguintes perguntas: o quê, ou quais laços amalgamam essas relações? Em todo grupo existem inclusão e exclusão. Como você observa isso nessa rede de relações? Vejamos a resposta:

As pessoas, independentemente, podem ser no trabalho, no convívio social, laboral, na sua família, você escolhe estar perto de pessoas que não lhes cause desconforto, e aí é uma coisa que parece até natural quando você pega o telefone para ligar para alguém você nem consegue, nem vislumbra, não entra nem no espaço de vislumbramento chamar alguém que vai lhe causar desconforto. Aí, você pode dizer que no caso da Juliana, ela já pertenceu a esse grupo, por exemplo, aí, nesse caso, há esse vislumbre porque ela já pertenceu, ela tem o espaço dela, nem que seja o espaço da negação, pra resistência. A Juliana nunca deixou de existir, talvez ela exista mais que do que a gente possa imaginar. Quando a gente nega Juliana, ela permanece existindo, alimentamos a existência dela no grupo. Ela nunca foi excluída do grupo, ela só foi excluída fisicamente porque ela não é convidada, mas ela existe. E as opiniões dela, o que ela pensa, diz, o que ela faz, tem implicações, tem reflexos, resplandece demais principalmente sobre determinadas pessoas desse grupo. Por quê? Porque a Juliana tem os sintomas dela e a gente já conhece a vida inteira [...] é assim, nós precisamos do outro, nem que seja a história lá do Robson Crusóe que criou o outro porque a gente precisa. Quando você compreende que o outro não tem deveres perante a você, as suas dores, os seus sintomas eles têm que ser superados por você. É até uma questão de identidade. A Juliana nunca deixou de existir. Se, ela fosse uma pessoa que ainda hoje fosse convidada, ela não existiria mais do que existe sendo convidada, porque o espaço de negação é um espaço enorme pra você negar, por não querer, por você não desejar, você tem que justificar para os outros, para você. Você tem que compreender o porquê, tudo isso, voltando as questões do verbo, são muitos verbos, justificar, compreender, respeitar. Com a Juliana, uma manutenção do afastamento, para garantir o afastamento. Você não tem noção da importância da Juliana. Pra gente é importante inclusive pra se conhecer, uma pessoa como ela é muito importante pra gente saber exatamente o que a gente não quer ser, não quer fazer. A Juliana é muito importante para a humanidade. Então, ela é importantíssima e o que eu falei é conceitual até e na verdade tem a perspectiva abjeta da coisa que eu não acho que seja não só adequada como, principalmente, não é justa, nem é sincera, nem é honesta. A Juliana ainda que seja nesse espaço de resistência, de negação, ela conquistou um espaço de negação, imagina uma conquista dessa, é um ícone. Se você for observar em qualquer lugar que você chega, todo mundo conhece a Juliana e ela representa alguma coisa para alguém ainda que seja nos espaços.

As mesmas perguntas foram feitas a Dara. Em suas palavras:

Sempre estamos formando grupos, seja na faculdade, no trabalho, no meio da rua, sempre estamos formando grupos, mas aí vem a pergunta: por que andamos juntas? Como foi que passamos a formar esse grupo? Eu acredito que a primeira coisa que nos

³³ Com a utilização do gravador.

uniu foram os valores. A principal característica para uma pessoa ser aceita, sem dúvida, são os valores, gosto de gente decente, que é honesta, que tem cuidado com o outro, que tenham valores de berço, pai, mãe, que você percebe na pessoa os valores pelas coisas que ela fala, isso para mim é extremamente importante. Se você me perguntar sobre qual tipo de gente eu não quero ter por perto é a ... [a interlocutora prefere não mencionar o nome da pessoa], é uma pessoa que não consegue fazer ninguém que está ao lado dela feliz, todas as pessoas que conviveram com ela foram infelizes, inclusive as amizades. Ela machuca muito, foi assim com a família dela, com a mãe, os irmãos... Então, uma pessoa que não consegue escutar a própria mãe, nem os irmãos, vai escutar quem? Esses valores que eu tanto falo que tem na família dela e que ela não quis. O tipo de vida que ela gosta de levar, o tipo de programa, o tipo de conversa dela, nada me atrai. Ela é uma pessoa superenvolvente, mas tem um poder de estragar os sentimentos da pessoa, ela não sabe cuidar das pessoas e esse tipo de gente eu não quero perto de mim. Por exemplo, se ela sai, a maior diversão dela é sentar e começar a falar de alguém, ela acha que ela é o centro, a mais bonita, gostosa, ela já foi, mas passou, a pessoa tem que saber conviver com o tempo e ela não aprendeu.

Ana, por sua vez, foi bem sucinta. Primeiro alegou que as relações são complexas, principalmente porque é difícil “aceitarmos” as diferenças. Para ela, a amizade significa “o bem-estar. Quando você se sente bem em estar na presença daquela pessoa, se você se sente bem, está tendo qualidade”. Acrescenta que todo e qualquer tipo de relação é um “consenso”.

Portanto, os mensageiros velozes nos dizem sobre redes de trocas simbólicas, sobre práticas e valores que parecem falar de uma espécie de encenação “ritualizada” de poder e de controle moral, de uma negociação da imagem que fazem de si, a partir da qual a respeitabilidade, o reconhecimento na conquista do bom emprego, nos estudos bem-sucedidos, ter uma boa reputação no meio social, manter-se discreta e sustentar as boas relações de amizade, constituem uma forma moral particular (GONTIJO; REIS, 2014). Por outro lado, a imagem de uma pessoa fofoqueira nos diz sobre os códigos de honra que, sendo códigos sociais, regulam as interações coletivas e, também, sobre o sentimento individual, orgulho pessoal, ou seja, o esforço de enobrecer a própria imagem, segundo as normas estabelecidas (FONSECA, 2004).

4.4 Os Afetos Girando

A partir das interações descritas, é possível percebermos nas cenas elementos rituais usados na busca de uma espécie de aprovação social. Refiro-me à “fachada que sustenta um indivíduo”, que é conceituada como “[...] o valor positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si” (GOFFMAN, 2011, p. 13). Mas toda fachada, como todo simulacro, precisa ser mantida incólume: é necessário manter o controle expressivo do próprio corpo, das emoções e das coisas, para que tudo pareça expressar coerência com a sua fachada. Esse

controle exaustivo e sistemático dos mínimos detalhes dessa fachada social – “centro de sua segurança e prazer” – torna-se necessário porque, por mais que ela pareça estável e segura, “[...] é apenas um empréstimo da sociedade e ela será retirada a não ser que a pessoa se comporte de forma digna” (GOFFMAN, 2011, p.18). Todo esse investimento tem um custo: faz do homem seu próprio carcereiro. E “[...] esta é uma coerção social fundamental, ainda que os homens possam gostar de suas celas” (GOFFMAN, 2011, p. 18). Todavia, não esqueçamos que estamos em movimento, ora tais fachadas são territorializadas, ora desterritorializadas. Acompanharemos agora uma situação em um espaço de sociabilidade.

4.5 Entre portões

O Jardim das Tulipas é um restaurante localizado entre condomínios e casas. A entrada é simples, marcada por um extenso portão automático. Lembra a entrada de uma garagem. Uma placa pequena e um muro pintado com a logo do restaurante compõem a fachada principal. Internamente é amplo: ao entrarmos, nos deparamos, de um lado, com as mesas de sinuca (duas), um pequeno balcão de mármore que serve de apoio para os copos e garrafas para quem se dispõe a jogar. Por trás dessas mesas, fica o escritório, parte administrativa do restaurante, com acesso restrito. Do outro lado, encontramos os banheiros e em seguida o balcão principal que dá acesso à cozinha e aos os *freezers* de bebidas.

As mesas são distribuídas em toda a extensão do restaurante. Encontramos, ainda, um telão fixado em uma parede recuada por trás das mesas de sinuca no qual geralmente são exibidos *clips* musicais. O portão, por uma questão de segurança, é fechado às 22 horas, uma vez, que a rua não tem muito movimento, nem transito de pessoas ou de transporte público. Não é um lugar considerado por suas donas como um GLS, embora a freguesia seja distinta, existe uma preponderância de *gays* e *lésbicas*.

Era uma quarta-feira à noite, quando Tatiana chamou para irmos ao Jardim das Tulipas para tomarmos uma cerveja e encontrarmos, além da Ana e Sara, outras pessoas que ela havia conhecido por meio de um aplicativo de celular chamado Brenda. Ao chegarmos, deparamo-nos com uma comemoração de aniversário de uma mulher, amiga da dona do restaurante, resolvemos escolher uma mesa perto dos banheiros, ao lado das sinucas, mas com visão privilegiada para o telão.

Enquanto esperávamos pelas demais convidadas da Tatiana, assistíamos à comemoração na mesa da aniversariante. Era uma mesa grande, talvez tivessem ali 13 mulheres. Dessas, eu conhecia um casal amigo da Dara. Nossa mesa estava bem movimentava

porque Carlinhos, um amigo da Tatiana, que estava na comemoração da aniversariante, sentou-se por algum tempo conosco e, por meio da sua presença, outras pessoas que estavam tanto na mesa da aniversariante quanto nas outras mesas passavam e falavam sobre determinados assuntos com ele, sobretudo dois assuntos se destacaram.

O primeiro, a escolha do som acompanhado da exibição de um *clip*, geralmente de alguma cantora de MPB ou cantoras internacionais, no estilo pop. O segundo, dizia sobre a “arrumação” de uma pessoa para outra se relacionar. Trata-se de um tipo de mensageiro ou mediador que leva e traz uma mensagem do tipo “O fulano quer sair com você. E aí? Topa?”, “A pessoa tal está a fim de ficar com você”. A junção desses dois fatores contribuiu para um fluxo constante de pessoas em nossa mesa.

Por volta de uma hora transcorrida, Ana e Sara chegaram e Carlinhos as recebera com euforia, ressaltando que estava com saudade das duas. Nesse contexto, antes das 22 horas, não observei trocas de beijos entre os casais, nem de maiores carícias, como as mãos entrelaçadas, ou as mãos sobre as pernas. Mas havia, principalmente em torno das sinucas, uma economia da sedução acompanhada de flertes por meio dos olhares e do corpo.

As duas mesas de sinuca são posicionadas uma ao lado da outra. Em seu entorno tem-se poucas mesas e um balcão de mármore que serve como um apoio para as garrafas de cervejas e os copos, ou até mesmo como um local para quem vai jogar deixar os telefones, carteiras, bolsas. Por outro lado, serve, também, como um local estratégico para um jogo de sedução a partir da disposição das pessoas, sejam em pé ou sentadas em bancos de madeiras com a base redonda, deixando a pessoa à altura do balcão de mármore.

O jogo de sedução se dá a partir do momento em que uma mensagem é recebida (por meio do mensageiro) e a emissora acompanha com o olhar o recebimento, esperando como resposta da receptora uma confirmação com olhar. Se esses se cruzam e articulam a troca de olhares com algum sorriso ou um aceno com a cabeça que indique uma confirmação, emissora e receptora seguem para a mesa da sinuca acompanhadas pelo mediador que faz o ritual de apresentação. Ou, se existe um conhecimento prévio entre as pessoas, o mediador não se faz necessário. No caso daquela noite, Tatiana havia marcado um encontro com uma moça que ela havia entrado em contato por meio do aplicativo Brenda. Dessa forma, a mediação ocorreu via internet, mas o erotismo e a sedução ganhavam intensidade por meio dos olhares e da performance corporal.

Na escolha dos tacos, as trocas verbais se estabelecem, iniciando uma comunicação sobre a esperteza em relação ao jogo. Dizer que se sabe jogar é tentar mostrar uma sedução por meio da noção de experiência. Em contrapartida, ao escutar essa enunciação e tomá-la

como noção de experiência promove mudanças performáticas em relação ao posicionamento, isto é, quem a escuta responde com incitações sobre quais seriam as melhores formas para conseguir encaixar uma bola.

Ao ensinar a outra, parece haver um coquetismo com uma manifestação aparentemente banal do olhar e dos movimentos do corpo, chamando a atenção uma da outra ao colocar o corpo disposto sobre a mesa, deixando entrever, às vezes, sem reservas a marca do bronzeado ou uma alça do sutiã que podem ser vistas como um movimento erótico, mas não existe uma explicitação das intenções. Em momentos seguintes, assistimos às esquivanças, ou seja, ao mesmo tempo em que existe a insinuação existe a recusa simbólica, retirando corpo, mas despertando o desejo através da “[...] alternância ou a concomitância de atenções ou ausências de atenções, sugerindo simbolicamente ao mesmo tempo o dizer-sim e o dizer-não” (SIMMEL, 1993, p. 95).

Só me foi possível compreender essa situação quando fui chamada para uma partida de sinuca. O convite veio por intermédio do Carlinhos, deixando entrever a intenção de uma possível paquera. Ao receber e aceitar jogar uma partida relembra das minhas primeiras idas a campo, aquela da Parada da Diversidade, na qual, ainda não sabia que o corpo poderia ser um instrumento da pesquisa, ou seja, colocar o corpo no espaço onde ele se constrói (LACOMBE, 2009). Ao colocar-me em uma situação de paquera, era compreender as palavras de Dona Haraway (1995, 2000) sobre a posição do pesquisador em campo enquanto um saber localizado, logo não é uma posição inocente.

Antes do término da partida que eu estava jogando, Carlinhos interrompeu nos avisando que o portão iria fechar porque já se passava das 22 horas e temiam algum assalto na parte interna, embora fosse comum assaltar os carros estacionados na porta, a exemplo do carro da Ana. Após esse aviso, ele acrescentou “agora começa o efeito Shakira”. Não pude imaginar do que se tratava, mas não demorei a entender.

Não posso afirmar que a escolha do DVD da Shakira esteja relacionada com o horário do fechamento do portão, mas posso dizer a partir da minha observação que o “efeito Shakira” se trata de uma situação extraordinária, na qual, a discrição, a reputação e a manutenção do segredo não estavam em primeiro plano, pois os corpos, agenciados pelas músicas e pelas performances sensuais da cantora, movimentavam-se em frente ao telão, os beijos e os abraços tornaram-se públicos.

Na área da sinuca, o coquetismo deu lugar à “pegação”, ou seja, sem maiores reservas, as mulheres que ali estavam encostaram-se próximas ao balcão de mármore, envolvendo-se

entre beijos e amassos³⁴, deixando entrever, por exemplo, o deslizamento da mão ora sobre os seios ou na direção das pernas. Talvez, pelo universo lascivo ora apresentado ou pelos goles das bebidas alcoólicas, um dos casais, após protagonizar várias cenas eróticas subiu na sinuca arrancando gritos das pessoas, risos e frases como; “elas estão altas”; “isso aí, deixa... casal massa”; “eita, será que vão é tirar a roupa?”. Criava-se uma cena erótica, a qual envolviam os casais e as demais pessoas.

Estava diante de uma cena dramatizada pelo “efeito Shakira”, observei, nesse contexto, preocupação menor em relação à manutenção do segredo. É importante afastarmos, em relação ao espaço, a ideia de gueto *gay*. Essa cena parece-nos falar de situações extraordinárias, as quais, como diz Agier (2005), podem ser acidentais, raras ou simplesmente imprevistas. Dessa forma, acionam códigos e ligações na relação indivíduo/sociedade sem que o espaço desempenhe um papel estável. A relação de um acontecimento imprevisto com o espaço é fortuita, ou ao menos não é fixa. Essas situações nos dizem sobre a apreensão de fenômenos fluidos, incertos, inacabados, extraordinários (AGIER, 2005).

Nesse contexto de sedução, eu não estive passiva ou isenta de ser um objeto de desejo. Nesse dia, por exemplo, após uma partida inacabada de sinuca conversei, sobretudo, com as pessoas que me foram apresentadas por Tatiana, porque eu tinha interesse em saber sobre essa comunicação via aplicativo Brenda e, por conseguinte, uma dessas pessoas, perguntara se eu estava “ficando” com alguma mulher da mesa na qual eu estava. Respondi que não, que eu tinha uma namorada e que eu estava ali não apenas por diversão. Expliquei um pouco sobre a minha pesquisa e argumentei sobre o meu interesse em saber um pouco mais do aplicativo. A minha resposta não pareceu convincente, o que levou a determinada pessoa pensar “acho que você é daquelas que come calada”.

O limiar do fazer etnográfico em contexto de sedução nos faz refletir sobre os “equivocos dos sinais”, conforme nos diz Lacombe (2009). A antropóloga, a partir da sua experiência etnográfica em espaço de sedução lésbica, chama a atenção para a relação dos modos como o pesquisador tem de estabelecer um relacionamento no trabalho de campo. No caso dela, semelhante à minha experiência citada, criar uma conexão que não fosse interpretada como uma atitude de flerte da parte dela constitui-se um empecilho metodológico, tendo em vista que explicar a sua posição como pesquisadora diante de uma investida direta, causava desconfiança. No entanto, estar em campo, como diz antropóloga “estrangeira”, é fazer parte da construção do campo, referindo-se à construção de universos de sentido.

³⁴ Estou me referindo as pessoas que estavam tendo carícias mais intensas

Assim, em meio à desconfiança em relação a minha posição também de pesquisadora, fui surpreendida por Tatiana, com a seguinte fala: “Essa menina com quem você está conversando é gata, né? Preciso contar uma coisa porque pode ser até interessante pra você pesquisar. Ela é uma menina brigadeiro”. Fui tomada por uma sensação de curiosidade, afinal o que seria uma mulher brigadeiro?

Essa categoria êmica ajudou a pensar, por um lado, sobre sistemas de classificações e hierarquias que dizem sobre a preferência por um gosto, estilo de feminilidade e por parceiras afetivas e sexuais; e por outro lado, tentar compreender os sentidos dados a outros afetos, como amor, e se a partir dele havia o desejo de oficializar uma união civil. Para compreender tais questões, vamos analisar as últimas cenas deste trabalho.

4.6 Brigadeiros com boas doses de café

Havia na Livraria Estrela um pequeno café, chamado Café Luz. Na parte externa, como se fosse uma varanda, ocorriam os saraus. Era esse Café, que costumávamos frequentar em dias alternados, tanto nos dias dos saraus, como nos dias em que não havia uma programação mais elaborada. Íamos pelo café, pelos livros e para conversas mais reservadas.

Após aquela saída ao Jardim das Tulipas, marquei com a Tatiana de tomarmos um café com a intenção de saber um pouco mais sobre as “meninas brigadeiro”. Ela, em tom de confiança, falou que se tratavam das meninas que geralmente se conheciam por meio do aplicativo Brenda ou nas festas GLS: “nós transamos sem maiores compromissos” e “geralmente são essas meninas mais novas que são fofas que dá vontade de degustar, de transar, de tão fofas que são”. Curiosamente, fiquei sabendo que havia conversado com uma “menina brigadeiro” na festa no Jardim, embora não tivesse a menor noção.

Duas coisas me passaram pela cabeça. Na primeira, questionei-me se as relações estabelecidas entre uma “menina brigadeiro” e uma mulher não brigadeiro não poderiam ser relações de prostituição; na segunda, indaguei: como se estabeleciam as parceiras afetivo-sexuais? Compartilhei com a Tatiana esses questionamentos e ela disse que, pelo menos em relação às experiências que já tivera, não se tratava de prostituição e, sim, de “um sexo casual”.

Trata-se de um tipo de parceria casual, na qual a intenção primeira é o sexo. Segundo Tatiana, os diálogos se dão pelo aplicativo e a escolha das meninas acontece por meio da combinação entre a distância indicada em quilômetros ou em metros, somando a isso o perfil

delas. As saídas geralmente são para barzinhos e depois se “rolar” para o “motel”, nas palavras de Tatiana.

Contudo, essa interlocutora chamou a minha atenção, dizendo-me que “as meninas brigadeiro” escolhem também, avaliando os critérios simbólicos, como: se a pessoa tem ou não carro, em que bairro mora, perguntam sobre a profissão ou o estudo. Tatiana associa tais fatores às seguintes questões: “são meninas novinhas que estão começando vida. Andam sempre bem arrumadas, algumas com estilo *boy*, mas não masculinizadas e outras totalmente femininas e querem ter como sair”.

Dessa forma, “as meninas brigadeiro” escolhem pessoas que tenham condições de bancar uma saída, conforme Tatiana revela. Para finalizar esse assunto, a interlocutora deixou escapar que alguns casais das redes de relações também saíam com essas meninas e mantinham relações sexuais com elas.

Entre um gole e outro do meu café, sempre forte, questionava-me outra vez: se a discrição preservada por uma fachada (GOFFMAN, 2011) e a manutenção dos segredos íntimos são valores e práticas que ordenam as relações, então, a exposição desse tipo de relação íntima não seria quebra das normas? O que me levou a esse questionamento foi a informação da Tatiana, de que não era um segredo, até mesmo porque ela dizia: “essas meninas fofocam, temos que saber lidar com essa juventude. Elas até disputam... sei disso, porque elas contam”. Podemos também perceber diante disso o contraste geracional.

Continuamos a tomar nosso café e a conversa em tons confessionais chegava ao fim. Antes de sairmos do Café, é necessário conhecermos algumas interações. A sociabilidade nos cafés das livrarias tinham distintas configurações de frequência: íamos para conversar sobre alguns assuntos de trabalho ou quando se tinha um assunto mais delicado e íntimo, por exemplo, do tipo que eu e Tatiana estávamos tendo. Porém, quando se observa alguém considerado interessante - mulheres femininas, esteticamente magras, de aparência financeira estável - ocorria uma paquera indireta, marcada, sobretudo, pela sedução e pela erotização do olhar, com a intenção de que a pessoa olhada perceba esse código.

A sedução nos cafés é interessante porque nos mostra outras formas de erotização de outras partes do corpo:

Esse olhar, fisiologicamente, não pode durar mais de alguns segundos, de sorte, voltando-se para, ele já prefigura, como inevitável, o movimento de se esquivar. Ele tem a atração do segredo, do furtado, que não pode ter duração, onde, por conseguinte, o sim e o não estão intimamente mesclados. O olhar francamente de frente, por mais intenso e insistente que seja nunca possui precisamente esse traço específico do coquetismo. (SIMMEL, 1993, p.96).

O olhar nos cafés sugere o segredo, pois nem sempre existe uma correspondência direta e, quando a pessoa a quem se olha percebe tanto se esquivava quanto é surpreendida pela esquivança de quem a olha. Não se lança um olhar prolongado de forma a intimidar. O olhar é furtivo entre um gole e outro de café, erotizando também as mãos quando essas acariciam os cabelos. Essas técnicas corporais (MAUSS,2004) deixam entrever os corpos pavoneando (FOUCAULT, 1988), sinalizando um convite para uma possível aproximação.

A aproximação acontece de diferentes formas. As pessoas envolvidas nesse tipo de cena podem, por exemplo, estar localizadas em posições distintas no espaço, tendo em vista que o Café em questão se localiza no interior de uma livraria. Dessa forma, enquanto uma pessoa está sentada nas mesas, a outra pode se encontrar ao redor das prateleiras dos livros. Nesse posicionamento, pode haver um entrecruzamento dos olhares e, se forem recíprocos, pode ocorrer a aproximação por meio da escolha de uma mesa próxima à pessoa com a qual se troca os olhares, ou a pessoa que está sentada pode se levantar e procurar uma aproximação, direcionando-se às prateleiras dos livros.

Nem sempre existe uma troca verbal no primeiro contato. Contudo, o mesmo casal que, porventura, envolvera-se nesse tipo de sedução, pode se reencontrar a partir de dois movimentos. Nesse jogo de sedução, não é apenas o possível casal que participa, isto é, os funcionários, além de perceberem o contexto, também se envolvem como mediadores. Geralmente, quando se tem um interesse por alguém naquele contexto, as pessoas interessadas perguntam aos vendedores e, sobretudo para as pessoas que trabalham no Café sobre a circulação, assiduidade e horários da pessoa desejada. Em alguns casos, são estabelecidos laços de confiança com os funcionários.

Trata-se de um universo de pessoas que frequentam assiduamente a livraria e o Café. Nesse sentido, é oportuno pensarmos a livraria e o Café como lugares que atuam na constituição de subjetividades ao mesmo tempo em que são constituídos pelos seus frequentadores e funcionam como contexto que revela e possibilita determinados usos de bens ou que fazem circular informações a seu respeito, estimulando ou não o interesse por objetos e práticas de consumo específico (FRANÇA, 2013).

Dessa forma, podemos observar a articulação entre subjetividades e desejos acionados em situações distintas, pois, a partir da relação estabelecida entre funcionários e os frequentadores, as informações são repassadas sobre a circulação de quem se tem interesse e, por vezes, encontros são intermediados por um funcionário portador das informações. Sérgio, que era o vendedor da livraria com o qual eu havia estabelecido uma aproximação, porque era

ele quem fazia os pedidos dos livros que eu solicitava quando não tinham mais exemplares no estoque da loja, um homem de aparentemente 30 anos, foi quem me explicou como funcionava a intermediação: “olha, foi assim com aquelas mulheres que você conhece. Elas vinham aqui toda tarde e nem atava e nem desatava [risos]. Uma, vinha às quartas, dia dos saraus. Então, eu dei um toque pra outra dizendo que era bom vir às quartas”.

Dar um toque se refere à ajuda do vendedor em aproximar duas pessoas que não avançam no jogo de sedução; “nem atava e nem desatava”, informando sobre outras oportunidades de encontros, os saraus. Tatiana era uma das mulheres citadas por Sérgio com a qual ele havia estabelecido um laço afetivo por meio das conversas quase diárias que tinham na livraria.

Os saraus tinham distintas organizações que poderiam ser ou não temáticas, mas sempre acompanhados por músicas, além do café, vinhos e, em menor quantidade, cervejas. No contexto do sarau, Tatiana comenta que é interessante porque o “espaço proporciona, de certa forma, uma aproximação. Parece que ficamos mais próximas das pessoas. Aí, eu amo vinho e poesia, acho que tomei a liberdade de me apresentar porque essa atmosfera contribuiu porque eu sou tímida, às vezes [risos]”. Tatiana, correndo os olhos e, agora, o corpo nos mesmos fluxos e intensidades, avançou no jogo da sedução por meio do “toque” do Sérgio, da poesia e do vinho. Assim, podemos analisar esses lugares como campos permeáveis a experimentações (FRANÇA, 2013).

Terminamos os nossos cafés e as nossas conversas ganharam outros contornos ao sairmos da Livraria. No entanto, as minhas memórias acionaram Fernando Sabino por meio do seu livro *Encontro Marcado*, no qual ele versa sobre a certeza de terem ficado três coisas: “a certeza de que estamos começando; de que é preciso continuar e de que podemos ser interrompidos antes de terminar” (SABINO, 2007, p. 15).

Do encontro com a Tatiana, três coisas ficaram: a certeza de que poderia não ser fácil estabelecer uma interlocução sobre a gramática da intimidade erótica-sexual das interlocutoras; precisava esboçar um começo; a insegura que o acesso a esse universo me fossem interrompidos. Então, por se tratar de assuntos da esfera da intimidade, optei por conversar com as interlocutoras com quais eu tinha uma maior abertura, ou seja, Dara, Fabrícia, Amora, Ana, Tatiana. A partir disso, continuei, pelos meandros sutis das relações que me foram abertas.

4.7 Parcerias, casamento e amor

Com a intenção de acessar a esfera da intimidade, produzi um roteiro com eixos temáticos destacando os temas: vida afetivo-sexual, relações conjugais, experiências e práticas sexuais. O resultado desse investimento resultou em narrativas que diziam sobre os sentidos atribuídos às configurações das parcerias, nas quais as categorias “relação”, “casamento” ou “estar casadas”, “sexo”, “traição”, “amor” apareceram. Nessa direção, relaciono os sentidos atribuídos a essas categorias.

Quando o assunto é relação afetiva e sexual entre duas mulheres, é comum a seguinte piada: “quando duas mulheres estão ficando, pode esperar que no dia seguinte o caminhão de mudança já está parado na casa de uma delas para fazer a mudança”. Escutei diversas vezes essa piada entre as mulheres com as quais interagi e com tantas outras em conversas corriqueiras, indicando para a rapidez da constituição de uma parceria. Para algumas mulheres, essas piadas ainda soam em tom irônico, pois nem todas compartilham da ideia de um “casamento instantâneo”.

Em momentos distintos, conversei com as interlocutoras sobre a constituição das parcerias, ou melhor, o percurso que as havia levado a “escolherem” as atuais parceiras. Portanto, as interlocutoras fizeram um histórico das suas relações, com o intuito de evidenciar os motivos pelos quais os relacionamentos anteriores findaram e justificar a “escolha” das atuais parceiras. Optei por não editar as vozes e, assim, ainda que extensas, deixarei as interlocutoras falarem, criando, construído e reformulando elaborações de si.

4.8 Sobre relações

Os sentidos dados a “relação” como parceria para Dara, Amora e Ana estão associados à ideia de família, ora aproximando-se da matriz heterossexual ora afastando-se, e acionam a categoria “casamento” ou “estar casada”. Dara argumenta:

Relação de verdade significa duas pessoas terem uma relação estável na qual pretendem construir alguma coisa juntas e que as famílias se respeitam, se conhecem. Minha mãe adorava uma ex-namorada, minhas irmãs também; como ser humano uma pessoa lindíssima, me levou pra frente, me ajudou muito a crescer, nos incentivávamos muito; foi uma relação de companheirismo.

A interlocutora atribui o sentido da relação articulado à categoria “respeito”, que pressupõe uma imagem positiva por meio de uma ascensão profissional e, a partir disso, ter o

respeito da família. Logo, o que torna o outro desejável são as intenções de companheirismo que possibilitam que a relação cresça externamente em torno da manutenção de um *status* de ascensão. Assim, na constituição da parceria afetivo-sexual “querer ser alguém na vida” é um elemento importante porque, a partir disso, ganha-se apoio moral e afetivo da família.

A ideia de “estar casada” aparece na trajetória de Dara quando ela compara a relação atual com as anteriores. Antes de conhecer a Fabrícia, a sua atual companheira (denominação dada pela interlocutora), vivia uma fase de “desencantamento” e tudo que ela queria “era encontrar uma pessoa e viver com ela para o resto da vida... mas, cada vez mais, fui percebendo que as coisas não eram bem assim, que os padrões eram muito heterossexuais” e dizia ser esse o preço “de ser *gay*”. Dara remete duas temporalidades para a compreensão desses padrões: o fim de um relacionamento marcado por muito sofrimento, pois não acreditava que a relação entre mulheres pudesse ter “tanto” sofrimento. Assimilou, então, de forma negativa a relação entre mulheres; em outro momento, ela retorna aos padrões heteronormativos positivamente quando se refere a sua atual relação com Fabrícia. “Moramos juntas e adoro nosso cotidiano e se isso for por conta dos padrões heterossexuais, eu adoro; isso para mim é estar casada, dividir o dia a dia”. No entanto, a interlocutora afirma que se sentir nessa relação, como casada, já é um grande passo e que tem algumas reservas em relação a ter filhos, por exemplo, que é um desejo de Fabrícia. Por se sentir uma mulher livre, teme situações que possam frear essa sensação, e diz: “filhos, para mim, sempre tive muito medo e isso é um desejo muito dela, Fabrícia, ela vai ter o filho, mas já estou colocando esse desejo dentro de mim e ver como vai ser, porque eu tenho desejos e projetos que não cabem filhos”. Em relação à união civil, Dara não apresenta nenhum interesse, apesar de considerar importante.

Amora, ao falar sobre o sentido de uma relação, traz a imagem da generosidade e a educação das irmãs como parâmetro, ou seja, a interlocutora cria um horizonte conceitual a partir do qual uma pessoa gentil e educada “pode ser até piegas, mas ela, no mínimo, ainda que não tenha vivido determinadas experiências de dor, sabe reconhecer, sabe se reconhecer no outro, entendeu? E isso é fundamental para se relacionar”.

Nesse sentido, Amora toma como referência um “primeiro amor”: “ela viveu comigo e com minhas irmãs. Era um casamento comigo e com minhas irmãs, em verdade” que durou oito anos, mas que chegou ao fim, não por falta de amor, e, sim, “porque ela queria repetir essa relação entre o pai e a mãe dela e os casamentos que ela viu dos irmãos mais velhos, toda aquela história e todo aquele simbolismo que era estético pra ela”. Então, tomando essa

experiência como uma relação que, apesar do seu fim, ela considera que está “representada” como uma relação que deu certo. Em suas palavras:

Certamente eu fiquei com Bete oito anos porque ela era parecida com minhas irmãs. Tem um desejo de incesto nessa história aí [risos], não é isso, é um conceito, já que é para definir ou conceituar eu penso que duas pessoas, para ficarem juntas, se suportarem, se relacionarem com qualquer pessoa, é muito difícil, se relacionar consigo mesmo é difícil imagine com outro. Em verdade, eu vivi com Bete oito anos porque foi um casamento comigo e minhas irmãs, compartilhava esse afeto e era mais fácil.

A partir dessa relação, Amora elabora um eixo de classificações das suas experiências posteriores a Bete e conclui que a falta de generosidade foi o fator que arruinou, por exemplo, o seu namoro com a Paula: “eu não concebia como uma relação, porque não era uma pessoa generosa”, assim como a Cristina, “menos” ainda, pois “ela se concentra no seu próprio umbigo”, tive outra que era “muito mimada”. Dessa forma, eu não considero que tive relação”. Mais uma vez, observamos a articulação entre o outro desejado relacionado à tentativa de manter uma manutenção dos vínculos familiares.

Por outro lado, há uma articulação com o desenvolvimento da “espiritualidade”, ou seja, generosidade e gentileza também estão relacionadas com a manutenção de uma espiritualidade que se contrapõe ao egoísmo. Amora explica que se considera uma pessoa que tem ira. Certa vez, ela escutou de uma ex-namorada que ela tinha “voltado pra esse mundo” por causa da ira. Essa crença fundamenta uma autojustificativa, dessa interlocutora em procurar se relacionar com pessoas generosas e gentis como uma maneira de se afastar de pessoas que tenham muito sentimento de ira. Assim, isso justificaria o fato de ela não gostar “de ninguém colérico perto de mim, porque já basta eu”. Então, para ela, é necessário, na relação afetivo-sexual, um reconhecimento de que o outro existe como elevação de sentimentos.

O casamento, para Amora, é um duplo movimento de imagens. Um de encaixe e outro de desencaixe. Logo, casar era “algo fora do sentindo”, pois remetia a uma imagem encaixada e que, se tratando de um casamento entre pessoas do mesmo sexo, poderia ser um desencaixe. No entanto, ela desconstrói a imagem do casamento entre pessoas do mesmo sexo como uma imagem desencaixada, argumentando que houve uma essencialização de posições binárias a partir das quais reforçava os enquadramentos sociais. Nesse sentido, o casamento seria um “ato formal”, que ela considerou como a “coisa mais ridícula”, tendo em vista, por exemplo, “duas mulheres de vestido, uma vestida mais parecida com o gênero masculino”.

Para Amora, a imagem do desencaixe dá densidade aos seus movimentos e, por conta disso, sentia-se extremamente envergonhada, porque, ao conhecer uma pessoa “cujas experiências a conduziram à gentileza” e “à generosidade de reconhecer o outro” e que esse outro não precisa ser ela, o desejo do casamento ganhou expressão quando sentiu vontade de “dividir” o seu cotidiano.

Ana associa a ideia de ter uma relação diretamente a casamento. Todavia, o sentido atribuído ao casamento é de uma tendência, uma reprodução de um modelo que ela particularmente considera “falido, então eu já cheguei em todos os meus relacionamentos falando isso, olha eu tenho pavor dessa história de casamento”. O sentimento associado ao casamento é de “escavidão”, do cerceamento da liberdade do outro, questão considerada com uma das mais importantes numa relação:

[...] sempre disse para minhas namoradas que elas eram livres e que eu também era livre. Todo casamento é como se a gente perdesse isso e ninguém perde isso, ninguém perde sua identidade, sua liberdade, ninguém pode perder isso, e o modelo que propõem é esse e todas as pessoas com as quais eu me relacionei vieram com esse padrão de limitar a liberdade da gente.

O sentimento de liberdade, por sua vez, está associado aos acordos estabelecidos entre o casal, ou seja, a relação para Ana parece estar baseada na manutenção de um “acordo” feito entre as partes: “eu posso fazer um acordo de só ficar com você ou não e tantos outros, mas não se deve extrapolar”. Para tanto, na relação afetivo-sexual, deve-se preservar as “particularidades de cada uma”, a “intimidade” e tentar afastar-se da ideia de “propriedade, apropriação, as pessoas querem se apropriar do outro, querem um ser escravo do outro”.

Ana se relaciona com Sara há mais ou menos seis anos e não se preocupa muito em computar o tempo da relação, não julga necessário porque o que ela considera importante é a qualidade, “quando você se sente bem em estar na presença daquela pessoa”. Ana não esconde o seu descontentamento com a rotina de um relacionamento, julgando-a como “desgastante” e talvez seja por isso “que eu fuja de casamento, porque conviver todo dia, pagar conta, levar menino no colégio é um negócio altamente brochante, essa rotina desgasta a relação, é essa convenção do casamento”.

O sentimento de “estar casada” aparece quando Ana se refere à intensa convivência com Sara, apesar de viajar semanalmente a trabalho e se contrapõe as pretensões de uma união civil. A dimensão pública de uma união estável não faz parte dos planos de Ana até mesmo por ela considerar que apesar de ter sido uma conquista importante para os direitos

sexuais “na hora da divisão dos bens, o que fica para um lado, o que fica para o outro, a herança pode ser importante para as pessoas no sentido de propriedade” não traz inovação para o arranjo conjugal. Dessa forma, a interlocutora afirma que o “modelo heterossexual” é copiado para as “relações homossexuais” a partir do “casamento”, da “adoção de crianças”, “brigas pela guarda”, por “pensão”, ou seja, conclui que é o “mesmo modelo sem inovações em termos de relação”.

4.9 Amor, sexo e traição

Amor, sexo e traição são categorias acionadas para dar densidade aos sentidos atribuídos à “relação”, “casada ou estar casada”. Dara foi à interlocutora que não atribuiu uma maior relevância ao sexo, de modo que não se aprofundou nesse ponto. Para ela, o sexo “faz parte da relação, só isso. É bom, é ótimo, como também outras coisas são boas e são ótimas. Não dou nem um ponto a mais para que merece o sexo”. A categoria sexo se articula à categoria amor. Nesse sentido, Dara argumenta que “nunca” é ruim “fazer sexo” com a pessoa que se ama, embora mesmo em uma relação em que exista amor, ela não sobrepõe o sexo ao amor:

[...] as pessoas dizem que vira amizade, né, relacionamento sem sexo, mas amizade é uma forma de amar, é um pouco confuso, sexo é ótimo, mas só isso, nada que me faça ficar com uma pessoa só por causa de sexo, sou muito resolvida com isso; mas é claro que fazer amor com a pessoa que amamos é maravilhoso.

Existe, nesse momento, a valorização do “fazer amor” com quem se “ama”, deixando entrever uma desvalorização da prática sexual sem um investimento afetivo. O amor está relacionado a sentir paz e, ao chegar nesse estágio, é porque as pessoas “estão se amando”. Para essa interlocutora, o amor é um sentimento crescente, enquanto a paixão “vem e explode e ela pode até virar amor, mas quase sempre não vira; o amor vai se solidificando. Nós começamos fazendo a base, devagarinho, então, cada vez mais está mais sólido. Eu passei a acreditar que as pessoas podem morrer juntas”.

No entanto, a relação sexo-amor-afeto ganha contornos ambivalentes que são tensionados pela companheira da Dara. Fabrícia, sem maiores reservas, fala sobre os acordos e as negociações a partir das categorias sexo/amor. Fabrícia afirma que o sexo é importante no seu cotidiano e “queria sexo todo dia”, apesar de sentir que a relação não se concentra em torno da prática sexual.

Todavia, Fabrícia explicita as possibilidades de ambas se relacionarem com “outras pessoas” em termos de prática sexual. Para explicar esse assunto, outra categoria é acionada, a “traição”. Por exemplo, Fabrícia atribui sentido à traição ao perceber que Dara está paquerando sem o seu consentimento: “eu prefiro que faça as coisas na minha frente, eu aceitando e concordando. Então, isso não é traição, porque eu vou saber, se eu aceito, então não é traição”. Dessa forma, parece existir, por meio do consentimento, uma flexibilização da relação em termos de campos de possibilidades para possíveis investimentos sexuais nos quais a vinculação do afeto não vem em primeiro plano.

Fabrícia explica melhor ao dizer sobre o funcionamento dessas relações no contexto da sua rede de relações. Já não gosta de sair especificamente com pessoas solteiras, tendo em vista que o propósito dessas é a “caça”. Esse é um termo para se referir às pessoas solteiras que saem com o intuito de “procurar” alguém, geralmente na noite, para qualquer tipo de relação. Afirma que, ao sair, por exemplo, para uma festa, geralmente noturna, na companhia de casais e de amigas (os) solteiros, esses podem despertar “atração” nos casais, podendo ou não ser estabelecido, durante a festa, um jogo de sedução-erotismo e, ao final da noite, um casal pode sair ou não com “outra” pessoa.

No entanto, se uma pessoa solteira se torna “desejada por alguém”, a princípio com a intenção de “sexo casual” e, por conseguinte, venha a sair outras vezes com aquele mesmo casal, a noção de uma pessoa “caçadora” é afastada, pois se muda o *status* para uma “pessoa que tem uma relação com um casal”, nas palavras de Fabrícia, ou seja, estabelece-se uma relação afetivo-sexual que pode durar meses ou dias. Contudo, independentemente da duração da relação, a pessoa que, eventualmente, venha a se relacionar com algum casal, pode ou não se situar na rede mais ampla de relações como amiga.

Nesse sentido, faz-se necessário seguir os códigos e os valores expostos pelo grupo. Caso contrário, serão desqualificadas como potenciais amigas. Assim, deve haver a manutenção da discrição. Embora corram rumores sobre uma “relação a três”, não é confortável torná-la pública. Fabrícia explica que as pessoas que não são próximas podem vir a saber, mas não é necessário confirmar. Esse argumento está relacionado à maneira como as mulheres administram a visibilidade de suas relações. Nessa linha de raciocínio, Heilborn (2004) destaca a identidade situacional do casal, caracterizada por uma esfera interna, que provê a unidade da díade, e uma dimensão externa que está relacionada à face pública, que reforça substancialmente a identidade do casal. Esse caráter se torna mais expressivo entre os casais homossexuais, pois, dependendo do contexto, a identidade do casal pode não ser reconhecida.

Essas pessoas não são chamadas por Fabrícia de “meninas brigadeiro”, termo utilizado por Tatiana. O sentido dado a uma “pessoa que tem uma relação com um casal” e as “meninas brigadeiro” é distinto. O primeiro tipo de relação diz sobre um casal que, a partir de um consenso, estabelece uma relação afetivo-sexual com uma terceira pessoa, enquanto o segundo tipo de relação não tem o sentido de consenso, conforme Tatiana expressa: “alguns casais já tiveram até confusão porque nas festas o negócio estava escancarado”, ao se referir a um desentendimento ocorrido entre um casal de amigas em uma festa no Jardim da Tulipas, decorrido por um flerte “extraconjugal”. Com a intenção de comparar o sentido desses tipos de relações, conversei com a Fabrícia, indagando-a sobre o sentido dessas relações e, mais uma vez, as categorias “afeto” e “confiança” foram acionadas: “só rola essas coisas se tiver uma conversa. E, se houve consenso, não é traição”.

Ao buscar compreender o sentido dessas relações mencionadas por Tatiana e por Fabrícia, a partir de outras mulheres da rede, observei movimentos distintos dessas duas interlocutoras. As falas apreendidas em campo, assim como as observações, permitem-me dizer que Tatiana está articulada em um contexto no qual se movimentava relacionalmente com pessoas de uma faixa etária entre 17 a 23 e Fabrícia está inserida com maior intensidade no núcleo de relações entre 29 e 46. Isto é, são eixos de relações distintas em uma rede maior, ou seja, a rede “como um corpo estendido” e em movimentos e intensidades distintos dentre os quais parece haver, no primeiro eixo, uma sobreposição das práticas sexuais sem a ideia de consentimento.

Por outro lado, ainda conversei com Amora e Ana sobre amor, sexo e traição e essas trazem a esfera do desejo, da sinceridade e do acordo para justificar outros arranjos afetivos ou sexuais. Amora, ao falar sobre sua vida íntima, argumenta que o sexo entre mulheres, homens e até “juntos e misturado”, depende do “desejo”, centrando as práticas no desejo, logo, ela desconsidera em suas palavras as possibilidades homoafetivas como alternativas, já que, para ela, “tudo depende do desejo” ou melhor “como ele é construído”.

Ao perguntar sobre as outras possibilidades de arranjos dentro de uma relação, a exemplo da “pessoa que tem uma relação com um casal” e as “meninas brigadeiro”, Amora diz que desconhecia essa última expressão, e conclui o assunto afirmando que as pessoas não estão isentas de realizar tais práticas e que até hoje não consegue estabelecer diferenças “quando é amor, quando é paixão e quando é fazer sexo, até hoje eu não sei, e, pra mim, é tudo igual”, tanto que ela namoraria, beijaria e transaria com todas as suas ex-namoradas, com exceção de uma delas.

Ana, mais enxuta na sua argumentação, mobiliza a categoria “sinceridade” para o estabelecimento de qualquer tipo de relação, pois as expectativas podem garantir decepções. Dessa forma, a pessoa com a qual se relaciona deve ser sincera e falar sobre os sentimentos, “falar o que está sentindo e dizer: olha, eu estou com você, mas quero estar com outras ou ficar com caras. Se ela quisesse fazer sexo a três e eu estivesse com vontade, eu ficaria, senão, ela ficaria com outras pessoas, tudo depende da circunstância”. O amor, para essa interlocutora, significa um processo que passa pela amizade e se diferencia porque “tem o sexo e outros prazeres”.

Portanto, as interlocutoras, ao falarem sobre as suas esferas íntimas, expressam os laços afetivos em consonância com os sexuais. Não há, portanto, desvalorização da dimensão erótica e sexual. A esse propósito, é importante elucidar que existe no pensamento comum a ideia de que, nas relações entre mulheres, há sobreposição do afeto, deixando em segundo plano, o erotismo e o sexo.

Nessa direção, tanto Muniz (1992) como Heilborn (2004) chamam a atenção para as marcações do amor e dos afetos como elementos primeiros nos relacionamentos homossexuais femininos que atuam em sobreposição às dimensões sexuais e eróticas, reforçando oposição entre o masculino e feminino. O primeiro, marcado pelo sexual e, o segundo, pelas afetividades. Em relação a essa questão, sirvo-me do posicionamento de Meinerz (2011), que está ancorado nas discussões sobre gênero a partir das teorias construtivistas mais radicais: compartilha a sua dificuldade em operacionalizar a categoria gênero proposta em termos essencialmente binários.

Assim, entendo as oposições masculino/feminino e sexual/afetivo a partir de uma visão de mundo relacionada a um contexto cultural e a um momento histórico específico. Desse modo, se o gênero é um operador das diferenças sociais, é preciso pensar as “[...] relações sexuais e afetivas entre mulheres a partir de seus efeitos de sentido e não a partir da comparação com as relações homoeróticas masculinas” (MEINERZ, 2011, p. 125). Com isso, a referência ao investimento afetivo não desvaloriza a dimensão erótica. A análise, aqui, indica os movimentos, ora aproximando-se da esfera afetiva ora afastando-se dela em relação às dimensões erótico-sexuais.

4.10 “Nós gostamos de sapatinhos de cristal”

Discuti anteriormente sobre como a categoria êmica, “meninas brigadeiro”, mobilizou as análises em relação aos sentidos atribuídos às relações, ao amor, à traição, ao sexo. Ela

aciona também classificações articuladas a partir do gênero, da classe e da geração. Então, o que torna o outro desejável? Quais são os perfis valorizados? Trataremos agora de responder a esses questionamentos. Começemos seguindo a escuta de outra categoria êmica: “sapatinhos de cristal”.

Às vezes, nos momentos de lazer, era no sítio da Rosa que os encontros aconteciam. Foi em um desses encontros, à beira da piscina, que conversamos. Não posso precisar a quantidade de pessoas que lá estavam especificamente nesse dia, mas posso dizer que o eixo principal da rede em estudo fazia parte dos convidados. Estávamos sentadas nas mesinhas típicas que decoram as áreas em torno da piscina, com um guarda-sol posicionado ao meio da mesa para proteção contra os raios solares. Naqueles momentos de eloquência, nos instantes de entrecruzamento de diversos assuntos em uma mesma mesa, extravasava um fluxo comunicativo envolvendo um pequeno núcleo de três mulheres, mas que logo chamou a atenção das demais quando escutamos: “nós gostamos de sapatinho de cristal”.

A discussão sobre essa expressão ganhou densidades nos diálogos, abrindo espaço para as diversas opiniões acerca das preferências por um tipo de feminilidade direcionada ao outro desejado. Nesse sentido, a expressão enunciada se refere às mulheres que “gostam” de se relacionar com mulheres esteticamente magras e “trabalhadas” nas academias; mulheres que valorizam o uso de maquiagem, roupas e sapatos e que seguem as tendências das grifes renomadas, em contraposição às mulheres consideradas “masculinizadas”, denominadas pelas interlocutoras de “caminhoneiras” e “sapas gordas”, que “não sabem se vestir”. Vejamos um trecho diálogo:

Jordana: Nós gostamos de sapatinhos de cristal e não adianta vocês dizerem que não gostam.

Pâmela: Sapatinho de cristal?

Jordana: Sim.

Fabírcia: Ah! Já sei, ela está falando isso porque ela não curte as saponas. Aquelas mulheres que, pelo amor de Deus, poderiam se valorizar, cuidar do corpo, usar uma maquiagem. Ficar mais feminina.

Cibele: É mesmo, me chama atenção uma mulher com unhas e cabelos feitas, cheirosa e que cuide do corpo.

Jordana: Negócio é o seguinte, eu, por exemplo, eu sou um pouco andrógena, mas tem a ver com estilo, som, viagens, acho que mais um lance de ser moderna, mas não me sinto e nem gosto de me sentir caminhoneira.

Amora: Olha, curto mulheres assim, mas gosto de gente e se forem assim também posso ficar. Espalhafatosas demais também eu não gosto, porque são exibicionistas demais. Sá falam das marcas.

Dara: Cada pessoa escolhe seu estilo, mas nós mulheres não podemos esquecer das lutas enfrentadas.

O diálogo acima aciona o compartilhamento de preferências que contam com variações de estilos, que dizem mais respeito ao conjunto de atributos sociais e culturais, portanto, mais articulado ao gosto de classe e ao estilo de vida adotado (BOURDIEU, 1983). Destaca-se daí que nessa rede ocorre uma sistemática regulação simbólica das características de seus membros por meio dessa dobra chamada “estilo de vida” que está relacionada ao sentido dado aos perfis valorizados, ou seja, um sentido dado ao feminino como uma expectativa de gênero, na qual existe um limiar em que o exibicionismo demasiado pode ser desclassificado, como aponta Amora, e androginia como uma possibilidade de transitar entre os gêneros, embora seja um limiar entre as performances femininas as “caminhoneiras”.

Nesse sentido, essas imagens dizem sobre os critérios estabelecidos sobre o outro desejado. No entanto, se alguma dessas mulheres tem um estereótipo distinto daquele enunciado, elas não falam. Isto é, o estereótipo desqualificado é sempre o do outro, questão percebida na pesquisa realizada na Suíça e na França sobre o *Sistema de gênero e os corpos lesbianos*, por Céline Perrin e Natacha Chetcuti (2002), na qual a “caminhoneira é sempre a outra”, pois, as interlocutoras, ao se definirem, distanciam-se dessa imagem, embora possam, por meio de algumas marcas simbólicas, assemelhar-se a uma performance de gênero masculino.

Por exemplo, Tatiana diz que a sua amiga Ana não se considera uma mulher no estilo “caminhoneira”, embora ela a considerasse ao vê-la usando “calça jeans e chinelas”. Nessa direção, Fabrícia argumenta “olha aí, a Maria tá gorda demais e com umas roupas nada a ver, tá *bucht* demais”. Tatiana e Fabrícia enunciam as suas preferências por um estilo de mulheres femininas e, em suas palavras, afastam-se de performances masculinas e dizem que não são “caminhoneiras”, logo, a “caminhoneira “sempre é a outra”. Ao pensarmos sobre essas imagens, podemos percebê-las como “[...] redes de relações significantes, relações estas que, em situações ritualizadas, criam o mesmo e o outro, a comunidade de interesse e o grupo, designando o outro e sendo designados por ele” (GONTIJO, 2009, p. 29).

Se as redes podem ser objetivadas através de símbolos e de elementos que compõem a aparência corporal, verificamos aí não uma homogeneização e, sim, imagens identitárias situacionais acionadas mediante a apresentação dos arbitrários de gênero. Logo, nesse contexto, a imagem de “sapatinhos de cristal” serve para uma manutenção dos possíveis arbitrários, como a imagem da “caminhoneira”. Outras categorias citadas para autoclassificação entre essas mulheres são: “sapatinhos de cristal”, “homossexuais”, em menor proporção, e “entendidas”. Ao classificarem outros estilos, falam em “saponas”, “meninas brigadeiro”, “pessoa que se relaciona com um casal”, “caminhoneira”, “*bucht*”.

Se articularmos gênero, corpo e geração para pensarmos essas classificações, conseguiremos analisar os processos de subjetivação, performatizando em seus corpos uma reprodução da feminilidade que dizem sobre os investimentos nos cuidados de si e a liberação do corpo enquanto sedutor (SANT'ANNA, 1995), tornando-o socialmente desejável, o que tem a ver com a valorização da juventude enquanto idade da vida. A estética corporal diz respeito à manutenção de um referencial entre gerações que, para Dara e Amora, tomando-as como exemplo, o processo de envelhecimento traz a reformulação de outros referenciais, ou seja, se entre o final da década de 1990 e primeira década dos anos 2000, elas se consideravam objetos de desejo de uma geração mais nova, agora as referências foram reformuladas:

Antes quando eu chegava a qualquer lugar, eu era o centro das atenções. Hoje eu consigo sentir, mas antigamente eram tantas meninas atrás de mim... meninas novas, bem novas, mas eu nunca gostei de meninas muito novas. No começo, eu namorava pessoas mais velhas e depois mais novas. Era o que aparecia na época, tinha isso, o olhar do mais novo para o velho e hoje não vê mais isso, na realidade eu não vejo mais ninguém olhando pra mim. Mas era impressionante como era antes. Eu recebia tanto bilhetes, tantas cantadas. Não ando muito na noite atualmente, mas se eu for, por exemplo, na festa Devassa, é a mesma situação, não vejo ninguém olhando, nem mais velha, nem mais nova. Talvez seja o meu olhar. O fator de perder esse referencial me deixa triste. Por isso, que eu cuido do corpo tanto por esse medo de envelhecer e também cuidar da saúde. Eu gosto de cuidar de mim e, por isso, não gosto de uma pessoa largada, e gosto, sim, da Fabrícia malhada, não precisa ser exagerada, mas eu gosto das pessoas que se cuidam. (Dara)

Eu tenho muito problema... envelhecer... por exemplo, as festas aqui em Teresina são destinadas pela escolha da música, por tudo que acontece na festa, são festas destinadas ao público jovem, pode ser que não, mas essa é a sensação que eu tenho é de que é destinado ao público jovem. Sempre que chego nessas festas ou porque eles estão lá eu me sinto completamente ridícula, decadente e acho que porque talvez exista uma coerência com manejo social da coisa mesmo, porque é o seguinte, é lógico que as festas são feitas para os jovens mesmo, são eles que têm força para aguentar até de manhã, são eles que têm mais força para consumir, a gente, uma hora da manhã quer vir embora, consumimos menos cerveja, menos cigarro, menos tudo, a gente demora pouco nos lugares. A Dara, coitada, vai embora doze horas, Soraia ainda é jovem, mas uma hora da manhã quer ir embora. (Amora)

Nesse sentido, observo um campo de forças por meio do seguinte movimento: essas mulheres, ao elaborarem imagens de si, produzem um *continuum* entre a reprodução de uma feminilidade na qual as imagens acionadas podem ser vistas como um conjunto de regras e de regulamentos práticos por meio dos quais o corpo é treinado e moldado com possibilidades de outras performances nas quais a dominação de gênero e as normatizações podem vazar, por

exemplo, na valorização da imagem andrógena. Esse *continuum* entre as imagens “sapatinho de cristal” e “caminhoneira” se torna um ponto de partida para pensarmos os corpos articulados ao capitalismo, aos deslocamentos, aos trânsitos, “corpos passagens” (SANT’ANNA, 2001) que redefinem hierarquias (BORDO, 1997) submetidas aos dispositivos de poder que geram forças, regulam e disciplinam o corpo feminino (FOUCAULT, 2014).

Assim, falo de uma autopercepção dessas mulheres, que versa sobre as suas subjetividades como meio de se inserir no mundo. Não se pode perder de vista que estamos tratando de interlocutoras pertencentes às classes médias urbanas, com curso superior completo, algumas com pós-graduação, que se utilizam de conhecimentos acadêmicos, filosóficos e psicológicos para falarem sobre si, demonstrando a fronteira simbólica significativa, característica das camadas médias urbanas, privilegiando um perfil moderno marcado por uma ideologia individualista (DUMONT, 1985; VELHO, 1987; SALÉM, 1987; HEILBORN, 2004; GUIMARÃES, 2004).

Dessa forma, aproximam-se de imagens identitárias simétricas marcadas por princípio de igualdade como uma atualização da premissa básica do individualismo igualitário no qual a preeminência do masculino e a sua associação com o mundo público são substituídas pelo princípio igualitário que institui a não demarcação de fronteira entre os gêneros, uma vez que, percebidos como iguais, os indivíduos de ambos os sexos são portadores dos mesmos direitos (SALÉM, 1987; HEILBORN, 2004). Portanto, esses sistemas de classificações atualizam o modelo igualitário-moderno apontado por Fry (1982), permitindo-nos ampliar as análises dos processos de construção, por que não dizer das marcas identitárias nacionais a partir dos estudos sobre homossexualidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Suely Rolnik (2007), em *Cartografia Sentimental*, proporciona uma inspiradora leitura sobre os movimentos do desejo contemporâneo, destacando a trajetórias das “noivinhas”, das mulheres como um fluxo contínuo de desterritorialização da subjetividade que frequentemente abalam os territórios da alma. Elisângela Barbosa Cardoso (2012), iluminada por essa referência, permite-nos acompanhar, em *Múltiplas e Singulares*, os processos de individualização e de singularização das experiências femininas, tendo como foco as relações de gênero e as condições históricas que tornaram possíveis a emergência das mulheres nos espaços públicos do ensino superior e do trabalho na cidade de Teresina.

As duas autoras me ajudaram a concluir que as mulheres das redes de relações em estudo se movimentam em múltiplas posições, em um contínuo processo de (des)territorialização, ora rompendo, rachando, vazando as normas, ora reproduzindo-as. Nas relações entre sexualidade, gênero, família e trabalho, as mulheres contestam a normatividade das expectativas de gênero, de uma dominação masculina (BOURDIEU, 2002) e redefinem a ideia de conjugalidade e do sentido atribuído ao amor romântico (GIDDENS, 1998) uma vez que esse estava assentado em uma matriz heteronormativa.

Dessa forma, no plano simbólico, relacionar-se afetivo-sexualmente com outra mulher subverte a norma. Essa questão aciona o investimento profissional como um campo de possibilidade e espaço de agência como meio de assegurar uma autonomia financeira, operando através da imagem de uma mulher bem sucedida que garantiria respeitabilidade e aceitação. Poderíamos dizer que tal investimento também é uma estratégia estabelecida com o intuito de acionar, por outro lado, uma imagem positivada da homossexualidade, já que, para algumas dessas mulheres, o estigma (GOFFMAN, 2004) revestido no senso de vergonha, do medo e da humilhação se fizeram presentes, colocando-as como desviantes.

Essas questões se tornam fatores de pertencimento e de distinção nessas redes de relações que trazem a noção de mulheres públicas bem-sucedidas que ganham legitimidade pelo *status* e pelo prestígio. Vemos então, a família, a ascensão profissional e a manutenção da imagem pública como valores que regem as relações, e foi por meio deles que se deu o entrelaçamento das relações de amizade. Soma-se a isso, a afinidade a partir do compartilhamento da homossexualidade e de um gosto de classe, deixando entrever as moralidades que amalgamam essas relações.

Por meio do compartilhamento desses códigos e valores, as redes ganham intensidade, movimentam os desejos e os afetos, fazendo-os circularem e ganharem expressões, seja na amizade, na paquera, no namoro, nas relações casuais regulando as práticas e os corpos. Ao acessarmos essas micropolíticas, acompanhamos distintos contextos da circulação dos afetos e

dos desejos (re)posicionando as interlocutoras em diferentes teias de significados (GEERTZ, 2012).

Portanto, compreendo a importância de estar dentro ou fora das redes, embora entendendo, por outro lado, que estar *entre redes* é o ponto central que desvela o interessante jogo entre o revelar-se e o preservar-se em meio a uma pluralidade de subjetividades dialógicas, relacionais, mutantes, nômades, polifônicas, múltiplas e também singulares. Arrisco dizer que o *entre* pode dialogar com o conceito de *hecceidade*, desenvolvido por Gilles Deleuze e Félix Guattari:

[...] Há um modo de individuação muito diferente daquele de uma pessoa, um sujeito, uma coisa ou uma substância. Nós lhe reservamos o nome de hecceidade. Uma estação, um inverno, um verão, uma hora, uma data têm uma individualidade perfeita, à qual não falta nada, embora ela não se confunda com a individualidade de uma coisa ou de um sujeito. São hecceidades, no sentido de que tudo aí é relação de movimento de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e de ser afetado [...]. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 47).

Nessa direção, *hecceidade* é um modo de individuação concebido de forma relacional, mas se constituindo como um “[...] plano inteiramente outro das formas, das substâncias e dos sujeitos” ou, ainda, um devir. Seríamos, dentro dessa equação, latitudes e longitudes, velocidades e lentidões as mais variadas. Ou, como Deleuze e Guattari parecem se referir, esse algo que quebra as consistências, ultrapassa os limites, que irrompe para além das fronteiras, e que, embaralhando as formas, foge para fora dos estratos a fim de quebrar as funções à força de agenciamentos e de microagenciamentos. Contrariamente, o “[...] plano de organização” parece ser esse lugar onde os modelos e os padrões se situam, trabalhando continuamente para “tapar as linhas de fuga”, interromper “[...] os movimentos de desterritorialização, lastreá-los, reestratificá-los, reconstituir formas e sujeitos em profundidade” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 60). Esses autores diferenciam, ainda, *hecceidade* de agenciamento. Agenciamento é semelhante a “[...] um corpo que só é considerado como longitude e latitude, hecceidade é o *intermezzo*, meio resultante do cruzamento das longitudes e latitudes: é o inter-agenciamentos que marca igualmente as potencialidades de devir no seio de cada agenciamento” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 112). É no *intermezzo* onde as mulheres dessas redes afetam e se deixam afetar em múltiplas posições.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, Marc. **A guerra dos sonhos**. Campinas: Papirus, 1997.

ARAÚJO, Cristina Cunha de. **Trilhas e estradas**: a formação dos bairros Fátima e Jockey Clube (1960-1980) [manuscrito] / Cristina Cunha de Araújo. – 2009.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Editora terceiro nome, 2011.

ALMEIDA, G. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Revista Gênero**. Niterói, v. 9, n. 1, p. 225-249, 2008.

BARNES, John A. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas**: Métodos. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BIANCO, Bela Feldman (Org.). **Antropologia das Sociedades Complexas**. São Paulo, Ed. Global, 1986.

BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar Ética do humano**: compaixão pela terra. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BOTH, Elizabeth. **Família e Rede Social**. Rio de Janeiro, Ed. Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre "Gostos de classe e estilos de vida". In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu**: sociologia São Paulo: Ática, 1983.

_____. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BECKER, Howard. Outsiders. **Estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008

BOZON, Michel. Sociologia da sexualidade. Tradução de Maria Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos pagu (26), janeiro-junho de 2006: pp.329-376.

BUTLER, Judith. **Fundamentos contingentes**: o feminismo e a questão do pós-modernismo. Cadernos Pagu, n. 11, 1988, p. 11-42.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires: Paidós, 2002a.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria (entrevista com Judith Butler feita por Baukje Prins e Irene Costera Meijer). **Revista Estudos Feministas**. Vol. 10, n. 1, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **O parentesco é sempre tido como homossexual?** Cadernos Pagu, n. 21, 2003.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. **Múltiplas e singulares**: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)./ Elisangela Barbosa Cardoso-. 2. Ed. Teresina: EDUFPI, 2012.

CARDOSO, Ruth. Aventuras em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: ____ (org.) **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, pp. 95-105.

CARVALHO, Tamara Teixeira. **Caminhos do desejo: uma abordagem das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

CARRARA, Sérgio; SIMOES, Júlio Assis. “**Sexualidade, cultura e política**: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira”. Cadernos Pagu, Campinas, 174 n. 28, 2007.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. Editora perspectiva, São Paulo, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 1997. (Coleção TRANS)

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FRY, Peter. **Nas Redes Antropológicas da Escola de Manchester**: Reminiscências de um Trajeto Intelectual. Revista Iluminuras. v. 12, n. 27. UFRGS, 2011.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras**: mulheres, homossexualidades e diferenças na cidade de São Paulo. 2008. Tese (Doutorado)- Pós-Graduação em Ciências Sociais. UNICAMP. Campinas: 2008.

FACCHINI, Regina. **Vinte anos depois**: mulheres, (homo)sexualidades, classificações e diferenças na cidade de São Paulo. Revista Gênero, Niterói, v. 9, n. 1, p. 195-223, 2. 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “**Ser afetado**”. Cadernos de campo, n. 13, pp. 155-161, 2005.

FORTES, Ana Carolina Magalhães. **A escola e a Educação Não-Escolar**: experiências da mulher lésbica afrodescendente. (Dissertação de Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, 2013.

FOUCAULT, Michael. História da sexualidade 2: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1984.

_____. **Michael. História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

_____. Michael. História da Sexualidade: A vontade de Saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. Michael. Microfísica do poder. 25.ed. São Paul: Edições Graal, 2012

_____. Michel. As Palavras e as Coisas. 9.ed, São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).

FRANÇA, Isadora Lins. **Consumindo lugares, consumindo nos lugares**: homossexualidade, consumo e subjetividades na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: _____. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1982. p. 87-115.

GAGNON, John. **A interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GALLAS, Ana Kelma Cunha. **Redes de Sociabilidades Gays em Teresina**: Lógicas e Estratégias de pertencimento. (Dissertação de mestrado) - Programa de pós-graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, 2013.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978.p.13-41.

GEERTZ, Clifford. "Ethos", Visão de Mundo e a Análise dos Símbolos Sagrados. In: _____. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1978, pp. 93-106.

GREEN, James. "**Mais Amor e Mais Tesão**": a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. *Cadernos Pagu*, v.15, 2000. p. 271-295.

GLUCKMAN, Max. "Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna" In: GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002

GOFFMANN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMANN, Erving. **Estigma**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

GOFFMANN, Erving. **Ritual de interação**. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOLDMAN, Márcio. **Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia**. *Cadernos de campo*, n. 13: 149-153, 2005.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. *Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*. **Revista de Antropologia**, São Paulo USP, 2003, v. 46, n. 2.

GONTIJO, Fabiano. Quem são os simpatizantes? Culturas identitárias homossexuais no Brasil urbano. **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. XI, n.21, p. 1-6, 2004

GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o Arco-Íris: Carnaval e Homossexualidade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GONTIJO, Fabiano; REIS, Pâmela Laurentina. Caiu na rede...: Redes de sociabilidade e narrativas biográficas de mulheres que amam mulheres em Teresina (Piauí) e em São Luís (Maranhão). **Revista FSA** (Faculdade Santo Agostinho), v. 11, p. 94-116, 2014.

GONTIJO, Fabiano; REIS, Pâmela Laurentina. **Mulheres em Rede: sociabilidade, moralidade e narrativas biográficas de lésbicas no Piauí e no Maranhão**. *Amazônica: Revista de Antropologia (Online)*, v. 6, p. 140-169, 2014.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GUIMARÃES, Carmen Dora. **O homossexual visto por entendidos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. (Coleção: Sexualidade, Gênero e Sociedade).

HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

HARAWAY, Donna. “**Gênero para um dicionário marxista**: a política sexual de uma palavra”. Cadernos Pagu, Campinas, n. 22, jun. 2004.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Amizade e Modernidade. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 11, n. 33, 2012

LABOMBE, Andrea. “Tu é ruim de transa!” ou como etnografar contextos de sedução lésbica em duas boates GLBT do subúrbio do Rio de Janeiro. In: (Orgs.) Maria Elvira Díaz-Benitez e Carlos Eduardo Figari. Prazeres dissidentes. Garamond, 2009, p. 373-392.

LACOMBE, Andrea. Reformulando espaços e revisitando gêneros: socializações lésbicas em um bar no Rio de Janeiro. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 1, p. 251-269, 2. sem. 2008.

LACOMBRE, Andrea. “**Pra homem já tô eu**”. **Masculinidades e socialização lésbica em um bar no centro do Rio de Janeiro**. (Dissertações de mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

LOMNITZ, Larissa Adler. “Redes sociales y partidos políticos en Chile”. In: **Revista Redes**. v.3, sept-nov, 2002. Disponível em: <http://revista-redes.rediris.es>. Acesso em 5 de agosto de 2010

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

MEINERZ, Nádia. Entre mulheres. **Etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011. 194 p. (Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade. Homossexualidade e Cultura).

MITCHELL, Clyde. **Social Networks in Urban Situations: Analysis of Personal Relationships in Central African Towns**. Manchester: Manchester University Press, 1969

McCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial: Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial**. Campinas: Editora Unicamp, 2010.

PITT-RIVERS, Julian. 1971 [1965]. “Honra e Posição Social”. In J.G. Peristiany (org.). **Honra e Vergonha**: valores das sociedades mediterrâneas. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

OLIVEIRA, Jainara G. de. "De perto e de dentro". Um olhar antropológico sobre o acesso a saúde sexual entre mulheres que fazem sexo com mulheres em Maceió/AL. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção** (Online), v. 11, p.737-812, 2012.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós- - colonialismos, feminismos e estudos queer. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 395-418.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

PERUCCHI, Juliana. **Eu, tu, elas - investigando os sentidos que mulheres lésbicas atribuem às relações sociais que estabelecem em um gueto GLS de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 2001

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade do gueto? In: ARIÉS, Philippe; BÉJIN, André (Org.). **Sexualidades ocidentais: contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1987.p.54-76.

REZENDE, Cláudia Barcellos; COELHO, Maria Cláudia Pereira. **Antropologia das Emoções**. São Paulo: FGV, 2010.

REZENDE, Claudia Barcellos. **Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, n. 05, 2010, p. 17-44.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 121-139. Cuidados de si e embelezamento feminino: Fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In:

SEDGWICK, Eve Kosofsky. "A epistemologia do armário". **Cadernos Pagu**, v. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.

SILVA, Daiany Caroline Santos. **Significações a respeito da masculinidade entre jovens gays na cidade de Teresina: fatores reguladores da sexualidade**. (Dissertação de mestrado) - Programa de pós-graduação em Antropologia e Arqueologia, Universidade Federal do Piauí, 2013.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Gilberto (Org.). O fenômeno urbano. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1967.

_____. Psicologia do Coquetismo. In: **Filosofia do Amor**. Tradução de Luís Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

_____. **Cuestiones fundamentales de sociologia**. Barcelona: Editorial Gedisa S.A., 2002

SIMMEL, Georg. Fidelidade: Uma tentativa de análise sócio-psicológica. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 2, n. 6, Dezembro de 2003.

SIMMEL, Georg. **Questões Fundamentais da Sociologia**: indivíduos e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

VANCE, Carole A. **A antropologia redescobre a sexualidade**. Um comentário teórico. Physis-Revista de Saúde Coletiva, 5 (1), 1995.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro: Zahar, [1989] 2013.

VENCATO, Ana Paula. “Algumas garotas preferem garotas”: The L Word, sexualidade e as políticas de visibilidade lésbica: the l word, sexualidade e as políticas de visibilidade lésbica”. In: **Caderno-de-texto (completo) do GT: Família-Gênero-e-Sexualidades-perspectivas-contemporâneas-em-debate**. Montevideo, RAM, 2005.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**. 6.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, [1997] 2012.

VELHO, Gilberto. O desafio da proximidade. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina. **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.p.11-19.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**. Uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2006.

VELHO, Gilberto (Org). **Desvio e divergência**: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

VELHO, Gilberto (Org). **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

ZAMBONI, Marcela. “**Quem acreditou no amor, no sorriso, na flor**”: a confiança nas relações amorosas. (Tese de doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de Pernambuco, 2009.